

**CAMINHOS DE MEMÓRIAS:
CONSTRUÇÃO DE EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS**

Programa IPL60+

Relatório de Projeto

Vânia Daniela Pinto de Oliveira

Trabalho realizado sob a orientação de

Prof.^a Doutora Jenny Gil Sousa

Prof.^a Doutora Maria Pereira Kowalski

Leiria, setembro de 2018

Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

AGRADECIMENTOS

Gostaria de prestar o meu sincero obrigado a todos que de certa forma contribuíram para a concretização e execução do presente projeto.

À minha orientadora Jenny Sousa, que se mostrou incansável no decorrer de todo o processo. Por todo o carinho e dedicação que demonstrou, pelo entusiasmo e motivação que me transmitiu, e acima de tudo pelo tempo que dedicou para que o trabalho se concluísse da melhor forma.

À minha coorientadora Maria Kowalski, pela disponibilidade e pela presença em todos os momentos e pelo precioso contributo que prestou nas estratégias e implementação do projeto.

A todos os professores do MIAA pela preparação que nos deram no percurso desta jornada, especialmente à Professora Doutora Maria de São Pedro, pela simpatia e disponibilidade em todos os momentos.

Às Professoras Doutoradas Sara Mónico e Luísa Pimentel, coordenadoras do Programa IPL60+, que sempre se mostraram muito disponíveis para ajuda na concretização de todo o processo de intervenção.

Aos estudantes que participaram no presente estudo, em especial ao Senhor José Júlio, que sempre esteve presente dedicando de coração o seu tempo e conhecimento, pela amizade e companheirismo que sempre demonstrou comigo.

Aos meus colegas e amigos, André Sousa e Rita Assunção pela amizade, presença e partilha de momentos nas melhores e piores situações.

Ao meu namorado e companheiro, Emanuel Custódio, que sempre me apoiou e me ajudou com palavras encorajadoras, e pelo tempo que permaneceu ao meu lado transmitindo-me confiança em todos os momentos.

E por último, um especial obrigado aos meus pais, Maria Pinto e Domingos Oliveira, que sempre permaneceram ao meu lado. Por ouvirem os meus queixumes e as minhas inseguranças e sempre me darem força para chegar onde estou agora.

RESUMO

Ao longo das últimas décadas, verificou-se um envelhecimento considerável da população devido a uma melhoria das condições de vida (na saúde, na segurança, na educação, etc.), resultando no aumento da esperança média de vida e, conseqüentemente, no aumento do número da população idosa. Esta situação, apesar de positiva, traz à tona o aparecimento de uma nova preocupação – a de trabalhar para um envelhecimento ativo.

Apesar de o envelhecimento ser um processo que decorre ao longo de toda a vida, existem, no entanto, diferentes formas de envelhecer, cabendo a cada indivíduo trabalhar em prol do seu envelhecimento positivo.

Neste sentido, partindo dos pressupostos teóricos do envelhecimento ativo e da importância da aprendizagem ao longo da vida, nasceu o projeto *Caminhos de Memória: Construção de Experiências Significativas* que procurou promover junto dos estudantes do Programa IPL60+ experiências culturais significativas, bem como, fomentar relações afetivas e ligações com a cidade de Leiria.

O presente projeto contou com a participação de dez seniores que pertencem ao Programa IPL60+. Ao longo de todo o processo de intervenção realizaram-se seis sessões de aula e duas de visita pela cidade, foram trabalhados temas ligados à memória e à afetividade, ao património e à cultura, ao espaço público e privado, com o intuito de construir um roteiro em que as memórias de cada um dos participantes tivesse destaque na descrição e apropriação do espaço da cidade. Não obstante, o que se pretendia, acima de tudo, era fomentar momentos de partilha de conhecimento, espaços de convívio e socialização.

O presente projeto trata-se de um estudo com abordagem qualitativa, inserido na tipologia de investigação-ação. Os instrumentos de recolha de dados utilizados foram a observação direta, registada no diário de bordo que foi realizado ao longo de todo o processo; os questionários de carácter aberto realizados aos participantes e as entrevistas semiestruturadas, também aplicadas aos participantes. O instrumento escolhido para tratamento dos dados foi a análise de conteúdo.

Os resultados obtidos permitem perceber que os participantes não tinham uma relação muito fortalecida com a cidade de Leiria, mas manifestavam interesse em conhecer a história e visitar todos os espaços históricos que tinham ao seu dispor, num ambiente de convívio e de partilha de conhecimentos, constituindo-se em pontos fundamentais que estimulam a participação cultural e a criação de experiências culturais significativas.

Palavras chave

Envelhecimento Ativo; Lazer, Cultura e Património; Participação Social e Cultural; Universidades Seniores

ABSTRACT

Over the last few decades there has been a considerable aging of the population due to improved living conditions (in health, safety, education, etc.), resulting in an increase in the average life expectancy and, consequently, in the increase of the number of the elderly population. This situation, although positive, brings out the appearance of a new concern - that of working for an active aging.

Although aging is a lifelong process, there are nevertheless different ways of aging, and it is up to each individual to work towards their positive aging.

In this sense, starting from the theoretical presuppositions of active aging and the importance of lifelong learning, was born the project *Caminhos de Memória: Construção de Experiências Significativas* that sought to promote to IPL60+ students significant cultural experiences, as well as foster affective relationships and connections with the city of Leiria.

This project was attended by ten seniors who belong to the IPL60 + Program. Throughout the intervention process, six lecture sessions and two city visits were carried out, themes related to memory and affectivity, heritage and culture, the public and private space were worked on, in order to build a script in which the memories of each one of the participants had prominence in the description and appropriation of the space of the city. Nevertheless, what was intended, above all, was to foster moments of sharing of knowledge, spaces of socialization and socialization.

This project is a study with a qualitative approach, inserted in the typology of action research. The data collection instruments used were the direct observation, recorded in the logbook that was carried out throughout the whole process; the open questionnaires made to the participants and the semistructured interviews, also applied to the participants. The instrument chosen for data processing was content analysis.

The results obtained show that the participants did not have a strong relationship with the city of Leiria, but expressed an interest in knowing the history and visiting all the historical spaces that had at their disposal, in an environment of conviviality and sharing of knowledge, constituting on

key points that stimulate cultural participation and the creation of meaningful cultural experiences.

Key words

Active Aging; Leisure, Culture and Heritage; Social and Cultural Participation; Senior Universities

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	ii
Resumo.....	iii
Abstract	v
Índice Geral	vii
Introdução.....	1
Capítulo I – Enquadramento Teórico	3
1. Lazer, Cultura e Património: relações de complementaridade no desafio do envelhecimento ativo.....	3
1.1. Lazer e Cultura.....	3
1.2. Cultura e Património	8
2. Envelhecimento Ativo e Aprendizagem ao Longo da Vida	11
3. Universidades Seniores	16
Capítulo II – Projeto de Intervenção	20
1. Enquadramento metodológico do Projeto	20
1.1. Investigação-ação.....	21
1.2. Instrumentos de Recolha de Dados	23
1.3. Análise de Conteúdo	27
1.4. Procedimentos éticos.....	28
2. O Projeto de Intervenção: <i>Caminhos de Memórias: Construção de Experiências Significativas</i>	29
2.1. Caracterização da Instituição – Programa IPL60+	30
2.2. Caracterização dos Participantes	32
3. Desenvolvimento do Projeto de Intervenção	34
3.1. Planificação da Intervenção	35
3.2. Implementação – Desenvolvimento de Sessões.....	37
Capítulo III – Apresentação e Discussão dos Resultados	42
1. Relação com a cidade.....	42
2. Projeto e dificuldades na concretização	46
3. Participação.....	49
4. Relação com o outro	52
Capítulo IV – Conclusões	54

Limitações	56
Recomendações	58
Referências Bibliográficas	59
Anexos	69
Anexo 1 – Entrevista de Grupo	69
Anexo 2 – Diários de Bordo	70
Anexo 3 – Questionários da sessão V	81
Anexo 4 – Entrevistas a Comerciantes Leirienses	105
Anexo 5 – Entrevistas aos participantes	106
Anexo 6 – Planificação da Intervenção	118
Anexo 7 – Espaço Público e Privado, exercício	119
Anexo 8 – Análise de Conteúdo	120

INTRODUÇÃO

Com o decorrer dos anos tem vindo a verificar-se um crescimento no número de pessoas com mais de 60 anos (OMS, 2007, P.3). Numa sociedade em constante mudança, que beneficia de condições de vida cada vez melhores, esta torna-se uma imagem que parece permanecer no futuro das nossas sociedades. Face a esta realidade, luta-se para que o envelhecimento seja visto, e vivido, da forma mais positiva possível.

Os programas universitários para seniores são um ótimo exemplo de como se pode trabalhar para um envelhecimento ativo, pois enquadraram não só este conceito como também o de formação e aprendizagem ao longo da vida (Jacob, 2011, p.119). Para além de proporcionarem ao idoso a ocupação do tempo livre com atividades recreativas e de lazer, numa partilha de momentos entre diferentes gerações, possibilitam o desenvolvimento pessoal, social e cultural (Carvalho & Silva, 2015, p.50).

Estas universidades desempenham um papel importantíssimo na sociedade e na construção da identidade do idoso, promovem a autoestima e acima de tudo incentivam à participação social (Oliveira & Oliveira, 2008, p.5), contribuindo para o seu bem-estar. Neste sentido, surge a ideia de trabalhar o lazer, a cultura e o património que se aliam na construção do projeto *Caminhos de Memórias: Construção de Experiências Significativas*, e se encontram como pilares para o desenvolvimento dos mais velhos nas perspetivas anteriormente referenciadas (pessoal, social e cultural).

Este projeto foi desenvolvido com um grupo de estudantes que pertencem ao Programa IPL60+. Trata-se de uma investigação-ação, de cariz qualitativo, permitindo, desta forma, que haja flexibilidade em adaptar situações conforme os resultados obtidos numa realidade concreta (Serrano, 204, p.103). Foram adotados como instrumentos de recolha de dados a observação direta, a construção de um diário de bordo, entrevistas semiestruturadas e questionários do tipo aberto. Foi utilizada a análise de conteúdo como técnica de tratamento dos dados recolhidos, visto ser uma técnica muito usada nas ciências sociais, ainda mais em estudos com contornos de investigação-ação e de natureza qualitativa (Esteves, 2006).

Neste sentido, e atendendo à temática trabalhada, foi definida como questão de partida: **Quais os contributos do Projeto *Caminhos de Memórias: Construção de Experiências Significativas* na construção de experiências culturais significativas para os estudantes do Programa IPL60+?**

De modo a responder à questão de investigação, foi formulado como objetivo geral: *Conhecer os contributos da realização de práticas culturais na construção de experiências significativas para os estudantes do Programa IPL60+*. Com o intuito de operacionalizar este objetivo, foram definidos os seguintes objetivos específicos: *Perceber a importância da socialização na construção de experiências significativas; Identificar a ligação dos seniores com o espaço-cidade em que habitam; Conhecer a importância que os seniores atribuem à partilha das memórias afetivas /experiências de vida; e, por último, perceber de que forma a vivência de experiências culturais dotadas de significado incentivam a participação sociocultural dos seniores.*

Com base nestes pressupostos e norteado por estes propósitos, o presente trabalho foi organizado em quatro capítulos.

Capítulo I. Enquadramento Teórico - faz-se uma revisão da literatura, focando os temas centrais do projeto. São analisados vários autores e pretende-se criar uma sustentação teórica que vá ao encontro dos conteúdos trabalhados, neste caso contextualizado com os temas *Lazer, Cultura e Património: relações de complementaridade no desafio do envelhecimento ativo, Envelhecimento Ativo e Aprendizagem ao Longo da Vida* e, por último, *Universidades Seniores*.

Capítulo II. O Projeto de Intervenção – diz respeito à contextualização de toda a metodologia subjacente ao estudo e à intervenção, com todos os instrumentos e técnicas de tratamento dos dados recolhidos. Fala-se do conteúdo e da ideia do projeto, bem como dos participantes com quem foi desenvolvida a intervenção e é ainda explicado todo o processo de implementação dessa intervenção.

Capítulo III. A Apresentação e Discussão de Dados - consubstancia o processo de análise dos dados, numa interação entre a pesquisa empírica e os referenciais teóricos discutidos no primeiro capítulo do trabalho.

Capítulo IV. Conclusões – resume das conclusões e considerações finais desta pesquisa e são apontadas as limitações e deixadas algumas recomendações.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. LAZER, CULTURA E PATRIMÓNIO: RELAÇÕES DE COMPLEMENTARIDADE NO DESAFIO DO ENVELHECIMENTO ATIVO

Lazer, Cultura e Património surgem como temas centrais no desenvolvimento do projeto *Caminhos de Memórias: Construção de Experiências Significativas*, muito associados à participação social e à motivação para o trabalho, ao sentido de pertença (identidade) e à capacidade autónoma. Por assim dizer, a um envelhecimento positivo ou bem-sucedido.

O envelhecimento é um processo que acontece ao longo de toda a vida, e apesar de existirem formas diferentes de envelhecer, cabe a cada um procurar formas de promoção de bem-estar ao longo de toda a vida. É neste quadro, que se salientam o lazer, a cultura e o património enquanto temas que funcionam quase como uma estratégia para combater os pontos negativos que podem surgir no percurso da vida.

O lazer/ócio poderá ser uma ótima forma de o indivíduo se manter ativo, especialmente durante a velhice, porque proporciona um tempo prazeroso e estimula os sentidos. A cultura e o património muito ligados ao sentimento identitário e às relações com a sociedade e à cidade (participação social). Neste sentido, torna-se crucial abordar estes temas e esclarecer a sua importância na relação de complementaridade no desafio do envelhecimento ativo.

1.1. LAZER E CULTURA

O lazer, muito associado à cultura, resulta do tempo livre do indivíduo e da procura da satisfação em realizar determinada prática ou vivenciar determinada situação. (Marcellino, 2005, p.28 in Marcellino, Sampaio, Felipe & Mariano, 2007, p.12). Este conceito ganha importância com o passar dos anos, uma vez que surge muitas vezes como recompensa do trabalho ou como ocupação do tempo na realização de atividades satisfatórias e, no caso dos idosos torna-se como um complemento na vida para produzir bem-estar, manter a autonomia e ser ativo.

Nos dias de hoje, a necessidade de tempo de livre e de lazer regista-se cada vez mais através do consumo social (compras, viagens, festas, ...). Segundo Lopes (2000, p.85-106 in Lopes, 2007, p.51-56), existe um conjunto de práticas que são mais frequentemente associadas à estrutura da cultura portuguesa, tais como, a intensa adesão ao conteúdo tecnológico audiovisual em ambiente doméstico, o acentuado uso do tempo em práticas no espaço doméstico, “práticas «operacionais», (...) práticas intercectivas (...) e também práticas conviviais” (p.52), a maior ocorrência de convívio em espaços públicos (cafés, pastelarias, parque,...), a redução de saídas culturais, mais acentuadas na cultura exposta (poesia, teatro, música, ...), o menor número de pessoas a realizar práticas criativas (tocar instrumentos, escrever, pintar,...), a pouca adesão a atividades práticas (modalidades) na entrada da vida adulta, a falta de interesse cultural por parte dos jovens, o acentuado envelhecimento cultural, relativamente mais intenso no campo das “práticas culturais” e “naqueles com menos capital escolar” (p.54), o menor uso de espaços públicos por parte da população feminina, o visível desenvolvimento cultural ocorrido nas áreas metropolitanas (Lisboa e Porto) em relação às restantes, a forte ligação de práticas culturais ao capital escolar, apesar da insuficiência de condições para a regularidade de algumas práticas, a tendência para uma combinação de gostos, estilos e géneros, a grande influência das redes sociais nas saídas culturais entre os amigos (interesses partilhados) e, ainda, as tendências de escolha de eventos com a comunidade social também fortemente ligada às redes sociais.

No seguimento do exposto, verifica-se que o lazer está associado a atividades motivacionais que incluem preocupações a nível de “saúde e bem-estar, enriquecimento cultura, imagem e estética individual, solidariedade, responsabilidade, ética, entre outras” (Alves & Carvalho, 2015, p.101). Para o idoso, o tempo de lazer pode significar muito mais do que fazer algo prazeroso, como referido anteriormente, pois acaba por ser uma forma de os indivíduos se manterem ativos, ocupados e autónomos, desfrutarem de atividades que estimulem a sua participação, por outras palavras, que promovem um envelhecimento positivo.

No estudo que aqui se apresenta, é necessário trazer à liça um outro conceito: o de ócio. Na verdade, em Portugal o conceito de ócio ainda está muito associado ao não fazer nada e até à libertinagem (Baptista & Sousa, 2013). Contudo, investigações mais recentes (Baptista & Sousa, 2013; Cuenca, 2016; Francileudo, 2013) revelam a importância do ócio para o desenvolvimento do indivíduo contemporâneo, demonstrando as mais valias da interligação ócio/lazer (Cuenca, 2016). É, pois, nesta íntima e profícua relação que este

trabalho se posiciona. Posto isto, não é de estranhar que as atividades de lazer escolhidas estejam relacionadas com o que incentiva o indivíduo para determinado tipo de ócio, muito associado com a percepção pessoal e experiências significativas que produzem motivação e desejo (Rhoden, 2014, p.65).

Não obstante, nem sempre o ócio foi visto da mesma forma. Antes da Revolução Industrial, o tempo de ócio do indivíduo era quase ou até mesmo inexistente, não havia tempo livre, ocupando a maior parte desse tempo com obrigações, neste caso o trabalho (Brasileiro, 2014, p.40).

Na nossa sociedade cada vez mais se valoriza o ócio, principalmente como recompensa do trabalho, para obter realização pessoal, identificação e refúgio para problemas que surgem. Este ócio surge ligado a valores significativos como a cultura, as artes, os jogos e outras manifestações de ócio que abrem novos horizontes ao desenvolvimento humano (Cuenca & Amigo, 2014, p.12). Como Magalhães (2011) afirma “o ócio não pode ser entendido como um tempo determinado (férias, fim de semana, etc.) ou uma série de actividades concretas (ler, ir ao cinema, ver televisão, etc.), mas sim como uma experiência pessoal e subjectiva” (p.29-30).

Desta forma, o ócio não desempenha apenas um papel de desenvolvimento humano e prazeroso, como também pode desempenhar um papel preventivo e terapêutico, no sentido que, na sociedade que vivemos atualmente, sob stress e efeitos negativos, o ócio pode ser uma escapatória aos problemas (Rhoden, 2014, p.63).

Neste sentido, é importante que haja uma educação para o ócio. Quando falamos de educação para o ócio alia-se de uma autonomia que deve ser promovida não só para sensibilizar acerca da importância do ócio mas também para possibilitar o recurso pessoal da tomada de decisões, confiança e iniciativa pessoal. Desta forma, o ócio não deve ser concebido apenas para entreter, mas sim para “provocar o aparecimento de estados emocionais positivos e para se envolverem em acções que mantenham a possibilidade de actividade, a integração no ambiente e que proporcionem sentido à vida” (Magalhães, 2011, p.31-32), principalmente na aproximação da idade de reforma.

Porém, é importante reconhecer a relação trabalho – ócio, não é possível viver numa sociedade de apenas lazer ou apenas trabalho. A realização de uma pessoa pode não só depender do ócio, como também de outras actividades não relacionadas com o ócio, isto

porque o indivíduo constrói a partir de significados e vivências individuais o seu contexto de prazer e realização pessoal (Brasileiro, 2014, p.44). Os indivíduos que não exercem nenhuma atividade profissional, desvalorizam o tempo livre em relação aos que exercem uma profissão, que aproveitam mais o tempo livre, ou seja, tempo livre do trabalho (Baptista, 2014, p.96).

Atualmente, e em consonância com as características da sociedade moderna, o tempo de ócio tornou-se em algo muito mais pessoal em vez de algo coletivo. Este ócio coletivo, conforme nos diz Menoia (2000), manifesta-se socialmente “por meios de eventos, onde há a preservação de manifestações com rituais ou símbolos necessários à sociedade pós-moderna cercada de subjectividades” (Menoia, 2000). Já o ócio, que se experimenta de forma pessoal e complexa, Monteagudo, Cuenca, Bayón & Kleiber (2014) dizem-nos que:

(...) a pessoa vê-se como a causa das suas ações, enquanto dota a experiência do sentido, garantindo, assim, o seu significado pessoal. Então entende-se que, deste ponto de vista, a atividade de ócio escolhida (a pintura, o canto, a corrida ou a natação) possui um valor secundário em relação ao significado que a pessoa lhes dá (p.135-136).

Estas atividades de ócio, coletivas ou individuais, também são uma oportunidade para mobilizar e otimizar habilidades pessoais, pois no simples prazer de fazer o que se gosta, produz-se uma satisfação plena (Lema & Monteagudo, 2016, p.9). Assim sendo, as atividades de ócio devem estar sempre relacionadas com o potencial de experiências significativas, que proporcionem diversão, descanso e acima de tudo desenvolvimento pessoal e social do indivíduo (Marcellino et al., 2007, p.15), com especial atenção para o indivíduo idoso. Tal como nos diz Rhoden (2014), “considerando o potencial humano para o desenvolvimento, justifica-se que as pessoas sintam prazer e desfrutem ao experimentarem o novo ou o diferente, ainda que isto demande algum esforço pessoal” (p.69).

Para elucidar esta ideia, Monteagudo et al. (2014) explicam que, o ócio surge assente em três eixos: a sensação de liberdade, a motivação e a satisfação. Esta liberdade consiste na percepção do indivíduo nas suas escolhas nas diferentes opções que vão ao encontro dos seus gostos e desejos. A motivação que é o que leva o indivíduo a escolher determinadas coisas em vez de outras, esta motivação vai ao encontro da sua identidade pessoal. E a

satisfação que é a razão pelo qual o indivíduo faz as suas escolhas, é a promotora da liberdade e da motivação (p.136-138).

O ócio na perspectiva de desenvolvimento humano direciona os seus objetivos para três áreas fundamentais: a formação de profissionais nos setores de ócio, recreação, cultura, turismo e desporto, para a exploração de respostas para as necessidades e desafios colocados pelo ócio e recreação nas sociedades contemporâneas, e, para a transparência científica e social do progresso feito no estudo desses fenómenos (Lema & Monteagudo, 2016, p. 10).

Em face ao exposto, emerge uma relação evidente: ócio e cultura. Segundo Cuenca & Amigo (2014) é desta relação entre o ócio e a cultura, que surge o ócio criativo, espaço/tempo associado a atividades de criação e recreação:

(...) quando falamos de vertente de criação, estamos a referir-nos às práticas do ócio relacionadas com música, teatro, canto, fotografia, dança, pintura, trabalhos manuais, escrita ou costura, cozinha e bricolagem criativos. No que diz respeito à vertente recriação, estamos a fazer menção de experiências de ócio motivadas pela leitura, a audição de música, a visão de arte ou as práticas de aprendizagem, a utilização da internet ou outros (p.16).

Trabalhar para a educação no ócio permite ao idoso adquirir maior autonomia e usufruir de experiências significativas. O uso de atividade lúdicas e de ócio na gerontologia justifica-se como recurso interventivo, não pode ser concebido apenas como um recurso de entretenimento mas sim como um estímulo a sensações positivas (Magalhães, 2011, p.29-31), como já tínhamos visto anteriormente.

Na mesma linha, também Dumazedier (2001), caracteriza o lazer como sendo:

um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (p.132).

De uma maneira geral, este tempo de ócio acresce a nível de importância na terceira idade, ainda mais após o período de reforma pelo facto da pessoa se encontrar mais fragilizada emocionalmente e socialmente. Manter uma atividade prazerosa ajuda a manter a pessoa ativa e realizada. Quando o indivíduo consegue manter práticas de ócio, conciliando com o seu tempo livre (de qualquer obrigação) mais facilmente aceita essa condição (velhice) e vive de forma mais satisfatória e plena. Pois, conforme o que nos dizem Pinto & Neri (2017) “uma pessoa com maior probabilidade de sucesso na velhice é aquela que continua a ser ativa e a assumir papéis produtivos na sociedade, em substituição aos papéis que foram perdidos” (p.261).

Face ao exposto, Carneiro, Chau, Soares, Fialho & Sacadura (2012), completam esta ideia de participação ativa na sociedade dizendo que:

A satisfação na vida e a felicidade estão positivamente correlacionadas com a participação social, destacando-se como efeitos os contactos sociais regulares, seguidos pela ajuda prestada a outras pessoas e a participação em organizações voluntárias (p.20).

1.2. CULTURA E PATRIMÓNIO

O desenvolvimento humano não é compreensível nem realizável sem o reconhecimento do papel da criação cultural (...) (Martins, 2009, p.7).

A cultura manifesta-se de diversas formas. Na sociedade contemporânea a noção de património cultural e cultura alastrou-se. Hoje, pode incluir tudo que é material e imaterial, qualquer indivíduo pode ser “criador” de cultura (Poulot, 2006). Assim sendo, e tal como explica Macedo (1982, p.35), a noção de cultura consiste “[...] num conjunto de modos de fazer, ser, interagir e representar que, produzidos socialmente, envolvem simbolização e, por sua vez, definem o modo pela qual a vida social se desenvolve”. Já Lopes (2010, p.56) oferece uma visão mais pormenorizada e alargada da cultura dizendo que esta “(...) tece mediações e os nós que entrelaçam o campo artístico, o campo cultural, o campo político e o campo económico, produzindo interações e consensos” (Lopes, 2010, p.56). Atualmente, a cultura adquiriu “novas expressões, ocupa novos lugares e exerce novas influências” (Morató, 2010, p.38) é, portanto, um fenómeno em constante mudança surgindo como uma necessidade de aperfeiçoamento humano. Tudo na cultura se tem

vindo a expandir e a evoluir ao longo dos anos. As mudanças têm sido tão drásticas que reivindicam um novo tipo de cultura, uma cultura ligada “à própria experiência cultural do indivíduo, aos seus gostos e interesses pessoais” (Morató, 2010, p.44).

O património é a ponte de relação entre a memória, a herança e a criação (Martins, 2009, p.10). Todas as culturas são diferentes em todos os espaços do mundo. Daí ter que se valorizar o património cultural, no contexto social e relacional com as pessoas e as comunidades, tendo em consideração a afetividade cultural das pessoas, a memória e a criatividade (Martins, 2009, p.13-14). A diversidade cultural, onde o património tem um papel crucial, permite criar um sentido de pertença e identidade diferenciado de cultura para cultura e de geração para geração.

O património cultural é tudo aquilo que nos é herdado pelos nossos antepassados e que constitui uma grande importância na nossa história enquanto cidadãos (Hernández, 2002, p.16). Por assim dizer, o património permite-nos conhecer e compreender o passado, educarmo-nos a partir do saber dos outros (mais antigos), sendo por isso é tão importante preservar os locais históricos “não só porque representam um sinal de presença e de vida de quem nos antecedeu, mas também porque contribuem decisivamente para enriquecer a nossa vida e a nossa existência” (Martins, 2009, p.19).

Quando nos referimos a património histórico e cultural associamos a um legado deixado pelos nossos antepassados, que temos o dever de proteger e conservar, sendo um bem que alimenta a cultura da nossa sociedade e, que é partilhada de geração em geração (Gamito, 2011, p.32). Com efeito, que nos é herdado como património cultural, seja material ou imaterial, faz parte da nossa história, e da nossa identidade, mas também o que criamos de novo fará parte da história do nosso descendente, já que a sociedade está em constante mudança (Martins, 2009, p.14). No seguimento desta ideia, Martins (2009) acrescenta ainda que “a cultura enquanto criação humana, exige compreensão do tempo, da história e da sociedade” (p.21), pois valorizar o património cultural é dar valor à memória, é reconhecer a história no seu valor humanitário (Martins, 2009, p.47). Assim sendo, cultura, património e identidade são conceitos que se relacionam e alimentam.

Todo o património histórico de uma localidade, monumentos ou ruínas, é como um símbolo identitário, é único, é o que permite distinguir uma cidade das restantes cidades e constrói em conjunto a identidade dos seus cidadãos. A memória alusiva aos tempos antigos e à história desses monumentos é uma construção identitária coletiva, que segundo

Fortuna (1999), “reconstrói o passado a partir do presente”, por assim dizer, convida-nos a viajar na imaginação desse passado (p.37). Conforme defende Martins (2009), “a história das sociedades é feita de um diálogo permanente entre as forças das raízes antigas e a vontade das novas gerações” (p.15).

Posto isto, a localidade é a identidade dos seus cidadãos. Com a constante mudança nas sociedades culturais, surge uma nova necessidade identitária, a de autoconhecimento. Fortemente ligada ao consumismo, ao lazer, ao corpo e à estética (símbolos culturais), que acaba por formar um novo recentramento dos sujeitos (Fortuna, 1999, p.25), esta influência surge a par da ideia de que “é o espaço, não o tempo, que impõe diferenças, agrega subjectividades e estimula interacções” (Fortuna, 1999, p.26). Por outras palavras, os indivíduos dentro de uma sociedade seguem determinadas tendências que enquanto grupo (social) os caracteriza. Ainda mais porque o urbanismo é um instrumento fundamental na construção da autonomia, inclusão social e cidadania do idoso (Fernandes, 2000, p.31).

A cidade enquanto espaço simbólico que inclui o património histórico e cultural, também tem, cada vez mais, disponibilizado ao favor dos indivíduos espaços de lazer e ócio. Tal como Lopes (2010) nos diz:

(...) hoje as cidades funcionam enquanto máquinas velozes de crescimento locomovidas pela esfera cultural num processo que modifica os próprios conceitos de cultura e de cidade, unindo, desse modo, como até então não acontecera, economia política da cultura e economia política do lugar (p.52).

Desta forma, as cidades modernas passam por diversas transformações que resultam na mudança do espaço urbano, que afetam a vida dos indivíduos que nela habitam (Ferreira & Kopanakis, 2015, p.80). Quem sente mais esse efeito de transformação é a população idosa que viveu a passagem do tempo trazida pelas recordações em que essas mudanças na sociedade e na cidade que habitam marcam uma nova história, mesmo esta sendo construída sobre a história dos antepassados. Esta noção acaba por construir a sociedade envolvente, uma vez que “o património e a história local representam um precioso contributo para a afirmação e o envolvimento da população” (Moderno, 2016 p.73).

2. ENVELHECIMENTO ATIVO E APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA

O número de pessoas com mais de 60 anos tem vindo a aumentar consideravelmente nos últimos anos, não só no nosso país, mas em todo o mundo (OMS¹, 2007, p. 3). Dados de 2015 demonstram que em Portugal cerca de 20% da população tem mais de 65 anos de idade, e prevê-se que esta percentagem continue a crescer nas próximas décadas e que chegue a 29% no ano de 2060 (MTSSS² & GEP³, 2017, p.5), no entanto para 2080 é previsto um decréscimo da população idosa em Portugal, isto deve-se ao facto de se ter assistido ao decréscimo do número de jovens e pouca natalidade (Nunes, 2017, p.51). Nesta perspetiva, a população portuguesa atualmente, caracteriza-se como envelhecida devido à esperança média de vida ter aumentado, bem como as condições e acessos à saúde, porém, com se refere anteriormente o nível de fecundidade diminuiu (Cabral, Ferreira, Silva, Jerónimo & Marques, 2013, p.11), o que se manifesta no aumento da população idosa e na diminuição da população jovem (Carneiro et al., 2012, p.31). Face a esta realidade, surge uma preocupação de trabalhar em prol de um envelhecimento ativo. Todavia, do que falamos quando falamos de envelhecimento ativo?

O envelhecimento ativo é um tema com grande importância nos dias de hoje, o seu conceito tem vindo a ser discutido principalmente por programas que visam trabalhar na promoção dessa iniciativa. Estes programas preocupam-se em “prevenir a doença e a incapacidade associada, otimizar o funcionamento psicológico e em especial o funcionamento cognitivo, o ajuste físico e maximizar o compromisso com a vida, o que implica a participação social” (Magalhães, 2011, p.15).

O conceito de envelhecimento ativo mais vasto foi dado pela OCDE⁴ (1998) e define-se como sendo:

a capacidade de as pessoas que avançam em idade levarem uma vida produtiva na sociedade e na economia. Isto significa que as pessoas podem elas próprias determinar a forma como repartem o tempo de vida entre actividades de aprendizagem, de trabalho, de lazer e de cuidados aos outros (p.92 in Cabral et al., 2013, p. 12-13)

¹ OMS - Organização Mundial de Saúde

² MTSSS – Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social

³ GEP – Gabinete de Estratégia e Planeamento

⁴ OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

Conforme nos diz Cruz (2009), a noção de envelhecimento ativo teve origem na OMS, e surgiu com a intenção de manter o bem-estar físico, social e mental ao longo da vida, promovendo a saúde, a participação social e a segurança durante todo o processo de envelhecimento (p.18; OMS, 2007, p.5), ou seja ao longo da vida.

Neste sentido, o envelhecimento ativo pode ser visto de diferentes perspectivas, sendo que o seu principal papel é aumentar as expectativas de uma vida saudável, autónoma e independente para o idoso (Cabral et al., 2013, p.14; Cruz, 2009, p.19). Tendo em consideração que, uma vida mais ativa e saudável potencia um idoso mais autónomo, capaz de tomar as suas próprias decisões e viver de forma mais plena (Vieira, 2014, p.112). Estas capacidades são um marco na velhice, uma vez que podem diminuir à medida que a pessoa avança em idade, desta forma é importante que o indivíduo se prepare e se eduque na construção de um envelhecimento positivo (Cruz, 2009, p.19).

Segundo Magalhães (2011), no estudo do envelhecimento são apresentadas algumas características do processo:

1. O processo de desenvolvimento não é influenciado pela idade;
2. O indivíduo sofre alterações ao longo de toda a vida, tanto nos comportamentos como nas condições;
3. Envelhecer em corpo não significa necessariamente envelhecer em alma e espírito;
4. A forma como se envelhece é diferente de indivíduo para indivíduo;
5. O envelhecimento é influenciado por diversos fatores, ou seja, há várias formas de envelhecer;
6. O processo de envelhecimento ocorre durante toda a vida do indivíduo, influenciada por condições genéticas, biológicas, sociais e psicológicas, sendo diferente de indivíduo para indivíduo;
7. Tudo o que rodeia o indivíduo no seu contexto tem influência no seu processo de envelhecimento (p.12-13).

Por outras palavras, quando falamos de envelhecimento humano devemos ter em consideração os processos biológicos, afetivos, cognitivos e sociais do indivíduo (Martín, 2007, p.47).

A memória, normalmente, é sobrevalorizada na velhice em relação às suas perdas e falhas. Desde de sempre que existem problemas associados à memória na velhice, que atualmente

começam a ser mais preocupantes pelo facto das pessoas idosas avançarem cada vez mais na idade, ou seja pelo aumento da longevidade acaba por afetar mais indivíduos (Fernandes, 2011, p.81).

O envelhecimento é, de facto, uma conquista para a sociedade. Envelhecer não significa apenas viver mais anos mas também a melhoria nas condições de vida da população. Os países envelhecidos, normalmente são os mais desenvolvidos, têm mais idosos, porque oferecem mais e melhores condições de vida.

Ao longo de todo o processo de envelhecimento muitos aspetos mudam na vida do indivíduo, sob influência de diversos fatores. No entanto, essas mudanças não são iguais para todos os indivíduos, uma vez que muitas capacidades podem deteriorar-se mas outras podem, porém, enriquecer (Magalhães, 2011, p.11). Assim, podemos dizer que não há uma forma de envelhecer, há sim fatores que influenciam o modo como envelhecemos, mas cabe a cada um trabalhar a favor de um envelhecimento bom e saudável.

Vários autores falam das opiniões controversas que existem acerca da velhice, apesar de alguns acreditarem acarretar uma conotação negativa, a nível de perdas, de falhas e faltas de capacidades, outros vêm de forma positiva associada ao conhecimento, à maturidade e à experiência de vida.

Cruz (2009) diz-nos que:

Existem dois tipos de discursos sobre a velhice: um mais negativo e ou mais optimista. No primeiro caso, há uma tendência para associar a velhice à dependência, à doença, à pobreza; no segundo caso, associa-se a velhice à designações positivas que a projecta num tempo de lazer e descanso (p.45).

Fernandes (2000) também faz alusão a esse tema, afirmando que:

O envelhecimento carrega consigo duas ideias complementares e opostas: a primeira é a de desgaste, diminuição, enfraquecimento; a segunda, de acréscimo e maturação. Envelhecer é perder e ganhar. E como a virtude está no equilíbrio, é necessário trabalhar para amenizar as perdas e valorizar as conquistas (p.32).

Atualmente, os indivíduos vivem durante mais tempo, o que é favorecido pelo avanço das tecnologias e por essa melhoria nas condições de vida, tendo ao alcance outros recursos

que lhes permite novas experiências, como é o caso do turismo e das universidades seniores. (Vieira, 2014, p.112). Hoje, são muitas as preocupações que envolvem uma velhice saudável e bem-sucedida como é o caso da preparação da reforma, de atender às necessidades educativas e de aprendizagem de cada idoso e a estimulação da memória, entre outros. Para além disso, a promoção da participação educativa deste grupo etário (Martín, 2007, p.50), bem como social e cultural.

Todas estas novas oportunidades, como o acesso ao ensino superior, formal ou informal, e à cultura, aos mais variados níveis, têm vindo a constituir-se cada vez mais num fator a favor de um envelhecimento ativo. Completando a definição apresentada acima, ainda segundo a OCDE (1998) um envelhecimento ativo é:

a capacidade de as pessoas que avançam em idade levarem uma vida produtiva na sociedade e na economia. Isto significa que as pessoas podem elas próprias determinar a forma como repartem o tempo de vida entre as atividades de aprendizagem, de trabalho, de lazer e de cuidados aos outros (p.92).

Em face a tudo que foi apresentado, e olhando o envelhecimento desde uma ótica bastante positiva, como já foi discutido, a verdade é que este fenómeno, pelas proporções que atinge, constitui um desafio de adaptação da sociedade (ONU, 2015 in SNS⁵, 2017, p.8). Com efeito, deve ser encontrado um equilíbrio entre gerações e relações, e um reforço aos serviços e cuidados necessários para manter a qualidade de vida da população (Carneiro et al., 2012, p.142). Desta forma, esta qualidade de vida, surge influenciada por diversos fatores, tais como o bem-estar económico, a saúde, o suporte e a integração sociocultural, que acabam por ser muito incertas em determinadas alturas na vida de um idoso (Zaidi, 2014 in SNS, 2017, p.9). Ou seja, a qualidade de vida não depende apenas dos bens materiais mas também das condições individuais de cada um (Correia, 2017, p.2), onde tem especial relevo as questões sociais e culturais.

É após a reforma que o indivíduo se sente mais frágil, correndo maior risco de se tornar sedentário e isolado da sociedade. Para combater isso, é necessário que haja uma constante preocupação em manter hábitos e estilos de vida saudáveis (Cabral & Silva, 2010), onde a cultura e a participação em atividades socioculturais não devem ser esquecidas.

⁵ SNS - Serviço Nacional de Saúde

Considerando que o envelhecimento é um processo contínuo, ocorrendo durante toda a vida do indivíduo e que “a passagem à inatividade marcaria a entrada noutra idade social: a velhice” (Cabral et al., 2013, p.18), É de salientar que, a entrada na reforma não implica, necessariamente, que o indivíduo se torne inativo.

Os idosos de hoje procuram, cada vez mais, manter-se ativos, criando novos projetos de vida para manterem o ritmo a que estavam habituados (Vieira, 2014, p.112). Esses projetos, tal como Boutinet (2002) explica coloca-nos em movimento, permite organizar, executar e progredir no campo pessoal, por palavras dele “o projeto traduz a capacidade de devir do homem, o que ele pode ser em razão à sua liberdade” (p.50). Daí se tornar uma necessidade na vida do idoso para continuar ativo e autónomo, ainda mais envelhecendo de forma saudável. Já que como nos dizem Carneiro et al. (2012):

Os modelos de qualidade de vida vão desde a satisfação com a vida ou bem-estar social a modelos baseados em conceitos de independência, controle, competências sociais e cognitivas e até dimensões menos tangíveis, tais como o sentido de segurança, a dignidade pessoal, as oportunidades de atingir objetivos pessoais, a satisfação com a vida, a alegria, o sentido positivo de si (p.32).

Neste campo, a aprendizagem ao longo da vida é um aspeto crucial, com implicações tanto a nível pessoal como social. Com efeito, uma sociedade envelhecida necessita deter como pano do fundo o paradigma da aprendizagem ao longo da vida a fim de manter a qualidade de vida dos mais velhos, tal como nos diz Leeson (2009), “ a aprendizagem ao longo da vida é essencial à constante melhoria de conhecimentos exigida num mundo em rápida evolução, em que as alterações tecnológicas e demográficas colocam os seus próprios desafios e oportunidades no mercado de trabalho” (p.268).

Como tal, é importante saber que a aprendizagem ao longo da vida faz-se em toda a extensão da vida do indivíduo e não num período específico da mesma, tal como a educação não se aprende apenas nas escolas mas estende-se por toda a vida, desde o nascimento até à morte. (Martín, 2007, p.58; Lopes, 2017, p.13).

Posto isto, aprendizagem ao longo da vida pode ser feita em contexto formal e informal, e pressupõe que haja uma reorganização do ensino em função de uma sociedade de conhecimento, independentemente da idade dos indivíduos (Magalhães, 2011, p.24).

Hoje, a preocupação centra-se, sobretudo, em responder às necessidades dos indivíduos na promoção de uma cidadania participativa (Bermejo, 2012, p.27). Nesta demanda, a aprendizagem ao longo da vida salienta-se enquanto pilar basilar numa sociedade que está em constante mudança e evolução (a nível de tecnologias e conhecimento), e onde se procura minimizar os riscos da perda da dimensão humana. A aprendizagem ao longo da vida é, assim, um poderoso recurso para alcançar o desenvolvimento individual e uma melhor convivência social (Bermejo, 2012, p.28).

Um ambiente promotor ao desenvolvimento ativo, enquanto prática pedagógica, deve pressupor um trabalho de investigação que vai influenciar a forma como se interage com o outro, tendo em atenção pontos de vista e valorização da palavra. Quem intervém deve exercer um papel de mediador e investigador durante toda a ação (Vieira, 2014, p.108). Sabendo que todos os indivíduos são diferentes, deve-se atender ao “princípio da individualidade”, ou seja, cada idoso tem as suas necessidades, as suas histórias, os seus interesses, as suas capacidades, tudo isto deve ser tido em conta até mesmo em contexto grupal (Martín, 2007, p.60; Magalhães, 2011, p.25).

Desta forma, trabalhar para um “envelhecimento produtivo”, focando-se no bem-estar coletivo, mas sobretudo debruçando-se sobre o que o idoso pode fazer para contribuir para esse bem-estar (Magalhães, 2011, p.33).

3. UNIVERSIDADES SENIORES

As Academias e Universidades Seniores são um programa de educação de adultos que funciona em todos os continentes. Estas Universidades são um grande sucesso a nível mundial, proporcionando atividades culturais, recreativas e de aprendizagem. Enquadram-se no conceito de envelhecimento ativo e formação ao longo da vida, baseando-se nos princípios da gerontologia educativa (Jacob, 2011, p.119).

Em Portugal, dentro da RUTIS⁶ participam mais de 45 mil alunos, 300 entidades e 5.500 professores voluntários.

Este tipo de educação pode ser visto em duas perspetivas:

⁶ RUTIS – Rede de Universidades Seniores.

Disponível em <http://www.rutis.pt/paginas/8/universidades-seniores/>

1.º educação como estratégia de “socioterapia”, promovendo e estimulando a integração social, e nesse caso a educação é um instrumento de promoção social;

2º concebe um envelhecimento melhor para aqueles que mantem a mente ativa através de atividades educativas (Jacob, 2011, p.120).

Estas instituições funcionam com horários laborais, durante a semana e com calendário escolar (abrem em Setembro/Outubro, fecham no Natal, Carnaval e Páscoa e encerram em Junho/Julho), dispõe de atividades e disciplinas de artes, informática, desporto, ciências sociais e humanas, cidadania, etc., variando de Universidade para Universidade, sendo as mais populares informática, saúde, história, inglês e cidadania. Os alunos têm que ter a idade mínima de 50 anos e pagar mensalmente cerca de 12€ (RUTIS).

No que se refere a disciplinas oferecidas, na grande maioria, as disciplinas são comuns entre as universidades seniores, sendo as áreas mais trabalhadas as Línguas, a Literatura Portuguesa e as Ciências Sociais (sendo a História a mais presente) (Velo, 2000, p.2). Para além das atividades curriculares, práticas e teóricas, existem ainda as atividades extracurriculares, que incluem palestras, visitas, seminários, etc. (Velo, 2000, p.3). Estas atividades, inseridas nas RUTIS, surgem com o intuito de promover a participação social, a saúde e a autoestima e combater o abandono numa iniciativa de fortalecer relações intergerações.

As universidades seniores surgiram em Portugal em 1976 com a Universidade Internacional da Terceira Idade de Lisboa (UITIL), e cada vez mais tem havido interesse de participação por parte dos seniores. Com efeito, verifica-se um alastramento por todo o país, o que se deve também à consciencialização do Estado e da sociedade em relação ao papel do idoso (Jacob, 2011, p.136).

Estas universidades seniores surgem relacionadas com os conceitos de envelhecimento ao longo da vida e envelhecimento ativo, permitindo aos idosos vivenciarem experiências a nível cultural, recreativo, científico e de aprendizagem. Para além destes benefícios, ainda permite uma ocupação saudável do seu tempo livre, partilharem momentos e estabelecerem relações entre diferentes gerações, ou seja, estas universidades surgem para dar resposta a “uma questão pessoal, social, cultural” (Carvalho & Silva, 2015, p.50), salientando-se enquanto espaços privilegiados de ócio.

A maioria destas universidades funcionam sem fins lucrativos, e têm como objetivos a “promoção, a valorização e a integração do idoso, o contacto com a realidade e a dinâmica social local, a ocupação dos tempos livres e evitar o isolamento e a marginalização” (Veloso, 2000, p.3).

Segundo Jacob (2011), estas universidades têm como principais objetivos promover o incentivo à participação e à organização dos seniores em atividades culturais, de cidadania, de ensino e de lazer, para além de trabalharem em prol da divulgação da história, das ciências, das tradições, da solidariedade, das artes, da tolerância, dos locais e dos demais fenómenos socioculturais entre os seniores, com o intuito de serem um polo de informação e divulgação de serviços, deveres e direitos dos mesmos, afim de estimularem o desenvolvimento das relações interpessoais e sociais entre as diversas gerações, e, ainda, fomentarem a pesquisa sobre os temas gerontológicos (p.126-127).

Funcionando de forma diferente de região para região, estas universidades constituem um papel importantíssimo na sociedade e na construção da identidade do idoso, por serem universidades, como nos diz Jacob (2015), “da” terceira idade, em vez de universidades “para a” terceira idade.”, em que os seniores podem desempenhar diferentes funções dentro da escola, reconstruindo a seu papel social dentro da comunidade (p.91).

A educação alia-se à autoestima e integração do idoso na sociedade. Quando a universidade oferece a possibilidade aos idosos de se inserirem na comunidade escolar e extraescolar, convivendo com outras gerações, proporcionando o desenvolvimento de um indivíduo idoso mais otimista, produtivo e útil para a sociedade em que está inserido (Oliveira & Oliveira, 2008, p. 5). Na realidade, uma das grandes finalidades das universidades seniores passa por contribuir para o bem-estar do idoso, que acaba por se sentir incluído num meio, possibilitado pela “integração e permanência dos idosos nas estruturas sociais” (Cristianini, 2001, in Jacob, 2012), uma vez que se sentem mais jovens num contexto de partilha e de relação com outras gerações.

Nesta linha de reflexão, Luís Jacob (2011) explica que estas universidades constituem uma importância na qualidade de vida dos seniores, influenciando a autoestima, a autonomia, o convívio, o desafio económico e proporcionando atividades lúdicas e úteis (p. 142).

A maioria dos projetos de Universidades Seniores portuguesas inspiram-se “no modelo inglês, que assenta numa maior abertura à participação dos utentes, aproximando mais professores e alunos” (Carvalho & Silva, 2015, p.51).

No entanto, tem surgido algumas universidades seniores assemelhando-se ao modelo francês, adotando a logística de universidades formais que criam cursos para os idosos, como é o caso do programa 60+ do Instituto Politécnico de Leiria, do Instituto de Estudos Académicos para Seniores da Academia de Ciências de Lisboa ou do Programa de Estudos Universitários para Seniores da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Para além disso, “a RUTIS lançou ainda, em 2012, destinada apenas para seniores, a I Pós Graduação em Cidadania Ativa” (Carvalho & Silva, 2015, p.52; Jacob, 2011, p.136).

Segundo Jacob (2012), a RUTIS assume “(...) como visão criar novos projetos de vida para os seniores e como missão: promover o envelhecimento ativo; defender, representar e dinamizar as Universidades seniores e incentivar a participação social dos mais velhos” (p.4).

O aumento das entidades portadoras deste tipo de programas para idosos deve-se também ao facto de o número de jovens nas universidades ser cada vez menor, compensando essa brecha com os idosos que querem uma oportunidade no ensino “mais formal e exigente” (Jacob, 2015, p.93).

De uma maneira geral, tal como nos diz Jacob (2015) os programas têm sido “muito heterogéneos nos seus objectivos, metodologias, custos e duração” (p.93).

CAPÍTULO II – PROJETO DE INTERVENÇÃO

1. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO DO PROJETO

A metodologia subjacente no Projeto *Caminhos de Memórias: Construção de Experiências Significativas*, insere-se numa abordagem qualitativa/interpretativa, que pressupõe que, ao longo de todo processo de investigação e intervenção a estratégia de recolha de informação se vá adaptando em função dos resultados obtidos em cada sessão. Tal como nos diz Maroy (2005), este tipo de abordagem permite-nos investigar outros caminhos, funcionando como “uma lógica exploratória, como um meio de descoberta e de construção de um esquema teórico de inteligibilidade, e não tanto numa óptica de verificação ou de teste de uma teoria ou de hipóteses preexistentes” (p.117). Com efeito, é uma abordagem que apresenta uma constante de resultados que pode induzir para vários contextos de exploração na análise feita pelo investigador.

Neste contexto, Silveira & Córdova (2009) afirmam que a pesquisa qualitativa apresenta algumas características como:

objetivação do fenómeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenómeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao carácter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciência (p.32).

Os mesmos autores referem ainda que o investigador deve ter sempre em atenção os limites e riscos deste tipo de abordagem, que pode passar pela informação pouco precisa e pelo trabalho exaustivo nos dados recolhidos (Silveira & Córdova, 2009, p.32).

Um dos autores que se dedicou ao estudo do método de investigação qualitativo foi Max Weber. Para este autor, a investigação de cariz qualitativo deve centrar-se em compreender o significado de cada ação e o valor que é atribuída à mesma por cada um, valorizando todo o processo (Teis & Teis, 2006, p.2). Ou seja, o resultado da análise será o que contribuirá para a criação de novos conhecimentos.

Neste sentido, a investigação qualitativa deve estar assente no fazer e desfazer, montar e desmontar conforme os acontecimentos da ação, da realidade social com que estamos a trabalhar, baseando-se muito na “compreensão e interpretação”. Neste tipo de investigação o mais importante é todo o procedimento que existe no caminho à compreensão da realidade, isto porque quando se investiga uma realidade social preocupa-se em compreender motivos, valores e circunstâncias que influenciam o comportamento dos indivíduos (Serrano, 2004, p.103).

Conforme nos dizem Carmo & Ferreira (1998), “Os investigadores interessam-se mais pelo processo de investigação do que unicamente pelos resultados ou produtos que dela decorrem” (p.180). Neste sentido, todas as etapas que acontecem durante a intervenção são importantes para o estudo.

No fundo, esse tipo de investigação dá prioridade ao contexto da ação, na compreensão dos comportamentos do participante e de todos os acontecimentos que surgiram em volta da prática, criando assim uma aproximação da realidade com os conteúdos teóricos (Serrano, 2011, p.328).

1.1. INVESTIGAÇÃO-AÇÃO

O presente relatório surge de uma investigação-ação. Neste tipo de investigação, como o próprio nome indica, é possível realizar a prática e a investigação em simultâneo, sendo um processo que vai alternando entre a reflexão crítica e a ação. Tal como afirma Coutinho (2011), “a investigação-ação pode ser descrita como uma família de metodologias de investigação que incluem acção (ou mudança) e investigação (ou compreensão) a mesmo tempo, utilizando um processo cíclico ou em espiral, que alterna entre a acção e a reflexão crítica” (p.313). Para além disso, permite que aquilo que havia sido definido como método anteriormente possa ser aprimorado conforme os resultados obtidos na prática. Na realidade, é a mudança conduz o desenrolar da metodologia de investigação (Castro, 2010; Coutinho, Sousa, Dias, Bessa, Ferreira & Vieira, 2009). Este tipo de investigação é particularmente pertinente quando trabalhamos em animação sociocultural e artística pois, tal como nos diz Serrano (2004), “a investigação em animação sociocultural deve ser flexível e capaz de adaptações a cada realidade concreta” (p.103).

Coutinho (2011) aponta alguns objetivos importantes da investigação-ação, sendo esses: “compreender, melhorar e reformar práticas; intervenção em pequena escala no funcionamento de entidades reais e análise detalhada dos efeitos dessa intervenção” (p.316-317). Para além disso, indica também um conjunto de metas, tais como: “melhorar e/ou transformar a prática social, ao mesmo tempo que procuramos uma melhor compreensão da referida prática; articular de modo permanente a investigação, a acção e a formação; aproximarmo-nos da realidade: veiculando a mudança e o conhecimento” (Coutinho, 2011, p.317). Face a estas características apresentadas, o presente estudo insere-se dentro de uma investigação-ação por revelar ser um trabalho interventivo em função da compreensão da realidade, com intenção de mudança.

Este tipo de investigação é a mais recorrente na animação sociocultural, e por inerência na animação artística, por ser uma forma de tornar a prática mais eficaz e obter melhores resultados, sendo que o investigador tem a total liberdade de adaptar os seus instrumentos de recolha de dados conforme o que vai decorrendo na altura da intervenção, adaptando-as às mudanças que ocorrem durante a ação. Conforme Serrano (2004) nos diz:

A investigação-acção orienta-se para o aperfeiçoamento mediante a mudança e para a aprendizagem a partir das consequências das mudanças: é participativa; segue uma espiral de ciclos de planificação, acção, observação e reflexão; é um processo sistemático de aprendizagem orientado para a práxis; exige que esta se submeta a prova e permite dar uma justificação conclusiva do trabalho sociocultural, mediante uma argumentação desenvolvida, comprovada e criticamente examinada. (p.111)

Mais adiante, a mesma autora, afirma que a investigação-ação se divide por fases que levam a cabo todo o processo, sendo essas: “1) Diagnosticar ou descobrir uma preocupação temática «problema». 2) Construção de plano de acção. 3) Proposta Prática do plano e observação da maneira como funciona. 4) Reflexão, interpretação e integração de resultados. Replanificação” (Serrano, 1994, in Serrano, 2004, p.111). Em linha com o exposto, foi em torno destas fases que se desenvolveu o projeto de intervenção que aqui se apresenta.

Com efeito, faz sentido à investigação em animação artística uma metodologia como a investigação-ação, uma vez que se foca em contextos e comunidades, preocupa-se em produzir conhecimento a partir da investigação que conduz à realidade, permitindo assim

tornar mais claro e completo o conteúdo que foi ou está a ser trabalhado (Castro, 2010, p.2).

De uma maneira geral, este tipo de investigação é muito importante, pelo facto de tentar encontrar este diálogo entre o que é a prática e a teoria e de acrescentar valor à prática pela investigação, porque só na ação se pode perceber os problemas ou necessidades que existem e devem ser combatidas (Serrano, 2004, p.112).

1.2. INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Para uma investigação realizada segundo esta metodologia, tal como para qualquer acto de investigação, é sempre necessário pensar nas formas de recolher a informação que a própria investigação vai proporcionando (Coutinho, 2011, p.317).

Para dar resposta à questão de investigação e aos objetivos delineados para este estudo foram utilizados os seguintes instrumentos de recolha de dados:

a) Observação direta:

A observação direta foi um dos principais instrumentos de recolha de dados, estando presente ao longo de toda a investigação. Logo na fase inicial, a de recolha de dados fez-se através da observação direta, assistindo a aulas dentro do Programa IPL60+ para perceber comportamentos e criar estratégias para facilitar a realização do projeto. Esta forma de recolher dados é um dos principais instrumentos na investigação qualitativa (Lüdke & André, 1986, p.26). Com efeito, é uma das técnicas que permite, através do contacto direto, obter informações que podem ser cruciais para o estudo da ação, quando é feita no intuito de atingir objetivos concretos (Aires, 2011, p. 25). Este método baseia-se em observar o meio e “obter determinados tipos e informações sobre resultados, processos, impactos, etc. (...), este método é aplicado com o pesquisador completamente fora das situações, fatos ou pessoas” (Barbosa, 2008, p. 2), ou seja o observador não conhece o meio que está a observar. Indo ao encontro do que nos diz Costa (2001), a observação direta tem mais impacto quando o investigador tem alguma relação com o meio envolvente, ou seja quando este “faça parte do contexto social ou esteja com ele fortemente familiarizado por socialização ou aproximação prévias” (p.135), pressupondo que o investigador já tenha algumas noções de como é o meio que está ou pretende estudar: no entanto, o mesmo autor

também considera que numa observação direta o distanciamento é necessário para obter melhores resultados. No caso deste estudo, a observação direta foi feita já com algumas noções do contexto a ser estudado, embora nunca tivesse existido contacto com o público. A complementar este instrumento, foi realizado um diário de bordo, tal como explicamos a seguir.

b) Diário de bordo:

Durante a intervenção, enquanto realizava as sessões, fui construindo um diário de bordo (Anexo 2), onde registava o que tinha observado em cada dia de intervenção. Sendo o diário de bordo uma das técnicas que permite ao investigador relatar o vivencia durante todo o processo, permite que haja uma reflexão sobre todos os acontecimentos, apontando aspetos positivos e negativos, ou até mesmo criar um olhar mais atento acerca daquilo que pode ser melhorado (Boszko & Güllich, 2016, p.56; Coppete, 2014, p.5). O objetivo do diário de bordo segundo Oliveira & Strohschoen (2015) é “ facilitar o registro das atividades, permitindo ao articulador refletir sobre a sua prática e procedimento de sua tarefa” (p.1), ou seja o investigador pode de uma forma mais pessoal descrever a ação segundo a sua experiência fazer uma reflexão acerca da mesma, constituindo como “uma teia de significados” muito própria do investigador (Coppete, 2014, p.6). Com efeito, a sua realização, durante todas as sessões de intervenção, permitiu-me apontar o que observava em cada dia e chegar a reflexões que se revelam cruciais para o desenrolar da intervenção/investigação.

Para além disso, tudo que é escrito no diário de bordo é livre de conceitos ou pré-conceitos, é algo espontâneo que decorre da observação e das vivências feitas pelo investigador em trabalho de campo. Não está assente em nenhuma referência vinda de fora, consta apenas a opinião do agente interveniente na ação. Sendo um espaço de pensamento crítico e criação de possíveis teorias, revela-se, por assim dizer, “um modo desajeitado de observar e reflectir” (Santos, 2018, p.4). Tal como nos diz Zabalza (2004), o diário de bordo é uma forma do investigador estabelecer uma relação de diálogo consigo e ainda “descarregar tensões internas acumuladas, de reconstruir mentalmente a atividade de todo o dia” (p.9). Para além disso, acaba por ser também uma ferramenta facilitadora de um pensamento crítico, ajudando a visualizar e compreender melhor o meio envolvente (Prudêncio, Dias & Pinto, 2014, p.4).

c) Entrevistas em grupo:

As entrevistas em grupo têm como objetivo “estimular os participantes a discutir sobre um assunto de interesse comum” (Boni & Quaresma, 2005, p.73), ou, no caso concreto desta investigação, de possível interesse para o grupo. Esta técnica possibilitou à investigadora um melhor conhecimento dos sujeitos participantes, no sentido de uma melhor adequação das atividades do projeto e da forma da sua implementação, aspeto particularmente importante na fase inicial (Barbosa, 2012, p.80). Para além de ser muito usada para obter/completar informações que através da observação não são possíveis de obter (Miranda, 2009, p.41; Boni & Quaresma, 2005, p.73), assumiu-se como um instrumento de recolha de dados importante, pois permitiu-me conhecer melhor os sujeitos com quem poderia vir a trabalhar.

A entrevista (Anexo 1), ou primeiro contacto com os possíveis participantes, foi realizada em pequenos grupos dentro da turma. Estas entrevistas foram semiestruturadas, o que me deu a liberdade para explorar mais as questões que eram feitas aos inquiridos, de forma a obter informações mais precisas e direcionadas ao assunto que queria desenvolver (Lakatos & Marconi, 1991, p.197), que neste caso consistia em perceber e estimular o potencial interesse dos sujeitos na participação do projeto. A utilização da entrevista de grupo revelou-se a escolha mais adequada pois, tal como nos diz Aires, este tipo de entrevista “ (...) tem a vantagem de ser económica, de proporcionar grande quantidade e diversidade de informação, de estimular os participantes, de ser mais cumulativa e elaborativa do que as respostas individuais e de ser uma técnica de pesquisa em expansão em estudos de natureza qualitativa” (Aires, 2011, p.38).

d) Questionários de tipo aberto:

Enquanto escrevia o diário de bordo apercebi-me da necessidade de formular um questionário para obter informações mais específicas.

Conforme nos dizem Amaro, Póvoa & Macedo (2004/2005):

Um questionário é um instrumento de investigação que visa recolher informações baseando-se, geralmente, na inquirição de um grupo representativo da população em estudo. Para tal, coloca-se uma serie de questões que

abrançam um tema de interesse para os investigadores, não havendo interação directa entre estes e os inquiridos (p.3).

Este tipo de instrumento de recolha de dados não exige que haja a presença de um entrevistador e normalmente as respostas são feitas por escrito pelo destinatário (Lakatos & Marconi, 1991, p.201). Apesar de ter estas características, ainda assim este questionário (Anexo 3) foi entregue presencialmente durante a sessão V (de sala). A necessidade de aplicação deste questionário surgiu da falta de conhecimentos mais aprofundados relativamente aos sujeitos no que concerne à ideia principal do projeto, permitindo-nos perceber de que forma se poderia continuar o mesmo.

Uma vez que este método de recolha de dados deve obedecer ao princípio básico de possuir “uma lógica interna na representação exata dos objetivos e na estrutura” (Manzato & Santos, 2012, p.10), pela razão anteriormente referida, este foi crucial para o procedimento da investigação. Para além disso, permitiu conhecer ou descobrir informações mais pessoais, relativamente a “aspectos de atitudes, interesses e opiniões” (Nogueira, 2002, p.1).

A decisão de optar pelo questionário prendeu-se com o facto de este tipo de instrumento ser formulado por questões que vão ao encontro de determinado assunto e as respostas serem dadas por escrito. Os resultados obtidos com este instrumento permitiram-me recolher dos participantes informações básicas que diziam respeito à intervenção (Coutinho et al, 2009, in Castro, 2010, p. 23). Este tipo de questionários em aberto tem a vantagem de dar ao investigador a possibilidade de explorar possíveis respostas a respeito de um tema, podendo servir mais tarde como base a questionários fechados (Nogueira, 2002, p.2), tendo sido um recurso importante no momento específico em que se encontrava a implementação do projeto.

e) Entrevistas individuais:

Após a análise das respostas aos questionários que foram realizados aos alunos do Programa IPL60+, surgiu a ideia, juntamente com as minhas orientadoras, de fazer entrevistas aos lojistas do comércio local e tradicional de Leiria (Anexo 4). Isto porque consideramos que seria interessante trazer histórias e memórias antigas de Leiria para trabalhar como conteúdo nas sessões, onde incluiria imagens e relatos destes Leirienses, também para suscitar o interesse e a memória dos participantes. Optou-se por fazer entrevistas individuais, por ser um dos instrumentos mais precisos para obter resultados,

facilitando entendimento do sujeito e permitindo explorar diferentes áreas dentro do estudo (Amado & Ferreira, 2017, p.209). Este tipo de entrevistas foi semiestruturada, embora focalizada. Permitiu que me guiasse a partir de um roteiro, em possibilidade de mudar ou acrescentar questões conforme o meu interesse (Lakatos & Marconi, 1991, p. 197). As entrevistas serviram de auxílio para aqui conhecer outros pontos de vista, novas opiniões e até descobrir curiosidades mais íntimas e afetivas dos entrevistados, que era o que me interessava saber. Pude controlar o decorrer da entrevista acrescentando ou retirando questões conforme achasse necessário, o que acaba por ser uma das vantagens mais reconhecidas deste tipo de entrevistas (Fialho, Silva & Saragoça, 2017, p.133).

Foram ainda realizadas entrevistas individuais (Anexo 5) aos sujeitos participantes no finalizar do projeto de investigação com o objetivo de recolher informações mais específicas, “colectar dados objectivos e subjectivos” (Miranda, 2009, p.41). Estas entrevistas foram semiestruturadas e as questões foram definidas previamente em categorias de respostas conforme o assunto que queria abordar com cada pessoa entrevistada (Fontana & Frey, 1994 in Aires, 2011, p.28).

Este método de recolha de dados, segundo Caixeiro (2014) é “ um dos processos mais diretos que o investigador tem à sua disposição para se apropriar de informações sobre determinado fenómeno” (p.392), por este motivo foi uma mais valia na finalização da intervenção com o grupo, permitindo recolher informações mais específicas e opiniões que estariam em falta, de forma a complementar a recolha de dados.

1.3. ANÁLISE DE CONTEÚDO

Quando realizamos uma pesquisa científica devemos ter em conta a escolha dos métodos e técnicas para analisar os dados. Neste estudo, que privilegiou a abordagem qualitativa, a análise de conteúdo revelou ser a técnica mais adequada.

A análise de conteúdo é hoje uma das técnicas mais usadas nas ciências sociais e humanas (Vala, 2001, p.101). Numa análise de dados qualitativos é muito comum o uso desta técnica que resulta do “conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento” (Campos, 2004, p. 611).

A análise de conteúdo é um processo de tratamento de dados determinante numa investigação-ação, serve como instrumento de resposta a questões levantadas durante o processo de intervenção, pressupõe ainda que haja uma recolha cuidada de informação para que os resultados vão ao encontro do que é a realidade estudada (Esteves, 2006, p.10).

Tal como nos dizem Cavalcante, Calixto & Pinheiro (2014) “a análise de conteúdo compreende técnicas de pesquisa que permitem, de forma sistemática, a descrição das mensagens e das atitudes atreladas ao contexto de enunciação, bem como as inferências sobre os dados coletados” (p.14).

Para Bardin (1977) a análise de conteúdo deve sempre ser feita em resposta aos seguintes objetivos:

- “ultrapassagem da incerteza”, ou seja, devemos certificarmo-nos de que todas as informações que queremos transmitir são validas e generalizadas;

- “enriquecimento da leitura” por outras palavras, uma base de resposta sustentada em segundos, acrescenta mais credibilidade ao estudo e pode conduzir a uma melhor compreensão dos dados obtidos. (p.29)

Segundo Vala (2001) a análise de conteúdo tem a vantagem de poder ser construída em base de informações não recolhidas diretamente da intervenção, pode ser trabalhada “sobre a correspondência, entrevistas abertas, mensagens dos mass-media, etc., fontes de informação preciosas e que de outra forma não poderiam ser utilizadas de maneira consistente pela história, psicologia ou a sociologia” (p.107).

A análise de conteúdo foi a técnica de tratamento de dados escolhida para a realização deste estudo, assente nos instrumentos de recolha de dados utilizados anteriormente referenciados.

1.4. PROCEDIMENTOS ÉTICOS

A postura ética foi uma preocupação basilar desde o início até ao final do projeto. Assim, os participantes desta investigação-ação foram convidados a participar e aderiram ao projeto cientes da sua natureza. Para além disso, foi também nossa preocupação que toda a

informação recolhida fosse tratada com o máximo de confidencialidade, permanecendo os nomes anónimos para que as identidades fossem salvaguardadas.

2. O PROJETO DE INTERVENÇÃO: *CAMINHOS DE MEMÓRIAS: CONSTRUÇÃO DE EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS*

Quando pensamos num projeto de intervenção social, devemos tomar a responsabilidade de responder a uma necessidade ou a um problema existente em determinado meio social (Serrano, s.d.). A resposta às questões: O quê? Porquê? Para quê? Quando? Onde? Como? Quem? Com quem? (Fialho et al., 2017, p. 27), são passos fundamentais para a construção de um diagnóstico social.

Em face ao exposto, o diagnóstico social pressupõe conhecer determinada realidade. Saber tudo acerca daquele com quem vamos trabalhar, o que gosta o que não gosta, o que faz e o que fez, entre outras informações pertinentes. (Fialho et al., 2017, p.29), pois só assim se pode chegar ao individuo e se torna possível fazer uma mediação, ou tomar uma decisão.

Vieira diz-nos que “cada sujeito tem a sua história de vida própria e individual que importa conhecer para se poder criar uma relação de empatia indispensável ao sucesso dos cuidados prestados” (Vieira, 2014, p.109). Quando desenhamos um plano de investigação, o projeto já é determinado a pensar no público escolhido e na intenção de prestar o melhor contributo possível.

O Projeto de intervenção *Caminhos de Memórias: Construção de Experiências Significativas*, foi desenvolvido com os seniores do Programa IPL60+. O interesse em trabalhar com este público adveio, antes de mais, do facto, de nunca ter tido a oportunidade de o fazer anteriormente, e, depois, porque me foi feita uma proposta por parte das minhas orientadoras para responder a uma necessidade sentida pelos próprios estudantes do Programa. Todos os anos, a coordenação do Programa questiona os seus participantes e procura saber mais sobre o que gostavam de fazer e que género de iniciativas seriam do seu agrado. Assim, destacou-se uma necessidade sentida pelos participantes: a de explorar áreas mais direccionadas ao Lazer, à Cultura e ao Património.

Quando decidi trabalhar com este público, tomando como ponto de partida a necessidade referida, formulei este projeto interventivo e concentrei-me em conhecer melhor os estudantes do Programa para quem iria planejar estas sessões.

Contudo, na altura de inscrições não apareceram muitas pessoas interessadas e naqueles que se inscreveram acabou por existir alguma falta de assiduidade durante a intervenção. Uma das razões que foi apontada por eles foi a questão dos horários coincidirem com as outras atividades e de terem que selecionar prioridades. Para além disso, a maioria das pessoas que estavam inscritas não apareceu e acabei por ter seniores a participar que não estavam inscritos na atividade.

Assim, e face ao exposto, o projeto acabou por sofrer algumas alterações na sua planificação de sessão para sessão, na metodologia de recolha de dados e até mesmo no processo de trabalho para um produto final. Apercebi-me que este público, apesar de querer coisas inovadoras dentro do Programa, ainda sofre o problema de conciliar o tempo de todas as atividades que têm a seu dispor, o que acaba por se notar na falta de comparência às sessões.

2.1. CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO – PROGRAMA IPL60+

O Programa IPL60+ é um programa de formação ao longo da vida, desenvolvido no ensino superior que foi criado a 8 de março de 2008. Todos os seniores inscritos podem frequentar aulas de licenciatura dos diferentes cursos disponíveis nas diferentes escolas do Instituto Politécnico de Leiria. Para além desta possibilidade, os seniores têm ainda ao seu dispor disciplinas, como as TIC's, Inglês e atividades predestinadas e concebidas especialmente si.

Este Programa foi criado com o intuito de promover um envelhecimento ativo, bem como, disponibilizar um espaço de partilha de conhecimento e aprendizagem ao longo da vida, e ainda, privilegiar o contacto com outras gerações, gerando assim uma estratégia de combate ao abandono e de valorização das pessoas mais velhas (Simeiro & Vieira, 2008, p.3).Conforme se lê no *site* oficial do Programa IPL60+, a velhice e o envelhecimento podem ser vistas menos como uma perda de capacidades e mais como uma oportunidade

para continuar a aprender, dinamizando atividades que permitem ao idoso manter-se ativo e inserido dentro da sociedade atual (*site* oficial do *ipl60mais*⁷).

Assim sendo, é principal intuito deste Programa possibilitar aos indivíduos reformados com mais de 50 anos a oportunidade de continuar com uma vida plena e, quem sabe, criar ou traçarem novos projetos de vida (Lopes & Pimentel, 2017, p. 145).

Desta forma, o Programa IPL60+ trabalha para encarar o envelhecimento não como uma “caminhada para a morte” mas sim como algo que acontece naturalmente e em que todas as suas etapas (da vida) devem ser valorizadas e tidas como uma aprendizagem (Marques, 2008, p. 2). Tendo em conta que manter uma vida ativa e saudável cria um adulto/idoso mais autónomo, capaz de tomar as suas próprias decisões e a sentir-se mais realizado (Vieira, 2014, p. 107-120), e que este programa é um ótimo recurso para manter uma vida ativa.

Muitos idosos quando entram na reforma têm alguma dificuldade em adaptar-se a esta nova fase na sua vida (Machado & Medina, 2012, p. 152), o que pode trazer algumas angústias e preocupações a nível de utilidade e tempo produtivo na vida dos mesmos, afim de combater esse sentimento surgem novas oportunidades para os mais velhos, como é o exemplo destas universidades seniores. Conforme nos diz Cabral et al. (2013) “nem todos os indivíduos cessavam a actividade profissional no momento da reforma, prolongando-a enquanto tivessem condições físicas, cognitivas e motivacionais para a exercer” (p. 41).

Por outras palavras, em muitos casos o indivíduo em idade de reforma sente-se apto de continuar com a atividade profissional, e a necessidade de se manter ativo dentro da sociedade. Pois idade não significa invalidez e muito menos falta qualidade, por vezes são capazes de realizar tarefas melhor que os mais jovens, não os devemos ver como incapacitados ou menos capazes que nós (Machado & Medina, 2012, p. 153).

Este tem sido o perfil dos idosos que procuram o IPL60+, que se têm mantido nos últimos anos, com especial destaque para as mulheres que continuam a ser as que mais procuram participar do programa, com idades compreendidas entre os 60 e os 69 anos. A maioria pertencente ao concelho de Leiria e, geralmente, com qualificações e profissões em diversas áreas. Quando participam no programa procuram novas experiências, um espaço

⁷ Disponível em <http://60mais.ipleiria.pt/>

de partilha de conhecimentos e, principalmente, a aquisição de novos conhecimentos (Pimentel & Faria, 2016, p.108-114).

2.2. CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

O Projeto *Caminhos de Memórias: Construção de Experiências Significativas*, teve a participação de dez seniores, cuja caracterização apresento no quadro a seguir:

Nome	Sexo	Ano de Nascimento	Residência	Profissão que exerceu	Habilitações Acadêmicas	Ano de Inscrição no Programa	Cônjuge no Programa
(AC)	Masculino	1947 (71 anos)	Maceira de Liz	Empresário de Moldes	Bacharelato	2017 (1 ano)	Não
(JJ)	Masculino	1947 (71 anos)	Leiria	Gerente Comercial	3.º ciclo	2008 (10 anos)	Sim
(JN)	Masculino	1960 (58 anos)	Leiria	Bancário	Licenciatura	2016 (2 anos)	Não
(MFP)	Feminino	1954 (64 anos)	Leiria	Coordenadora Administrativa	3.º ciclo	2015 (3 anos)	Não
(MIS)	Feminino	1956 (62 anos)	Leiria	Educadora de Infância	Licenciatura	2015 (3 anos)	Não
(MD)	Feminino	1944 (74 anos)	Leiria	Gerente Comercial	Ensino Secundário	2008 (10 anos)	Sim
(RS)	Feminino	1945 (73 anos)	Leiria	Empregada Fabril	1.º ciclo	2009 (9 anos)	Sim
(SS)	Feminino	1968 (50 anos)	Leiria	Não indica	1.º Ciclo	2017 (1 ano)	Não
(AM)	Masculino	1950 (68 anos)	Leiria	Inspetor de Segurança Social	Ensino Secundário	2010 (8 anos)	Não
(FS)	Masculino	1945 (73 anos)	Leiria	Empregado Eletrónico/ Carpinteiro	3.º Ciclo	2009 (9 anos)	Sim

Quadro 1 - Caracterização dos Participantes

Conforme se pode ver no quadro acima, cinco dos participantes são do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Têm idades compreendidas entre os 50 e os 73 anos e na sua maioria são residentes de Leiria (à exceção de um participante). A maioria exerceu profissões em áreas ligadas à segurança e à administração. As habilitações académicas variam entre o 1.º ciclo (2 pessoas), o 3.º ciclo (2 pessoas), ensino secundário (2 pessoas), licenciatura (2 pessoas) e bacharelato (apenas 1 pessoa).

Todos os participantes se encontram inscritos há pelo menos um ano no Programa IPL60+, sendo que dois estão inscritos desde da abertura do programa ao público sénior (2008). Relativamente ao cônjuge no programa, apenas 4 dos participantes têm marido/mulher a frequentar, sendo que dois dos participantes apresentados no quadro são um casal (RS/FS), os restantes 6 participantes não contam com o cônjuge no programa.

Nas sessões que foram realizadas, o número de seniores variava e não estavam presentes sempre as mesmas pessoas. Na primeira sessão, que foi a apresentação do projeto, estiveram presentes sete sujeitos, três do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Na segunda sessão, onde foi abordado o tema “Lazer, cultura e Património”, estiveram presentes cinco pessoas, três do sexo masculino e duas do sexo feminino. Na terceira sessão, “Memória e Afetividade”, estiveram presentes quatro pessoas, duas do sexo masculino e duas do sexo feminino. Na quarta sessão, “Espaço Público e Espaço Privado” estiveram presentes sete pessoas, quatro pessoas do sexo masculino e três do sexo feminino. Numa primeira visita à cidade, estiveram presentes sete pessoas, quatro do sexo masculino e três do sexo feminino. Na quinta sessão, que serviu para focalizar o tema pela realização dos questionários, estiveram na sala sete pessoas, três das quais do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Na sexta sessão, e última sessão de sala, que teve como tema principal recordar as memórias de tempos passados para despertar as memórias, estiveram presentes três pessoas, duas do sexo masculino e uma do sexo feminino. Na última visita constituída pela Fotomaratona, estiveram presentes quatro pessoas e todas do sexo masculino.

Apenas uma única pessoa (JJ), foi a todas as sessões e visitas realizadas à cidade. Reiteramos, por isso, que o grupo que participou neste projeto não foi sempre o mesmo, constituindo-se, este aspeto, como uma dificuldade na sua realização, pois as sessões e atividades tiveram que ser adaptadas de forma a que todos os que apareciam de novo

percebessem o que estava a ser trabalho e o que já se tinha feito. Isto tornou-se também um entrave à concretização da ideia de projeto exatamente como estava planeado.

Em alguns momentos durante as sessões existiram algumas dificuldades na realização das atividades mais práticas. No entanto, durante os debates, ou quando trazia assuntos mais históricos acerca da cidade e pedia que falassem sobre isso, sentiam-se bastante à vontade para participar e partilhar informações.

No geral, os participantes eram todos muito participativos, com exceção de uma senhora (SS), que notei ser mais tímida e pouco faladora e que, apesar de só ter vindo a uma sessão, parecia pouco incluída no grupo.

3. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO

A ideia inicial consistia na construção, com os estudantes do IPL60+, de um roteiro fotográfico em que as suas memórias e a questão afetiva seriam as protagonistas. Pretendia-se que, através de algumas sessões, se trabalhasse um pouco da cultura e da história da cidade de Leiria, dando ênfase às memórias de cada um em particular. Os locais a registar nos roteiros seriam escolhidos e fotografados por eles, contando assim “a história” desse lugar, a partir das suas vivências.

Após essas histórias estarem escritas e captadas fotograficamente, pretendia-se juntá-las em formato EBOOK e partilhá-las no *site* do Programa IPL60+, para possibilitar o acesso público, deixando um espaço aberto aqueles que quisessem participar com as suas histórias. Com este projeto pretendia-se conhecer melhor cada um e partilhar conhecimentos relacionados com a cidade de Leiria, fortalecer relações entre eles e entre a cidade e criar um roteiro fotográfico mais inovador e criativo.

Ao longo das sessões que fui realizando, apercebi-me de que o interesse dos sujeitos ia num sentido diferente daquele que havia sido definido *à priori* para a criação do roteiro, uma vez que os participantes valorizavam muito mais os aspetos históricos dos edifícios/espacos do que as suas memórias.

Perante tal facto, tivemos que adaptar os objetivos e as estratégias inicialmente pensadas, alterando a planificação de sessão para sessão, a metodologia de recolha de dados, e até

mesmo o produto final, indo ao encontro daquilo que era efetivamente desejado e valorizado pelos sujeitos participantes.

Neste sentido, foi definida como pergunta de partida:

Quais os contributos do projeto *Caminhos de Memórias: Construção de Experiências Significativas* na construção de experiências culturais significativas para os estudantes do Programa IPL60+?

Como objetivo geral da investigação:

- Conhecer os contributos da realização de práticas culturais na construção de experiências significativas para os estudantes do Programa IPL60+.

E como objetivos específicos:

- Perceber a importância da socialização na construção de experiências significativas;
- Identificar a ligação dos seniores com o espaço-cidade em que habitam;
- Conhecer a importância que os seniores atribuem à partilha de memórias afetivas/experiências de vida;
- Perceber de que forma a vivência de experiências culturais dotadas de significado incentivam a participação sociocultural dos seniores.

3.1. PLANIFICAÇÃO DA INTERVENÇÃO

O projeto *Caminhos de Memórias: Construção de Experiências Significativas* ficou programado para todas as quintas feiras das 10:30h às 12:30h, ou seja, 2 horas de duração. As sessões tiveram início no dia 1 de março e terminaram a dia 11 de maio, sofrendo algumas alterações em horários conforme a disponibilidade dos participantes. As sessões foram realizadas na sala de convívio do Programa IPL60+, na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria.

Inicialmente, as sessões foram planeadas e realizadas com o intuito de se abordar as temáticas solicitadas pelos seniores e também de se proporcionar conhecimentos teóricos importantes para a criação dos roteiros fotográficos. Pretendia-se que em cada uma das sessões se trabalhasse um tema diferente, se experimentassem atividades em que, através

da fotografia, a memória e a ligação afetiva, relativamente aos espaços ligados ao lazer, à cultura e ao património da cidade de Leiria, fossem protagonistas.

As sessões estavam organizadas da seguinte forma:

1.º Lazer, Cultura e Património, pretendia-se promover um maior conhecimento dos espaços ligados ao lazer e à cultura de Leiria. Tinha planeado realizar exercícios individuais e grupais de partilha de conhecimentos mais pessoais dos participantes.

2.º Memória e Afetividade, pretendia-se aprofundar o conhecimento da História de Leiria, através das memórias e das narrativas dos participantes que seriam chamados a lembrar costumes dos “tempos antigos”, passando, também, pelas histórias que se constroem em torno da cidade, dos locais e dos edifícios, realizadas em torno de atividades práticas.

3.º Espaço Público e Espaço Privado, pretendia-se construir um roteiro fotográfico, partindo dos espaços selecionados pelos participantes, bem como apresentar a definição de espaço público e de espaço privado, fazendo a sua distinção e ainda conhecer algumas intervenções artísticas no meio urbano.

4.º Fotografia, pretendia-se que os participantes adquirissem alguma noção básica da fotografia e saíssem à rua para experimentar o roteiro fotográfico com os locais escolhidos

5.º EBOOK, pretendia-se fazer uma compilação das fotografias e das memórias dos participantes em formato digital (como um roteiro fotográfico) e disponibilizá-lo no site do IPL60+.

Tal como já foi explicado, durante a intervenção, quer o conteúdo das sessões quer a forma como estavam a ser dinamizadas tiveram de ser alteradas. Pretendia-se que o grupo de trabalho fosse sempre o mesmo, e que permitisse um processo de trabalho contínuo até ao produto final, porém, como não vieram sempre as mesmas pessoas e houve muitas falhas, tivemos que ir adaptando as sessões ao longo de toda a intervenção (Anexo 6), tal como é natural acontecer em estudos com características de investigação-ação.

3.2. IMPLEMENTAÇÃO – DESENVOLVIMENTO DE SESSÕES

A proposta do projeto foi apresentada ao programa e aprovada como uma atividade destinada aos alunos do IPL60+. Os estudantes interessados teriam que se inscrever. Com o objetivo de promover o projeto e apelar à sua participação, fui assistir a uma aula e conhecer alguns alunos do programa.

Neste primeiro contacto, que aconteceu no dia 29 de janeiro, realizou-se uma entrevista em grupo. Foram colocadas algumas questões para obter informações que me facilitassem a interação com este tipo de público. Assisti à aula para tentar recolher algumas informações ao nível de relações e comportamento entre colegas/professores. Pelo que pude perceber através da observação, este tipo de público trabalha melhor em grupos do que individualmente, apercebi-me que os trabalhos de grupo são uma opção muito vantajosa pois têm o auxílio do outro e acabam por fortalecer relações. São muito participativos mas têm que ser muito incentivados. A determinada altura na sala de aula reparei que a professora incentivava a participação deles, não só pelo trabalho de grupo mas também, através de exemplos ilustrativos (com imagens e esquemas) que suscitavam a sua atenção. Assim, percebi que as sessões que iria realizar, teriam que ser o mais dinâmicas possíveis inserindo conteúdos temáticos e atividades mais práticas.

A primeira sessão aconteceu no dia 1 de março. Foi preparada uma apresentação onde se deu a conhecer ao grupo a estrutura (apresentada no ponto anterior) com as sessões planeadas, esclareceram-se dúvidas e explicaram-se os objetivos do projeto. No geral, a apresentação ao programa correu bem e obtive o apoio por parte dos estudantes que se comprometeram a participar nas sessões e ajudar-me no projeto. Um dos estudantes disponibilizou-se, inclusivamente, a ceder-me materiais (roteiros turísticos da cidade de Leiria) para me ajudar no projeto.

A segunda sessão aconteceu no dia 8 de março, tendo sido trabalhado o primeiro tema, “Lazer, Cultura e Património”. Foram apresentados conteúdos que, em princípio, seriam do conhecimento deles, também no sentido de causar discussão e ser mais dinâmico. Procedeu-se tal como planeado: inicialmente mostrei um vídeo de promoção turística na cidade de Leiria, e seguidamente mostrei e falei um pouco sobre os espaços de lazer e cultura da cidade, sobre a gastronomia típica e sobre as atividades que ocorrem na cidade, bem como os locais históricos mais conhecidos em Leiria. Esta sessão atingiu os objetivos esperados e notou-se muito pela participação do grupo de que estavam a gostar. No

entanto, tinha uma atividade programada que, por falta de tempo, não foi possível realizá-la. Consistia na escolha, por parte dos estudantes, de uma palavra (positiva e negativa) que descrevesse a sua cidade. Através das palavras que surgissem, em grupo, a ideia era construir uma espécie de texto promocional a Leiria onde indicassem não só os pontos positivos como também os menos positivos, permitindo que refletissem acerca da sua cidade e da sua relação com a mesma.

A terceira sessão realizou-se no dia 15 de março e foi trabalhado o tema “Memória e Afetividade”. Para esta sessão estavam planeadas desenvolver atividades relacionadas com as lendas e as tradições de Leiria, lembrando outros tempos. Estiveram poucos estudantes dentro da sala, apesar disso participaram ativamente, pelo menos numa das atividades que havia planeado. Na primeira atividade pretendia lembrar um pouco do conteúdo trabalhado na sessão anterior, por isso, elaborei um jogo de questões (perguntas e respostas). A segunda atividade, estava relacionada com as lendas e as tradições de Leiria. Desta forma, começou-se por fazer um jogo com os participantes onde recordávamos o conteúdo trabalhado na sessão anterior, mais ao nível de locais e valor patrimonial, utilizando também os documentos cedidos pelo estudante que se comprometeu em disponibilizá-los, este jogo funcionou em grupos, neste caso 2 contra 2 (um contra ao outro). No entanto, ao longo da atividade verificou-se um modo de funcionamento mais grupal, acabando por se ajudarem entre eles, averiguando-se a importância e valor dado ao trabalho de equipa, na relação e partilha de conhecimentos com os outros. Estava programado trabalhar as lendas e tradições da cidade de Leiria. Para tal, foram disponibilizadas nesta sessão, algumas lendas, transcritas em papel. Pretendia-se que escolhessem uma delas e, em grupo ou individualmente, contassem a lenda à turma da forma que se sentissem mais à vontade para o fazer (podia ser a cantar, a representar, a declamar, ...), com o intuito de conhecê-los melhor e aos seus gostos. Porém, como existiam outras atividades em paralelo com a minha a que os estudantes queriam participar tive que dar a sessão por terminada. No final, foi-lhes pedido que me trouxessem para a próxima sessão uma memória de um local que gostariam de partilhar com os outros. Tendo surgido várias dúvidas relativamente a esta proposta, alguns deles afirmaram não ter memórias com a cidade que sejam significativas, de forma que foi necessário esclarecer melhor o propósito e sugerir que pensassem primeiro numa memória de Leiria e que a partir daqui decidiríamos o local e que tentaríamos arranjar uma forma de tornar as coisas mais claras.

A quarta sessão decorreu no dia 22 de março e trabalhámos o tema “Espaço Público e Espaço Privado”. Para esta sessão pretendia trabalhar com eles as rotas com os locais escolhidos, para tal, tinha pedido aos participantes, na sessão anterior, para trazerem uma memória de um espaço/local que gostariam de ver representado no roteiro fotográfico. Para o início da sessão, planeei um pequeno exercício relacional com espaço público e privado e algumas atividades exercidas por eles como “hábitos” realizados em espaços públicos e espaços privados (Anexo 7), e ainda, uma pequena apresentação em *PowerPoint* com definição e distinção de espaço público e espaço privado, algumas intervenções e tradições que acontecem/aconteceram em Leiria. Primeiramente, foi realizado o exercício programado, onde se pediu referência a locais prediletos dos participantes para realizarem algumas atividades específicas e reconhecer a sua distinção entre espaço público ou privado dos locais escolhidos, pelo que pude perceber que a maioria deles apresentavam preferência em realizar atividades dentro do espaço privado. Seguidamente, foi falado o tema mostrando o que havia planeado. Não obtive muita interação por parte deles, durante a distinção dos espaços, mas mostraram-se muito interessados em desvendar os espaços escolhidos com intervenções artísticas, que se encontram espalhados pela cidade de Leiria. Depois da apresentação foi-lhes pedido que contassem os locais escolhidos por eles, para assim construirmos o nosso percurso a experimentar na próxima sessão que seria “Fotografia”. Porém, nem todos os participantes que estavam nesta sessão estiveram presentes na anterior, não sabendo do que se tratava, e os que tinham vindo não trouxeram material para ser trabalhado. Assim, foi-lhes proposto que na próxima sessão em vez de trabalharmos o tema de “Fotografia”, saíssemos pela cidade de Leiria para experimentar um roteiro já existente. Como alternativa, optámos por experimentar novos roteiros, com o intuito de avaliar outros aspetos, como a relação deles com a cidade. Ficou assim marcado experimentar o roteiro judaico da cidade. A partir desta sessão, verificou-se que os resultados desejados não estavam a ser materializados, pois todas as atividades que tinha programadas para elaboração do roteiro fotográfico não estavam a ser realizadas como planeadas. Para encontrar uma solução, foi marcada uma reunião com as orientadoras, que sugeriram construir um questionário na tentativa de obter aquilo que pretendia.

No dia 5 de abril, a atividade foi realizada no espaço público, mais concretamente, na cidade de Leiria, onde foi experimentado o roteiro turístico judaico. Esta atividade foi bastante proveitosa, possibilitando a perceção da relação dos participantes com a sua cidade.

No dia 12 de abril decorreu a quinta sessão. Para esta sessão, foram formulados questionários direcionados às memórias e às questões afetivas com a cidade, pois pretendia-se conhecer a aproximação dos estudantes com a cidade de Leiria e a relação com essas memórias. Estes questionários, previamente elaborados sob orientação, foram entregues aos participantes para preencherem durante a sessão. Chegou-se à conclusão da necessidade desta estratégia, que foi usada na tentativa de obter algum conteúdo para trabalhar na criação do roteiro fotográfico com os locais e memórias escolhidas por eles, ponderando-se adiar a sessão de “Fotografia”.

Após a análise destes questionários, juntamente com as minhas orientadoras, apercebemo-nos de que os estudantes não tinham ou não queriam falar das suas memórias significativas.

Como solução a este problema, chegou-se à conclusão (esta decisão também foi sob orientação) de que seria interessante realizar entrevistas a comerciantes tradicionais de Leiria (idosos), conhecer um pouco da sua história e das memórias que vivenciaram na cidade. Após as entrevistas, pretendia-se selecionar os locais e contar um pouco da história das pessoas que habitam na cidade. Assim, a partir de locais selecionados por mim, e tendo como apoio entrevistas realizadas a comerciantes tradicionais de Leiria, foi possível obter algumas histórias, memórias e relatos de vivências e, assim, construir uma rota desses locais para que os participantes experimentassem e fotografassem. Foram ainda recolhidas imagens e registos na biblioteca para completar a informação para a Fotomaratona.

A sexta sessão realizou-se no dia 19 de abril. Estava programada ser a sessão de “Fotografia”, tendo que ser alterada para “Memórias de Outros Tempos”. Nesta sessão foram apresentadas imagens do passado e do presente da cidade de Leiria, juntamente com algumas indicações históricas e memórias dos Leirienses a quem foram realizadas as entrevistas. Foram recolhidas as informações, selecionadas imagens do passado e do presente, e construído um *PowerPoint* com essas histórias e essas imagens a complementar. Pretendia despertar a memória dos participantes através das imagens e saber se demonstravam alguma relação afetiva com a Leiria de antes a partir daqueles locais. No final da apresentação, foi-lhes indicado o propósito da Fotomaratona, para que tirassem as fotos a esses locais e que contassem algo sobre eles, pelo menos a um deles (dos locais), que seria interessante partilhar. Na apresentação, os alunos foram bastante participativos, apercebendo-me pelo entusiasmo e admiração que demonstravam na

apreciação das imagens que não conheciam Leiria, reconhecendo os conteúdos meramente históricos da cidade.

Relativamente à Fotomaratona, foi-lhes pedido que a fizessem individualmente e trouxessem as fotografias e as memórias na semana seguinte para selecionarmos as melhores, e construirmos o *EBOOK*.

No entanto, após uma orientação, ficou decidido que seria melhor realizar a Fotomaratona com os alunos. Captávamos as fotografias e gravávamos a visita, com o intuito de conseguir alguma informação relevante para construir o roteiro fotográfico, acabando por ser, também, um incentivo à participação deles.

Ainda assim esta Fotomaratona foi remarcada três vezes, pelo facto das duas primeiras não ter comparecido ninguém. No dia 11 de maio efetuou-se a saída à cidade de Leiria para seguir a rota que tínhamos planeada. Em vez de seguirmos o trajeto escolhido, foi improvisada outra rota que, segundo os estudantes que participaram, facilitava a visita aos locais marcados. Fui verificando ao longo da visita que os locais escolhidos não lhes traziam memórias ou recordações (existia alguma falta de afetividade com o local, o espaço público) e acabamos por captar fotografias a outros locais que não estavam no roteiro, para além dos que estavam. Apesar de não se ter obtido as memórias dos locais escolhidos pela falta de relação afetiva que existia entre os alunos e a cidade, e de ter havido falta de comparência e comprometimento por parte dos participantes, ainda foi possível fazer um trabalho ligado ao lazer, à cultura e ao património.

Antes de dar por terminado o projeto interventivo foi marcada uma última sessão. Pretendia-se realizar com os alunos um *focus* de grupo, para perceber o resultado das sessões. No entanto, não apareceu nenhum estudante e, como estas informações/*feedback* eram relevantes para uma análise mais aprofundada da intervenção, procurou-se construir entrevistas individuais e marcar uma data para as fazer que fosse de acordo com os participantes.

CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo de apresentação e discussão dos resultados debruçar-nos-emos sobre a apresentação e a discussão dos resultados obtidos a partir da análise de conteúdo que utilizámos para organizar e tratar o conjunto de dados recolhidos através do diário de bordo da investigadora, dos questionários e das entrevistas realizadas aos participantes.

De forma a garantir que os resultados no estudo sigam uma linha condutora de sentido, estes serão apresentados por ordem de frequência, ou seja, as categorias apresentam-se organizadas por ordem decrescente relativamente à frequência de entradas, começando pela temática que mais vezes emergiu na análise de dados.

Neste sentido, do cruzamento dos dados obtidos dos três instrumentos de recolha de dados, emergiram, transversalmente, quatro categorias de reflexão com subtemas, que serão apresentados na seguinte ordem:

1. Relação com a cidade;
2. Projeto e dificuldades na concretização;
3. Participação;
4. Relação com o outro

1. RELAÇÃO COM A CIDADE

A relação dos participantes com a cidade de Leiria foi um dos assuntos que mais se destacou ao longo do estudo. Esta temática surge dividida em duas subcategorias: a primeira diz respeito à **relação afetiva** e a segunda ligada à **relação histórica**.

No que se refere esta primeira subcategoria, os participantes do projeto apresentaram pouca, ou nenhuma, relação afetiva com a cidade em que habitam, reconhecendo, por diversas vezes, essa pouca afetividade: *«disseram ainda não serem Leirienses e que não sabiam que local escolher já que “não tinham muitas recordações” de locais na cidade»* (Investigadora - DB). Apesar de todos os participantes viverem em Leiria, os dados revelam que a relação afetiva com a cidade, que passa pela própria identidade dos sujeitos, praticamente não se verifica. Assim, e no que concerne à **relação histórica**, os dados

demonstram que também a relação com o património da cidade é quase inexistente, quebrando, desta forma, a ponte de relação entre a memória, a herança e a criação (Martins, 2009). Conforme revelam os dados, esta quebra verifica-se, desde logo, no facto de parte dos participantes não conhecerem, ou não usufruíam, dos espaços públicos da cidade «*”Eu vivo em Leiria e nunca estive nesta rua”, Isto não era uma farmácia?”*», «*Não me lembro disto ser assim”*» (DB-XX). Este aspeto parece não se verificar relativamente ao comércio local, uma vez que este é marcado pelas antigas profissões (alguns dos participantes exerceram profissões ligadas ao comércio), sendo muitos dos proprietários das lojas conhecidos de longos anos, o que acaba por marcar certa relação e envolvimento com a cultura envolvente.

Sabemos, na senda do que defende Macedo (1982), que os indivíduos são definidos por um conjunto de formas de ser que representam a comunidade local e definem o sujeito socialmente.

Apesar de ter feito estas observações, ligadas à pouca afetividade com a cidade, durante a visita, nos questionários e entrevistas, alguns participantes afirmam ter o costume de passear por Leiria, no entanto estas saídas relacionam-se mais com o lazer e convívio, atividades que proporcionam prazer, e que motivam a participação (Rhoden, 2014) do que propriamente com o interesse de conhecer ou explorar espaços históricos de Leiria «*Vivo em Leiria muito perto do centro histórico e todos os dias percorro o centro da cidade a pé*» (AM – questionários); «*Como vivo na cidade usufruo diariamente, costumo diariamente – quando o tempo me permite – fazer uma caminhada.*» (JJ – questionário); «*Isso é já uma coisa que gosto de fazer sempre. Procuro todos os anos – quase que faço as mesmas coisas, mas a perspetiva é sempre diferente, a gente vê sempre a cidade de maneira diferente*» (JJ- entrevista); «*Embora viva a 2km da cidade, todos os dias sem exceção venho à cidade tomar um café com amigos, fazer compras, etc.*» (IS - questionário). Outros participantes, pelo contrário, admitem não ter essa relação: «*Poucas vezes vou à cidade, vou mais aos ensaios de cavaquinhos, ao campo de futebol ou à praça (...) eu ando no IPL, mas não passo no centro da cidade*» (RS - questionário).

Nos questionários que foram realizados durante uma sessão, apenas dois participantes, acabam por referir alguns locais que lhes trouxeram certas emoções, porém, sentiram algumas dificuldades em partilhar essas memórias: «*Foi o local onde uma das minhas filhas nasceu. A mais nova, a mais velha veio de Lisboa, pois eu trabalhava em Lisboa na*

empresa que me deslocou para Leiria. O sentimento: nascimento das minhas filhas» (JJ - questionário); *«O Jardim Luís de Camões e uma pastelaria junto ao gato preto, onde aos domingos íamos comprar a nossa bola de Berlim (os tempos eram difíceis e o dinheiro muito pouco)»* (IS - questionário). Esta partilha, se mais expandida, podia ter sido um ponto crucial para o desenvolvimento do projeto, uma vez que todo o passado que envolva a comunidade e o indivíduo define uma identidade e reconhecesse-se como património herdado pelos nossos antepassados (Hernández, 2002), que importa conhecer. Apenas um dos participantes apontou uma memória menos positiva: *«O liceu Rodrigues Lobo (...) agora sei que fui vítima de bulling. Que colegas mazinhas que tive!»* (IS – questionários). Estas memórias serviram de base para mais tarde selecionar os locais para a Fotomaratona. Durante as entrevistas, os entrevistados afirmaram ter memórias que gostavam de partilhar, porém nas sessões que foram realizadas, houve algumas dificuldades em conseguir essa partilha de memórias para a criação dos roteiros. Estas memórias podiam ter sido uma ponte de ligação dos participantes com a comunidade local, conhecer e aprender com o passado, educarmo-nos a partir do saber dos nossos antepassados, dar uma especial atenção a afetividade cultural, à memória e à criatividade (Martins, 2009).

Esta falta de abertura em abordar sentimentos relacionados com a cidade pode estar relacionada com o facto de, quer por a maioria dos participantes não ter nascido em Leiria como também por suas memórias estarem ligadas a um sentido de obrigação e de mudança imposto na sua juventude: *«A primeira vez que vim para Leiria foi quando tinha 10 anos para fazer o exame de 4.ª classe»* (AF – questionário); *«Vim para Leiria com 14 anos para começar a trabalhar»* (FS – questionário); *«Vim para Leiria a um casamento e encontrei o meu marido, depois casei e vim viver para Leiria»* (RS – questionários); *«Vim por razões profissionais»* (JJ - questionários); *«O meu pai era funcionário público na nossa aldeia e foi transferido para Leiria»* (AM - questionários); *«Vim para Leiria aos 10 anos de idade para estudar»* (IS – questionários).

Apenas um dos participantes não vive atualmente em Leiria, e afirmou não ter qualquer tipo de vivência marcante na cidade *«Não tenho memórias de vivências de Leiria porque não sou de Leiria»* (AF – entrevista), no entanto referiu uma memória de um local de Leiria (Liceu Rodrigues Lobo) *«Senti-me à vontade dado ter consciência que estava preparado para o exame. No final recebi os parabéns pela minha prestação, pelo que fiquei muito satisfeito»* (AF – questionário) acrescentou ainda na entrevista *«o exame no liceu, essa imagem ficou, eu não conhecia Leiria (...) nunca vinha para aqui (...) lá está*

foi uma coisa esporádica – teve que ser – não há um local que me diga em termos sentimentais» (AF – entrevista), dando a entender que apesar de conter memórias da cidade de Leiria, não dá grande importância em termos sentimentais às mesmas.

A segunda subcategoria ligada à relação com a cidade remete-nos para o interesse histórico dos participantes. Os participantes demonstraram grande entusiasmo no conhecimento da história da cidade na sessão de apresentação do projeto *«um dos estudantes dirigiu-se a mim disponibilizando-se a trazer alguns roteiros de Leiria para que pudesse ver e facilitar o meu trabalho de estudo, voluntariando-se a fazer comigo uma visita pela cidade»* (investigadora – DB). Esta afirmação positiva para o interesse histórico está associada a uma necessidade de através da história e do património criar um envolvimento com a comunidade e um sentimento de pertença (Moderno, 2016). O desinteresse em partilhar as memórias afetivas revelou-se durante a Fotomaraton, que apesar de ter ido ao encontro de locais referidos pelos participantes nos questionários, optaram consistentemente por referenciar a história e o passado histórico: *«os locais que escolhi para a Fotomaraton em específico não lhes despertava nenhuma memória antiga (positiva ou negativa), apesar de alguns deles irem ao encontro de alguns locais referidos por eles nos questionários»* (investigadora – DB). Esse interesse histórico foi notório na questão presente nos questionários: *«Que locais e histórias gostaria de partilhar com os mais jovens?»*, cujas respostas rondaram todas o mesmo registo: *«locais com mais valor histórico»* (AF – questionários); *«teatros e museus»* (AM – questionários); *«Mostrar tudo que Leiria tem e tudo que Leiria oferece»* (JJ – questionários); *«Leiria é uma cidade bonita, o castelo, os museus, as igrejas, a baixa da cidade, o nosso rio Lis, enfim é uma ótima cidade para visitar e viver»* (IS – questionários). Foi ainda apontado nas entrevistas, por um dos entrevistados, que *«Leiria tem um castelo lindíssimo para mim o mais bonito de Portugal, e a interação entre a cidade e o castelo está muito bem feita»* (JN – entrevista).

Apesar de serem de Leiria, não conhecem todos os locais históricos da cidade, mas demonstram grande interesse em conhecer a sua história, fator manifestado essencialmente nas entrevistas, *«Até te digo uma coisa - eu sou de Leiria e eu não conhecia a casa do pintor, eu passo lá todos os dias e não sabia (...) a igreja foi a primeira vez que lá fui desde que ela está restaurada já lá tinha tentado ir mas estava fechada, gostei muito (...) não estou sensibilizado para estar a preocupar-me ou conhecer tudo, muita coisa me escapa»* (JN - entrevista); *«(...) afim ao cabo andei, por exemplo eu nunca tinha entrado na casa do pintor, entrei pela primeira vez»* (JJ - entrevista); *«A casa dos pintores também*

gostei porque desconhecia. Tudo isso me enriqueceu e se calhar se não fosse este projeto acabava por não ligar – passava ao lado» (AF - entrevista). Este interesse pelo património da cidade também surge ligado a uma identidade e sentimento de pertença, a uma construção identitária coletiva, a uma necessidade de conhecer e vangloriar a cidade, como iniciativa ao autoconhecimento do participante à sua localidade (Fortuna, 1999), tal como afirmou um dos participantes, na entrevista: *«Para já é termos conhecimento do espaço em que habitamos, saber defini-lo, saber o quê que há nas nossas aldeias, identificarmo-nos com elas e estudá-las também»* (JJ – entrevista).

Ainda assim o mesmo participante afirma ainda que muitos dos participantes do projeto não conheciam a história da cidade e acabaram por ter essa oportunidade de aprenderem e conhecerem, *«Eles não conheciam Leiria, por aí pode-se ver que aquilo era para ti e para todos os outros também»* (JJ – entrevista).

2. PROJETO E DIFICULDADES NA CONCRETIZAÇÃO

A segunda categoria surge associada à concretização da ideia do projeto e aos obstáculos que surgiram na sua concretização. Está dividido em duas subcategorias que fazem referência às **dificuldades de entendimento** e às **dificuldades em trabalhar e apresentar todo o conteúdo programado**.

Esta primeira subcategoria surge pelo facto de, durante a intervenção, terem surgido muitas dúvidas relativamente à ideia do projeto e de, ao longo de todas as sessões, essas dúvidas permanecerem mesmo após o esclarecimento. Na sessão de apresentação, fizeram-me questões mais ligadas aos materiais e à avaliação (sendo aqui notório alguma falta de compreensão no que iria ser trabalhado) *«Alguns dos participantes perguntaram-me se seria necessário trazer algum material para trabalhar ou se seria preciso tirar apontamentos»* (investigadora – DB).

O facto de não terem entendido o que se iria realizar em cada sessão após a explicação do seu conteúdo e objetivos, pode ter influenciado o número de participantes que compareceram na primeira sessão, *«(...) estavam presentes dois estudantes»* (investigadora – diário de bordo), mas não foi o único fator a influenciar, visto que *«Um pouco antes de começar com o conteúdo ligado à cidade apareceram na sala mais três pessoas, que alegaram não terem sido informados que a aula começaria às 10:30h e que no horário*

estava que seria às 11:00h» (investigadora – diário de bordo), verificando-se uma falta de comunicação assertiva no momento de conversa relativa à alteração do horário.

Durante a sessão em que foram entregues os questionários, a ideia do projeto foi esclarecida, surgindo algumas questões apontadas pelos participantes em relação à pertinência do mesmo. Alguns questionaram *«Porque é que as nossas memórias são importantes para um roteiro?»*; *«um roteiro deve conter a história da cidade, não nossas memórias»*, apesar de autores como Fortuna (1999) e Martins (2009) afirmarem o contrário, no que diz respeito à relação das memórias com a história local. No diário de bordo essa situação é descrita *«a discussão levou à interrogação por parte deles em relação ao valor das suas memórias dentro de um roteiro. Dentro da lógica dos participantes, um roteiro deve ter conteúdos históricos e não as memórias particulares e afetivas de cada um»* (investigadora – DB). As respostas aos questionários foram muito curtas e pouco desenvolvidas, tendo-se verificado num questionário a resposta a apenas duas questões por parte de um participante (FS). Foram assinalados locais, mas sem uma perspetiva pessoal. Relativamente à questão: *«Que sentimento lhe vem à memória quando pensa nesse local?»*, as respostas foram muito parecidas e pouco esclarecedoras: *“Bons filmes”* (AM - questionários); *“Boas recordações”* (RS - questionários).

Um dos fatores que poderá ter influenciado a sua participação surgiu ligado ao nome dado ao projeto, que se verificou não ir de encontro da ideia central do projeto remetendo para outro tipo de conteúdo: *«Uma das dúvidas que surgiu, na maior parte dos estudantes, estava relacionada com o nome dado à atividade, de forma que tive que esclarecer que o trabalho que íamos fazer surgia ligado à fotografia e à criação de um roteiro com memórias de cada um, e que mais tarde, se pretendia experimentar esse roteiro»* (investigadora – diário de bordo). Os próprios participantes nas entrevistas realçaram essa ideia, na resposta à questão: *«Quando decidiu participar no projeto o que o incentivou?»*, responderam que *«O nome (risos) com a palavra digitais, pensei que fosse algo relacionado com a informática – informática, fotografia, trabalho de fotografia»* (JJ – entrevistas); *«O título chamava-se ‘Roteiros Digitais’, e eu fui um bocado por aí»* (AF – entrevista); *«Tu tiveste azar no teu projeto, as pessoas estão aqui para ter aulas e se calhar não conseguiste, mas penso eu que se conseguisses mais chegar às pessoas elas ajudavam-te com certeza e participavam mais (...) as pessoas não tenham entendido o projeto – até nome sugeriu outra coisa (...) acho que as pessoas estão mais interessadas em vir aqui e receber uma aula, em participar na aula, do que estarem com a obrigação*

de colaborar com uma aluna que precisa de fazer determinado trabalho e que nós sejamos cobaias – eu estou a tentar perceber o quê que falhou» (JN – entrevista). Nesta última resposta é pertinente realçar a ideia de que os seniores que participam no Programa IPL60+ podem conter preferência por conteúdos mais teóricos (conteúdos de sala de aula) e que a importância que dão a atividades extracurriculares mais práticas é menor em relação às disciplinas comuns no programa, como são de exemplo as Línguas, a Literatura Portuguesa e as Ciências Sociais. Até porque como Veloso (2000) aponta, o conteúdo da disciplina de História como aquele que surta mais interesse e participação dos seniores dentro dos programas universitários.

Quando realizei a Fotomaratonas surgiram algumas dúvidas em relação ao intuito da sua realização, *«falei-lhes da ideia de Fotomaratonas (...) não demonstraram muito entusiasmo e duvidaram do porquê da mesma»* (investigadora – diário de bordo). Pois não havia sido planeado desde do início do projeto e ainda, porque apenas uma pessoa que a experimentou havia ido a todas as sessões realizadas, os restantes participantes não usufruíram das mesmas, pelo que tiveram dúvidas em perceber o seu propósito.

No entanto, na entrevista a um participante, apercebi-me de que houve algum entendimento da intenção da realização do projeto e da ideia central do mesmo, *«A ideia era investigar novos programas turísticos – coisas que também não estavam nos roteiros oficiais e podiam ter algum interesse. Isso também estava curioso ver em quê que realmente podíamos selecionar e criar (...) acaba por ser uma componente não é palpável, digamos. O que está por detrás daquele espaço e local para cada um»* (AF – entrevista). Dado este entendimento na pertinência do projeto e principalmente dentro de um programa como o do IPL60+, remete-nos para o real propósito deste tipo de projetos, a promoção do bem estar do idoso (Cristianini, 2001, in Jacob, 2012), desenvolver o otimismo e a produtividade do sénior na comunidade local, a prestação do seu contributo a partir das suas memórias e dos seus saberes (Oliveira & Oliveira, 2008), daí a relevância de desenvolver projetos deste cariz.

A segunda subcategoria relacionada com as dificuldades sentidas na apresentação e implementação de todo o conteúdo programado.

Uma dessas dificuldades manifestou-se na falta de comparência dos participantes às sessões programadas. Tendo sido justificada pelo facto de existirem horários sobrepostos (outras aulas a decorrerem no mesmo horário).

As atividades práticas não foram muito recorrentes, apesar de ter planeado fazer pelo menos uma atividade deste cariz para cada sessão. Ao longo do diário de bordo faço referência a essa situação, *«apercebi-me que já passava da hora, assim não consegui realizar a primeira atividade prática que tinha planeado»* (investigadora – diário de bordo), pelo facto de o conteúdo apresentado geralmente originar debates, restando pouco tempo para trabalhar essa componente mais prática. Concentrámos mais o tempo nos debates e na partilha de conhecimentos, até porque, como nos dizem Pimentel & Faria (2016), é as experiências e o espaço de partilha de conhecimentos, acima de tudo de novos conhecimentos, que incentiva mais os idosos à participação. Desta forma, conferiu-se às atividades mais práticas um papel secundário, também porque recorrentemente o número de pessoas dentro da sala condicionava a execução das atividades e o interesse dos participantes não era tão visível como quando se depararam com conteúdos mais teóricos.

Nas entrevistas realizadas, um dos participantes apontou uma possível falha que pode estar ligado à desmotivação e falta de participação dizendo que *«se houvesse mais participação (...) a culpa não é tua. A culpa é das pessoas que se inscreveram e não se comprometeram. Efetivamente, quando nós saímos à rua viu-se que as pessoas mostraram interesse e aliás andaram a aprender»* (JJ – entrevista). O tempo para a concretização do projeto também foi apontado como um entrave por um dos participantes nas entrevistas, que afirmou que *«as coisas foram um bocadinho curtas (...) quer dizer isto pressupunha também um bocadinho de mais tempo e as coisas mais dirigidas»* (AF - entrevista) acrescentou ainda: *«a ideia está bem. O conceito e a ideia está bem, só que devia ter sido mais puxado»* (AF – entrevista).

3. PARTICIPAÇÃO

A terceira categoria fala-nos da participação, estando dividida em três subcategorias, entre as quais o interesse na **partilha de conhecimento**, a **motivação** e a **participação social e aprendizagem ao longo da vida**.

Esta primeira subcategoria manifesta-se muito ao longo de toda a intervenção. Verificou-se por parte dos participantes um verdadeiro interesse na partilha de conhecimentos, tendo sido feitas muitas observações aos conteúdos apresentados, mostrando ainda mais entusiasmo quando acrescentavam algo (comentários informativos) ao que já estava a ser

trabalhado, originando sessões muito dinâmicas, com debates em torno dos temas; *«pelo que se mostraram bastante compreensivos partilhando muitas informações de assuntos que eu não havia encontrado e factos que desconhecia»* (investigadora – diário de bordo).

Nas entrevistas também falam desse interesse, relacionando com a participação no Programa IPL60+, dizendo: *«Hoje em dia poucas pessoas da minha idade, ou mais velhas que eu, me ensinam alguma coisa – eu aprendo é com as pessoas novas – eu gosto de andar com as pessoas mais novas»* (JN – entrevista), uma vez que se sentem mais jovens num contexto de partilha e de relação com o público mais novo, proporcionando o desenvolvimento do indivíduo muito mais positivo e incentivando-o a ser ativo na participação social e cultural (Oliveira & Oliveira, 2008) acrescentando ainda, posteriormente, a opinião acerca do projeto dizendo: *«esta troca de conhecimentos acho que foi a parte mais enriquecedora do projeto, acho eu»* (JN – entrevista).

Também foi colocada uma questão nas entrevistas relativamente aos conteúdos das sessões que foram trabalhadas. À questão: *«Os conteúdos que abordamos nas sessões foram do seu interesse?»*, um dos participantes respondeu *«Foram. Aliás eu entrei precisamente para partilhar aquilo que sei (...) e também aprendi»* (JJ – entrevista). Este sentimento é demonstrado, não só em relação ao projeto, com também se torna um verdadeiro incentivo à participação do sénior no que diz respeito às UTIS⁸. Tal como nos diz Jacob (2001) esta importância influencia a qualidade de vida dos seniores, o seu autoestima, a sua autonomia, o seu convívio e proporcionam atitudes lúdicas e úteis.

Para além desta clara importância que dão em partilhar conhecimentos com os grupos, têm interesse em aprender cada vez mais, manifestando-se igualmente numa das entrevistas, quando um dos participantes aludiu ter estado numa aula que completou conteúdo na área que trabalhou durante muitos anos *«é assim eu fui desenhador estirador, depois em 1986, mais ou menos, já começaram a introduzir computadores a nível de desenho do projeto (...) portanto, eu tive curiosidade, já há muitos anos que eu gostava de aprender modelagem tridimensional mas nunca tive a oportunidade para isso (...) e realmente consegui até certo ponto aprender»* (AF – entrevista), concluiu dizendo que *«é um trabalho de aprendizagem, e acho que nunca terminámos nada, há sempre coisas a acrescentar (...) o trabalho do roteiro turístico parece que foi uma coisa pequena mas teve um significado»* (AF – entrevista), ou seja manifestam interesse em continuar a aprender e

⁸UTIS – Universidades Seniores

desenvolver conhecimento atendendo os seus interesses o que segundo Lesson se mostra como sendo uma necessidade de constante melhoria de conhecimentos exigida num mundo em rápida evolução.(2009) .

A segunda subcategoria relacionada com a participação e **motivação**, faz referência ao compromisso dos participantes na realização do projeto.

Houve alguma falta de compromisso por parte dos participantes inscritos no projeto, faltando a muitas sessões, tendo aparecido em sala de aula sempre estudantes diferentes, à exceção de um participante que esteve presente em todas as sessões apresentadas, revelando um grande compromisso com as suas responsabilidades, «*Se eu me inscrever no semestre, ando lá o semestre todo*» (JJ – entrevista).

O público do Programa IPL60+, é bastante ativo e pratica muitas atividades que lhe proporciona satisfação e preenche um horário alargado. Estas atividades estão diretamente relacionadas com o potenciar de experiências significativas, que proporcionem diversão, descanso e acima de tudo desenvolvimento pessoal e social do indivíduo (Marcellino et al., 2007). Um entrevistado afirma mesmo que «*estas são atividades que ocupam algum tempo, trabalho à borla, mas é para o meu lazer*» (JN – entrevista). Apontam ainda uma “falta de tempo”, relacionada com uma agenda preenchida, como um dos entraves à participação no projeto «*foi por falta de tempo (...) estava ocupado com outras coisas*» (JN – entrevista); «*eu gosto de muitas coisas, só que não se pode fazer tudo (...) eu faço a minhas escolhas, digamos que eu podia frequentar outro tipo de matérias (..) mas como não posso ir a todas tenho que fazer as minhas opções*» (AF - entrevista). Chegam mesmo a reconhecer essa falha, «*é verdade falhei muito, e tanto falhei que também falhei com as outras*» (JN – entrevista).

Essa falta de compromisso, que poderá estar diretamente relacionada com a ocupação de tempo com outras atividades, fez com que o projeto tomasse outro rumo, que não o previamente estabelecido. Foi proposto fazer a Fotomaratona tendo sido, em conjunto com os participantes, marcada uma sessão para a realizar. No entanto, resultou numa fraca adesão: «*Marquei a Fotomaratona duas vezes por falta de comparência (...) apenas um dos estudantes presente assistiu a todas as sessões do projeto*» (investigadora – diário de bordo), ou seja, as pessoas que realizaram a Fotomaratona nunca tinham aparecido nas sessões anteriores, com exceção de um estudante, tendo sido considerado o estudante mais estável e assíduo ao projeto. Para este participante estas experiências são dotadas de

significado relativamente ao potencial desenvolvimento humano , ainda que exijam do indivíduo esforço pessoal /motivação (Rhoden, 2014).

A terceira subcategoria diz respeito ao interesse na **participação social e a uma aprendizagem ao longo da vida**. Como já havíamos verificado anteriormente, os estudantes do Programa IPL60+ são pessoas muito ocupadas e ativas. O sentimento que prevalece relacionado com a participação no Programa surge associado à partilha e à necessidade de ser ou se tornar útil para a comunidade/grupo. Aqui podemos verificar que conforme nos dizem Machado & Medina (2012), com o passar dos anos surgem preocupações ligadas ao sentimento de utilidade e tempo produtivo na vida dos idosos, e é aqui que as UTIS pretendem criar oportunidades. Nas entrevistas tornar-se evidente esse sentimento: «*Gosto muito de viajar, adoro ir à praia, gosto muito de jogar vôlei aquático (...) gosto acima de tudo de conviver, gosto muito de me relacionar com outras pessoas. O meu maior prazer neste momento talvez seja ser útil às outras pessoas*» (JN – entrevista); «*Costumo fazer natação (...) gosto de praia, gosto de dança, gosto de ginástica também atividades físicas que sejam adaptáveis para a minha idade – ah também gosto de pintura*» (AF - entrevista). Reforçam esse incentivo à participação nas atividades e especialmente no programa, dizendo que se deve a «*Interagir, conhecer pessoas novas e é a troca de conhecimento, a partilha*» (JN – entrevista); «*Depois há a parte de participação pelo convívio*» (AF – entrevista). A aprendizagem ao longo da vida é muito valorizada por estes participantes que afirmam ainda que «*eu quero ir conhecendo mais qualquer coisa e aprender mais qualquer coisa (...) não parar, estar ocupado, acima de tudo estar ocupado*» (JN – entrevista) «*Adquirir conhecimentos, interagir com as pessoas. Criei aqui muitos amigos e gosto, sinto-me bem com eles*» (JN – entrevista), promovendo assim o seu bem-estar social.

4. RELAÇÃO COM O OUTRO

Esta categoria está dividida em duas subcategorias que fazem relação com o **grupo (participantes)** e o **projeto (investigadora e os participantes)**.

Ao longo de todo o processo interventivo verificou-se, por parte dos participantes, um espírito de entreatajuda e uma **relação com o outro** muito fortalecida. Nesta primeira subcategoria, o **grupo** de participantes foi um pilar na realização das atividades e na

partilha de conhecimentos. Foram pessoas que se ajudaram muito umas às outras e que valorizaram muito o trabalho de equipa. Destacaram-se as relações fortes em detrimento a um possível espírito de competição. Estas relações como nos diz Carneiro et al. (2012), são uma importante forma de manter a qualidade de vida da população. Foi possível constatar essa evidência no jogo de questões realizado na sessão 2 “ Memória e Afetividade”: *«acabaram por funcionar melhor em conjunto ajudando-se uns aos outros, até mesmo comentando um pouco da história que envolvia a questão em si»* (investigadora – diário de bordo). Desta forma, pode-se dizer que se motivam mais facilmente quando trabalham em grupo do que quando o têm que fazer individualmente, tal como se pode constatar no diário de bordo no dia 29 de janeiro, *«Enquanto assistia à aula apercebi-me de que todos são muito participativos e que trabalham melhor em grupo do que individualmente, apesar de não ser ao mesmo ritmo»* (investigadora – diário de bordo).

A segunda subcategoria, **projeto**, vai ao encontro da ideia de relação e ajuda prestada pelos participantes à investigadora. Que acabou por ser muito demonstrado no início da realização do projeto, principalmente na sessão da apresentação no dia 1 de março. Um dos participantes disponibilizou-se a ceder documentos e conteúdos de trabalho acerca do tema que iria ser trabalhado, de forma a facilitar a fundamentação do projeto, *«Após apresentar a ideia do projeto e esclarecer dúvidas que iam surgindo, um dos estudantes dirigiu-se a mim disponibilizando-se a trazer alguns roteiros de Leiria para que pudesse ver e facilitar o meu trabalho de estudo»* (investigadora – diário de bordo). Esta primeira sessão foi marcada pela participação dos estudantes que se mostraram, *«bastante prestáveis e acolhedores, deixando-me à vontade. (...) Consegui aperceber-me do interesse de alguns estudantes presentes (...) percebi pelo “até quinta” deles, que poderia contar com eles na primeira sessão deste projeto»* (investigadora – diário de bordo). O único estudante que permaneceu no projeto do início ao fim, chegou a dizer na entrevista: *«Conta comigo para o que precisares»* (JJ – entrevista).

CAPÍTULO IV – CONCLUSÕES

O presente estudo constitui uma investigação-ação que pretendeu compreender os contributos do Projeto *Caminhos de Memórias: Construção de Experiências Significativas* na construção de experiências culturais significativas para os estudantes do Programa IPL60+.

Para tal, foi implementado um projeto em que se trabalhariam as memórias e as relações afetivas com o espaço cidade, numa construção identitária do público e numa tentativa de aproximação com o meio envolvente, proporcionando um espaço de partilha aos estudantes envolvidos.

Após a apresentação e discussão dos resultados estamos em condições de responder aos objetivos da investigação. Assim, no que refere ao objetivo: *Perceber a importância da socialização na construção de experiências significativas*, os dados permitem verificar que os seniores que participaram neste projeto continham relações de proximidade entre eles e que este fator influenciava a participação nas atividades e nos debates ao longo das sessões. Na fase de observação percebeu-se que os seniores preferiam trabalhar em grupo em vez de individualmente, tendo mais facilidade e à vontade em cooperar nas atividades propostas pelo docente. Esta observação veio a confirmar-se quando foi proposto, durante uma sessão do projeto, uma atividade de competição entre equipas e, naturalmente, eles as dissolveram e passaram a colaborar todos juntos.

As experiências significativas estão diretamente relacionadas com socialização visto que, em cada partilha de memórias afetivas que obtivemos, apesar de serem pouco relacionadas com o espaço físico da cidade estavam diretamente relacionadas com os indivíduos que ali viviam ou exerciam uma profissão. Foi interessante notar, portanto, que eles preferiram planejar atividades de socialização futuras que criassem experiências significativas, e que as experiências significativas passadas que resgataram da sua memória, em grande parte também vinham associadas a situações de socialização.

Em relação a *Identificar a ligação dos seniores com o espaço-cidade em que habitam*, podemos verificar que os participantes demonstram uma relação débil com o espaço cidade, contendo mais interesse na história recuperada do passado da cidade do que

propriamente das suas histórias pessoais e afetivas na relação com a mesma. Como reflexo disso, têm dificuldade em partilhar memórias afetivas relacionadas à cidade, não atribuem importância às suas experiências pessoais e preferem conhecer teoricamente a história de Leiria em contexto de sala de aula, do que, buscarem por eles próprios conhecer e construir essas memórias. Outro aspeto desta relação, está no aparente valor simbólico que conferem à cidade no presente, um aspeto de uso. A cidade é o local para caminhar, para tomar café, para fazer compras, etc. Nesta linha de pensamento, a cidade não é moldada pelos indivíduos, ela está dada e pronta para uso dos indivíduos.

Respondendo ao objetivo *Conhecer a importância que os seniores atribuem à partilha das memórias afetivas/experiências de vida*, podemos dizer que em conformidade com os dados obtidos a importância que os seniores dão às suas memórias, principalmente na relação com a cidade, é quase inexistente, verificando-se pela escassa partilha obtida neste campo. Logo por aqui podemos ver que não despertam interesse em contar as suas experiências de vida em contexto de sala de aula. Porém, isso não quer dizer que nouro tipo de contexto talvez isso não aconteça, até porque quanto maior for a afetividade que temos com as pessoas, maior é a facilidade com que falamos sobre estes assuntos mais pessoais e afetivos. Remetendo-nos novamente para a questão das relações pessoais dos indivíduos, que pelas poucas memórias afetivas que foram partilhadas, podemos ver que todas elas surgem relacionadas com uma construção em torno de momentos e acontecimentos com os outros (grupo de amigos, família, colegas de turma, etc.).

No objetivo, *Perceber de que forma a vivência de experiências culturais dotadas de significado incentivam a participação sociocultural dos seniores*, chegamos à conclusão de que os seniores partilham da ideia comum de que eles não são construtores da cidade e da sua história, ou seja, não se vêem como parte de uma “construção identitária coletiva”. No entanto, há noção por parte de um dos participantes de que os indivíduos constroem uma identidade pela história da cidade e vice-versa, como visto em resposta às experiências que lhe tinham mais significado, ao apontar a importância de conhecer as suas aldeias e se identificar com elas. Houve pouca participação sociocultural por parte deles, estando relacionada com o baixo interesse em realizar as atividades práticas programadas para as sessões, a construção do roteiro, demonstrando interesse num conhecimento enciclopédico em vez de uma criação original de conhecimento.

Posto isto, respondemos ao objetivo geral *Conhecer os contributos da realização de práticas culturais na construção de experiências significativas para os estudantes do Programa IPL60+*, verificando-se que o que despoletou mais interesse nos estudantes foi o conteúdo histórico, a aprendizagem através da partilha dos conhecimentos, a interação com o público mais jovem, e acima de tudo a vontade de aprender com os outros. São pessoas que valorizam a relação com o outro, e trabalham não só para si, mas para o bem-estar do grupo. Este fator acabou por influenciar uma participação mais ativa em cada sessão, pois a aprendizagem acaba por ser mais rica com a discussão e opinião de todos os membros de um grupo.

O estímulo, para os participantes, desde o início da implementação do projeto foi exatamente esse: conhecer um pouco mais o património histórico e cultural, de maneira a identificar o espaço em que habitam, mas com o qual não sentem uma relação próxima, acabando só por usufruir do espaço cidade em situações pontuais. A relação existente é sobretudo causada pela curiosidade e gosto por factos históricos e não tanto pela proximidade afetiva que sentem pelo espaço urbano de Leiria.

Em síntese os participantes não trouxeram uma memória construída por eles mas têm interesse em receber a história construída no torno da cidade. Têm poucas memórias/recordações de histórias/experiências de vida pessoais ou de certa forma têm um entrave a falar sobre elas, não demonstrando interesse na sua partilha e atribuindo pouca importância na criação de um roteiro com inclusão de memórias pessoais e afetivas. Tornase mais notório a ligação ao contexto histórico, ao interesse numa mera relação com o passado histórico e cultural, marcada pela intensa necessidade de abordar esses assuntos em detrimento da sua relação afetiva com a cidade.

Este facto foi um dos indutores de limitações no desenvolvimento do projeto.

LIMITAÇÕES

Uma das limitações que acabou por influenciar todo o processo de implementação do projeto esteve relacionada com o facto de os participantes não serem assíduos, tendo, em cada sessão, estado presentes diferentes estudantes (à exceção de um participante que usufruiu de todas as sessões programadas). Factor esse considerado como um ponto negativo, por o projeto ter sido concebido como um trabalho contínuo, e não sob uma forma isolada e aleatória. A alteração referida obrigou a uma adaptação do projeto,

nomeadamente na alteração de alguns dos seus objetivos definidos inicialmente. O fator temporal constituiu igualmente uma dificuldade no desenvolvimento do projeto, por não ter sido possível desenvolver todas as temáticas inicialmente propostas. Por acréscimo, mesmo após o esclarecimento dos objetivos e da ideia do projeto, ainda surgiram dúvidas associadas ao uso das memórias afetivas dos participantes na criação do roteiro.

Esperava-se uma maior adesão devido aos conceitos trabalhados neste projeto terem sido propostos previamente ao seu início pelos próprios participantes do Programa IPL60+. Como pudemos verificar na discussão e análise dos dados, essa participação pode ter sido influenciada por outros fatores, como o fato de os múltiplos interesses apenas poderem ser canalizados para uma atividade específica, pela sobreposição de horários ou pela ocupação do tempo já estabelecida para outras atividades ligadas ao lazer.

Os participantes mais frequentes mostraram ter interesse na criação e experimentação de roteiros e do contexto histórico da cidade de Leiria, mas tiveram algumas dificuldades em contar as memórias. Notou-se também que tinham uma relação afetiva débil com a cidade, e que poucos tinham o costume de passear por ela e usufruir dos espaços públicos, e quando o faziam era com o intuito de uso de lazer ou necessidade (caminhadas, café com os amigos, ensaios de cavaquinhos, compras, etc.). Confirmou-se que, apesar de serem de Leiria, desconhecem a existência de certos locais e edifícios que sofreram alterações ao longo dos anos. Por conta disto, e pela dificuldade sentida no entendimento da lógica do projeto, a escolha dos locais que deveria partir deles para a criação do roteiro foi feita pela investigadora.

Face a esta dificuldade, foi programado realizar uma Fotomaratona com o grupo. No entanto, devido à falta de participantes esta teve que ser remarcada mais de uma vez, ainda assim, os participantes desta atividade não tinham estado presentes nas sessões anteriores.

Após a realização da Fotomaratona, quando foi preciso fazer entrevistas para obter dados mais pormenorizados, algumas dificuldades surgiram na recuperação de contacto com todos os estudantes, conseguindo apenas marcar três entrevistas. Apesar disso, os resultados foram diversificados e com diferentes perspetivas (na perspetiva de um estudante que participou em todas as sessões, na perspetiva de quem participou só em metade, e na perspetiva de quem participou apenas uma vez).

RECOMENDAÇÕES

Para futuros projetos ligados a esta área com este público, é aconselhável que o trabalho seja bem esclarecido e que haja realmente comprometimento dos participantes. É importante que a ideia do projeto seja previamente apresentada, que já haja contato com o público interessado. Concluímos que deverá ser realizado num espaço de tempo mais alargado, permitindo um maior desenvolvimento e concentração nas temáticas abordadas, possibilitando a clarificação desejável de todos os elementos constituintes do projeto.

Deve adotar-se uma postura técnica e não formal, um equilíbrio entre os dois termos. Saber criar um distanciamento e ainda assim desenvolver boas relações. Desta forma, será mais exequível propor um trabalho com uma maior complexidade ao nível da sua concretização sem ser necessária uma imposição rígida de regras.

Acima de tudo, aceitar e aproveitar a diversidade de personalidades e interesses dos estudantes, conduzindo uma mediação que proporcione bom ambiente e resultados desejados na intervenção.

Numa possível continuação deste projeto, para suprir a falta de partilha de memórias afetivas a investigadora ou futuros realizadores poderia pedir aos participantes que sugerissem locais a serem visitados e mesmo realizar mais visitas pela cidade. Desta maneira, poderíamos esperar que indicassem locais onde incluam memórias, relevantes para um projeto que busca a partilha de experiências significativas.

Poderia acontecer, então, a criação de um roteiro não de locais, mas de pessoas. A história da cidade seria contada a partir das pessoas enquanto os participantes do projeto estivessem dispostos a colaborar na pesquisa e criação de relatos de antigos habitantes da cidade com os quais tivessem se relacionado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aires, L. (out., 2011). *Paradigma qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Universidade Aberta (1.ª ed.), ISBN: 978-989-97582-1-6.
- Alves, L. & Carvalho, P. (2015). Biocaching: Lazer, Turismo e Património. *Cadernos de Geografia* (n.º4, pp. 101-106.). Coimbra: Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.
- Amado, J. & Ferreira, S. (2017). A entrevista na Investigação em Educação. In Amado, J. (3.ª ed.). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Imprensa da Universidade de Coimbra, ISBN: 978-989-26-1390-1.
- Amaro, A., Póvoa, A. & Macedo, L. (2014/2015). *Metodologias de Investigação em Educação: A arte de fazer questionários*. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Departamento de Química, Porto.
- Baptista, M.M. (2014). Ócio, Temporalidade e Existência: uma Leitura à Luz da Fenomenologia e Hermenêutica Heideggereanas. In Baptista, M. & Ventura, A. *Do Ócio. Debates no Contexto Cultural Contemporâneo* (1.ªed, pp.95-102). Coimbra: Grácio Editor, ISBN 978-989-8377-56-2.
- Baptista, M. & Sousa, J. (2013). El ocio desde el punto de vista del desarrollo humano en personas mayores. Un estudio exploratorio en Portugal. In M. Cuenca, *Ocio y recreación para el desarrollo humano* (pp. 107-139). México DF: Universidad YMCA.
- Barbosa, A.M.S.F.V.A. (jul., 2012). *A Relação e a Comunicação Interpessoais entre Supervisor Pedagógico e o Aluno Estagiário*. Escola Superior de Educação João de Deus. Mestrado em Ciências da Educação: especialidade em Supervisão Pedagógica. Consultado em 13 jan. 2018. Disponível em:
<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2472/1/AnaMariaBarbosa.pdf>
- Barbosa, E.F. (dez., 2008). *Instrumentos de coleta de dados em Pesquisas Educacionais*. Ser Professor Universitário, pp. 1-5. Consultado em 13 jan. 2018. Disponível em:

http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2013_2/Instrumento_Coleta_Dados_Pesquisas_Educacionais.pdf

- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, LDA, ISBN: 972-44-0898-1.
- Bermejo, L. (2012). Envejecimiento activo, pedagogia gerontológica y buenas prácticas socioeducativas com personas adultas mayores. *Educación social. Revista de Intervención Socioeducativa*, 51, pp.27-44.
- Boni, V. & Quaresma, S.J. (jan.-jul., 2005). *Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais*. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, vol.2, n.º 1, pp. 68-80. Consultado em 9 de set. de 2018. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/%2018027/16976>
- Boszko, C. & Güllich, R.I.C. (2016). *O Diário de Bordo como Instrumento Formativo no Processo de Formação Inicial de Professores de Ciências Biológicas*. BioArtículos de Investigación, pp. 55-62.
- Boutinet, J. P. (2002). *Antropologia do projeto*. Edição: Artmed, ISBN: 978-857-3078-07-7.
- Brasileiro, M.D.S. (2014). O Lazer e as Transformações Socioculturais e Contemporâneas. In Baptista, M. & Ventura, A. *Do Ócio. Debates no Contexto Cultural Contemporâneo* (1.ªed., pp.33-48). Coimbra: Grácio Editor, ISBN 978-989-8377-56-2.
- Cabral, M.V. & Silva, P.A. (mar., 2010). *A adesão à Terapêutica em Portugal: Atitudes e comportamentos da população portuguesa perante as prescrições médicas, os hábitos de saúde e o consumo de medicamentos* (1.ª ed.). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, ISBN: 978-972-671-257-2.
- Cabral, M.V., Ferreira, P.M., Silva, P.A., Jerónimo, P. & Marques, T. (2013). *Processos de Envelhecimento Em Portugal. Usos do tempo, redes sociais e condições de vida*. Lisboa: FUNDAÇÃO Francisco Manuel dos Santos, ISBN: 978-989-8662-00-2.
- Caixeiro, C.M.B.A. (2014). *Liderança e cultura organizacional: o impacto da liderança do diretor na(s) cultura(s) organizacional(ais) escolar(es)*. Dissertação de

doutoramento em Ciências da Educação, Évora, Instituto de Investigação e Formação Avançada da Universidade de Évora.

Campos, C.J.G. (set. /out., 2004). *Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde*. Rev. Bras. Enferm., Brasília, pp. 611-614.

Carmo, H. & Ferreira, M.M. (1998). *Metodologia da Investigação: Guia para auto-aprendizagem*. Universidade Aberta, Lisboa.

Carneiro, R., Chau, F., Soares, C., Fialho, J.A.S.F. & Sacadura, M.J. (2012). *O Envelhecimento da População: Dependência, Ativação e Qualidade*. Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa: Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa.

Carvalho, L. & Silva, M.F. (out., 2015). Universidades da Terceira Idade: dimensão educativa e social. *Aprender: Revista da Escola Superior de Educação*. Instituto Politécnico de Portalegre, n.º 36, pp. 48-62.

Castro, C. (2010). *Características e finalidades da Investigação-Ação*. Consultado em 18 de jun. de 2018. Disponível em:
<https://cepealemanha.files.wordpress.com/2010/12/ia-descric3a7c3a3o-processual-catarina-castro.pdf>

Cavalcante, R.B., Calixto, P. & Pinheiro, M.M.K. (jan./abr., 2014). *Análise de Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método*. Inf. & Soc.: Est., João Pessoa, v.24, n.1, pp. 13-18.

Coppete, M.C. (2014). *Diários de Bordo e Ensaios Pedagógicos: possibilidades para pensar a formação de professores na modalidade de educação a distância*. Anais do II Seminário Internacional História do Tempo Presente, Florianópolis, SC, Programa de Pós Graduação e História, Universidade do Estado de Santa Catarina.

Costa, A.F. (2001). A Pesquisa de Terreno em Sociologia. In Pinto, J.M. & Silva, A.S. *Metodologias das Ciências Sociais* (11.ª ed., pp.129-148). Porto: Edições Afrontamento, ISBN: 972-36-0503-1.

- Coutinho, C.P. (2011). *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra, Edições Almedina, S.A., ISBN: 978-972-4487-3.
- Coutinho, C.P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M.J. & Vieira, S. (2009). Investigação-Ação: Metodologia Preferencial nas práticas Educativas. *Psicologia, Educação e Cultura*, vol. XIII, n.º2, pp.45-479. Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga.
- Cruz, P. (2009) *Envelhecimento Activo: Mudar o presente para ganhar o futuro*. Porto: REAPN, ISBN: 978-89-8304-06-3.
- Cuenca, M. & Amigo, M.C. (2014). O Encontro entre o Ócio e a Cultura: Reflexões sobre o Ócio Criativo desde a Investigação Empírica. In Baptista, M. & Ventura, A., *Do Ócio. Debates no Contexto Cultural Contemporâneo* (1.ªed., pp.11-32). Coimbra: Grácio Editor, ISBN 978-989-8377-56-2.
- Cuenca, M. (2006). Ocio y recreación para el empoderamiento de la ciudadanía. In Lema, R. & Monteagudo, M.J (eds). *Espacios para la construcción ciudadana* (pp. 25-41). Bilbao: Publicaciones de la Universidad de Deusto.
- Dumazedier, J. (2001). *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva (3.ª ed.).
- Esteves, M. (2006). Análise de Conteúdo. In Lima, J.A. & Pacheco, J.A. *Fazer Investigação: Contributos para a elaboração de dissertações e teses* (1.ºed., pp. 105-126). Porto Editora: Coleção Panorama.
- Fernandes, H. (2011). Memorize! In Jacob, L. & Fernandes, H., *Ideias para um Envelhecimento Activo* (1.ªed., pp. 81-93). Portugal: RUTIS, ISBN 978-989-97524-0-5.
- Fernandes, J.C. (dez., 2000). Urbanismo e Envelhecimento: Algumas reflexões a partir da cidade de Uberlândia. In *Caminhos de Geografia* (pp. 31-49). Instituto de Geografia (UFU).
- Ferreira, M.L. & Kopanakis, A.R. (2015). A Cidade e a Arte: Um Espaço de Manifestação. *Tempo da Ciência*, 44 (22), pp. 79 -88.
- Fialho, J., Silva, C.A. & Saragoça, J. (2017). *Diagnóstico Social: Teoria, Metodologia e Casos Práticos* (2.ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

- Fortuna, C. (1999). *Identidades, Percursos, Paisagens Culturais. Estudos sociológicos de cultura urbana* (1.ªed). Oeiras: Celta Editora, ISBN 972-774-033-2.
- Francileudo, F. (2013). A perspetiva humana do ócio: revisitando a proposta do Instituto de Deusto. In J. Martins & Baptista, M. (Eds.), *O Ócio nas culturas contemporâneas – teorias e novas perspetivas de investigação* (pp. 91-109). Coimbra: Grácio Editor.
- Gamito, M.I.D. (2011). *Lazer, Turismo Cultural e Património em Silves: a Feira Medieval e a Revitalização do Centro Histórico Urbano* (Dissertação do Mestrado de Antropologia). Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa.
- IPL60+ (s.d.). Quem somos? Consultado em 12 de jan. 2018. Disponível em: <http://60mais.ipleiria.pt/>
- Jacob, L. (2011). Universidades de Terceira Idade: criar novos projetos de vida. In Jacob, L. & Fernandes, H., *Ideias para um Envelhecimento Activo* (1.ªed, pp. 119-147). Portugal: RUTIS, ISBN 978-989-97524-0-5.
- Jacob, L. (2012). *Universidades Seniores: Criar novos projetos de vida*. RUTIS, nº3. Almeirim: RUTIS.
- Jacob, L. (2015). A educação e os Seniores. *Kairós Gerontologia, Envelhecimento Ativo e Velhice*, 18 (n.º especial 19), Temático: “Envelhecimento Ativo e Velhice”, pp. 81-97, ISSN 2176-901X. São Paulo, Brasil.
- Lakatos, E.M. & Marconi, M.A. (1991). *Fundamentos de Metodologia Científica*. (3.ª ed.). São Paulo: Editora ATLAS S.A., Brasil.
- Lema, R. & Monteagudo, M.J. (2006). *Iberoamérica en clave de ocio y recreación. Espacios para la construcción ciudadana*. Bilbao: Publicaciones de la Universidad de Deusto.
- Lesson, G.W. (2009). Educação e Aprendizagem ao Longo da Vida. In Glulenkian, C., *O Tempo da Vida*. Editora Principia, pp. 267-286.
- Lopes, J.T. (2007). *Da democratização à democracia cultural: Uma reflexão sobre políticas culturais e espaço público* (1.ªed). Porto: PROFEDIÇÕES Lda./Jornal a Página. Maia, Porto.

- Lopes, J.T. (2010). Da cultura como locomotiva da cidade-empresa a um conceito alternativo de democracia cultural. In Santos, M.L.L. & Pais, J.M., *Novos Trilhos Culturais: Práticas e Políticas* (1.ªed., pp.51-61). Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Lopes, S. & Pimentel, L. (dez., 2017) *O Património Histórico e Cultural na Formação de Estudantes Seniores*. Comunicação apresentada em Reflexões sobre o Património Cultural, Instituto Politécnico de Leiria: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, pp. 142-160.
- Lopes, S.M. (2017). A Antropologia nos Contextos da Educação ao Longo da Vida. In Fontes, A., Sousa, J., Lopes, M.S.P, Lopes, S.M. (Coord.). *Intervenção em Contextos Socioculturais e Educativos* (1.ªed., pp.13-24). Lisboa: Coisas de Ler Edições, Lda. ISBN: 978-989-8659-98-9.
- Lüdke, M. & André, M.E.D.A. (1986). Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, Brasil, pp. 35-44.
- Macedo, C.C. (1982). Questão da Cultura do Povo. In Valle, E. & Queiroz, J. (Orgs.) *A cultura do povo* (2.ªed., p.35). São Paulo: EDUC.
- Machado, F.S. & Medina, T. (2012). As Universidades Seniores: Motivações e repercussões de percursos em contextos de aprendizagem. In *Educação, Sociedade e Culturas*, n.º37, pp.151-167.
- Magalhães, M. (2011). O envelhecimento activo: uma perspectiva psicossocial. In Jacob, L & Fernandes, H., *Ideias para um Envelhecimento Activo* (1.ªed., pp.11-39). Portugal: RUTIS, ISBN: 978-989-97524-0-5.
- Manzato, A.J., & Santos, A.B. (2012). *A Elaboração de Questionários na Pesquisa Quantitativa*. Consultado em 9 de set. 2018. Disponível em:
http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2012_1/ELABORACAO_QUESTIONARIOS_PESQUISA_QUANTITATIVA.pdf
- Marcellino, N.C., Sampaio, T.M.V.S., Felipe, B.S. & Mariano, S.H. (2007). *Lazer, Cultura e Patrimônio Ambiental Urbano – Políticas Públicas: Os casos de Campinas e*

Piracicaba-SP (1.ªed). Curitiba: Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Santos e Caprini Materiais Gráficos e Editora Ltda.

Maroy, C. (2005). A análise qualitativa de entrevistas. *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais: Trajectos* (pp. 117-155). Viseu: Gradiva.

Marques, J.P. (nov., 2008). Um projecto com idosos. In *Akadémicos: Jornal de Leiria*, edição 1272, p. 2.

Martín, A.V. (2007). Gerontologia Educativa: Enquadramento Disciplinar para o Estudo e Intervenção Socioeducativa com Idosos. In Osório, A.R. & Pinto, F.C., *As Pessoas Idosas: Contexto Social e Intervenção Educativa* (pp. 47-73). Lisboa: INSTITUTO PLAGET.

Martins, G.O. (2009). *Património, Herança e Memória. A cultura como criação* (1.ªed). Portugal: Gradiva Publicações, ISBN 978-989-616-305-1.

Martins, J.C.O. (2014). Tempo Livre, Ócio e Lazer: sobre palavras, conceitos e experiências. In Baptista, M. & Ventura, A. *Do Ócio. Debates no Contexto Cultural Contemporâneo* (1.ªed., pp.103-114). Coimbra: Grácio Editor, ISBN 978-989-8377-56-2.

Menoia, T.R.M. (2000). *Lazer: história, conceitos e definições*. Campinas: UNICAMP.

Miranda, R.J.P. (2009). *Metodologia*, pp. 33-73. Consultado em 18 de jun. de 2018.
Disponível em:
http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5489/9/ulfc096328_3_metodologia.pdf

Moderno, A. (2016). Autarquias e Comunidade: desafios dos museus municipais. In Lopes, M.S.P. & Barreira, C.F. (org.). *Intervenção Cultural e Educação Artísticas: Experiências em Animação, Artes e Educação*. Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Instituto Politécnico de Leiria, ISBN: 978-989-8797-09-4.

Monteagudo, M.J., Cuenca, J., Bayón, F. & Kleiber (2014). Ócio ao longo da Vida: as Potencialidades dos Itinerários de Ócio para a Promoção do Desenvolvimento Humano. In Baptista, M. & Ventura, A., *Do Ócio. Debates no Contexto Cultural Contemporâneo* (1.ªed., pp.11-32). Coimbra: Grácio Editor, ISBN 978-989-8377-56-2.

- Morató, A.R. (2010). A metamorfose do valor cultural na sociedade contemporânea: desafios e paradoxos. In Santos, M.L.L. & Pais, J.M., *Novos Trilhos Culturais: Práticas e Políticas* (1.ªed., pp. 37- 50). Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- MTSSS & GEP (mar., 2017). *Relatório de Portugal*. Comissão Económica das Nações Unidas para a Europa (UNECE) Terceiro Ciclo de Revisão e Avaliação da Estratégia de Implementação Regional (RIS) do Plano Internacional de Ação de Madrid sobre o Envelhecimento (MIPAA).
- Nogueira, R. (2002). *Elaboração e análise de questionários: uma revisão da literatura básica e a aplicação dos conceitos a um caso real*. Rio de Janeiro: UFRJ/COPPEAD, ISBN: 85-7508-038-5.
- Nunes, A.M. (2017). Envelhecimento Ativo em Portugal: desafios e oportunidades na saúde. *Revista Kairós – Gerontologia*, 20 (4), pp. 49-71 São Paulo, Brasil.
- OCDE (1998). *Maintenir la Prospérité dans une Société Vieillissante*. Document de travail awp 3.2 f, OCDE. Consultado em 15 de set. 2018. Disponível em: <http://www.oecd.org/dataoecd/22/6/2428637.pdf>.
- Oliveira, A.M., & Strohschoen, A.A.G. (2015). *Diário de Bordo: Uma ferramenta para o registro da alfabetização científica*. Centro Universitário Univates: Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Exatas-Mestrado. Consultado em 9 de set. de 2018. Disponível em: https://www.univates.br/ppgece/media/pdf/2015/aldeni_melo_de_oliveira.pdf
- Oliveira, R.C. & Oliveira, F.S. (2008). Universidade Aberta e a Educação para a Terceira Idade. VI Congresso Português de Sociologia. *Nundos Sociais: Saberes e Práticas* (n.º94). Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- OMS (2007). Guia Global das Cidades Amigas das Pessoas Idosas. *Envelhecimento e Ciclo de Vida, Saúde na Família e na Comunidade*. Portugal: Fundação Caloust Gulbenkian e Guide Artes Gráficas, Lda. ISBN: 978-989-95568-6-7.
- Pimentel, L. & Faria, S. (out., 2016). O Programa IPL60+: Um Contexto Privilegiado de Intervenção Social na Promoção do Envelhecimento Ativo e das Relações

- Intergeracionais. In Pimentel, L., Lopes, S.M. & Faria, S., *Envelhecendo e Aprendendo. A aprendizagem ao Longo da Vida no Processo de Envelhecimento Ativo* (1.ªed., pp. 101-128). Lisboa: Coisas de Ver Edições, Lda. ISBN: 978-989-8659-70-5.
- Pinto, J.M. & Neri, A.L. (2017). *Trajetórias da participação social na velhice: uma revisão sistemática da literatura* (pp. 260 -273). DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562017020.160077>.
- Poulot, D. (2006). *Uma história do patrimônio no Ocidente*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Prudêncio, C.A.V., Dias, V.B. & Pitolli, A.M.S. (2014). Diários de Bordo na Formação Docente: Uma Reflexão sobre a Escrita e a Formação de Licenciandos em Biologia na Modalidade Educação a Distância. In *Didáticas e Práticas de Ensino na relação com a Formação de Professores*. Consultado em 9 de set. de 2018. Disponível em: <http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro2/DI%C3%81RIOS%20DE%20BORDO%20NA%20FORMA%C3%87%C3%83O%20DOCENTE%20UMA%20REFLEX%C3%83O%20SOBRE%20A%20ESCRITA%20E%20A%20FORMA%C3%87%C3%83O%20DE.pdf>
- Rhoden, I. (2014). Atributos das Experiências de Ócio e Implicações Contraditórias Decorrentes do Estilo de Vida Contemporâneo. In Baptista, M. & Ventura, A. *Do Ócio. Debates no Contexto Cultural Contemporâneo* (1.ªed., pp.63-74). Coimbra: Grácio Editor, ISBN 978-989-8377-56-2.
- RUTIS (s.d.). *Universidades Seniores*. Consultado em 12 de jan. 2018. Disponível em: <http://www.rutis.pt/paginas/8/universidades-seniores/>
- Santos, A. F. (2018). Diários de Bordo: Relatórios de uma Prática Investigativa da Subjetividade e do mundo objetivo. In *Psicologia.pt. O Portal dos Psicólogos*. Consultado em 1 de jul. de 2018. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1173.pdf>
- Serrano, G.P. (2002). *Elaboración De Proyectos Sociales: Casos Prácticos*. Editora: narcea. Consultado em 23 de jun. de 2018. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/71766395/Perez-Serrano-Elaboracion-Proyectos-Sociales-Casos-Practicos>

- Serrano, G.P. (2004). Metodologias de Investigação em Animação Sociocultural in Trilla, J. (1.^aed.) *Animação Sociocultural. Teorias, Programas e Âmbitos*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos., ISBN: 972-771-763-2, pp. 101-119.
- Serrano, M. P. (2011). *Desafios da Investigação qualitativa em Animação Sociocultural in Metodologias de Investigação em Animação Sociocultural* (pp.325-349). Editor: INTERVENÇÃO – Associação para a promoção e divulgação cultural.
- Silveira, D.T. & Córdova, F.P. (2009). A Pesquisa Científica. In Silveira, D.T. & Gerhardt, D.T. *Métodos de Pesquisa* (1.^aed., pp.31-42). Porto Alegre: Editora da UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Simeiro, D. & Vieira, S. (nov., 2008). Escolas abrem formação aos mais velhos. In *Akadémicos: Jornal de Leiria*, edição 1272, p. 3.
- SNS (10 de jul. 2017). *Estratégia Nacional para o Envelhecimento Ativo e Saudável: 2017-2025*. Proposta do Grupo de Trabalho Interministerial. Despacho n.º 12427/2016.
- Teis, D.T., & Teis, M.A. (2006). *A abordagem qualitativa: a leitura no campo de Pesquisa*. Consultado em 18 de jun. de 2018. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/teis-denize-abordagem-qualitativa.pdf>
- Vala, J. (2001). A análise de Conteúdo. In Silva, A.S. & Pinto, J.M. *Metodologias das Ciências Sociais* (11.^a ed., pp.101-128). Porto: Edições Afrontamento, ISBN: 972-36-0503-1.
- Veloso, E.C. (2000). As Universidades da Terceira Idade em Portugal: Contributos para a caracterização. *IV Congresso Português da Sociologia*. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.
- Vieira, R. (2014). Integração Social na Terceira Idade. Ambientes promotores de envelhecimento ativo. In Azevedo, S. & Correia, F. *Educação e Integração Social, 3.º Congresso Internacional de Educação Social* (pp. 107-121). Porto: APTSES e Fronteira caos editora, ISBN 978-989-30-6.
- Zabalza, M.A. (2004). *Diários de Aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional*. Narcea S.A. de Ediciones, ISBN 84-277-1469-6.

ANEXOS

ANEXO 1 – ENTREVISTA DE GRUPO

1. Costumam frequentar atividades extracurriculares destinadas ao Programa IPL60+?
2. Quais são as atividades que costumam frequentar? Porquê?
3. O que procuram quando participam nestas atividades?
4. Quais os horários mais frequentes nas atividades deste género?
5. Têm interesse em participar em atividades mais ligadas a lazer, cultura e património?
6. O que aconselham a fazer para divulgar o meu projeto?
7. Em que horário poderia obter mais participantes?

ANEXO 2 – DIÁRIOS DE BORDO

Dia 29 de janeiro de 2018

Nesta segunda-feira assisti pela primeira vez a uma aula dos alunos do Programa IPL60+, “Inglês Intermédio”. Na sala estavam 15 alunos, 5 do sexo masculino e 10 do sexo feminino. Antes do início da aula, conversei um pouco com a professora, com o intuito de explicar o projeto a ser desenvolvido com os estudantes do Programa, pedi permissão para me disponibilizar alguns minutos da sua aula para conversar um pouco com eles acerca do que pretendia fazer nas sessões, com a intenção de perceber se poderia captar o interesse de alguém.

A professora mostrou-se bastante compreensiva e dando a possibilidade de explicar o motivo da minha presença. Apresentei aos estudantes o meu projeto, sendo questionada em relação ao horário que pretendia fazer as sessões. Como não sabia qual seria o horário para o segundo semestre, ainda não tinha definido um.

Pedi à professora que me deixasse assistir à aula, tendo sido dada a permissão e também sugerido que falasse com eles em grupo, pois iria juntá-los para fazer um exercício, e assim teria a oportunidade de conhecê-los melhor e tentar perceber se estariam interessados em participar.

Enquanto assistia à aula apercebi-me de que todos são muito participativos e que trabalham melhor em grupo do que individualmente, apesar de não ser ao mesmo ritmo, precisando muitas vezes de um “empurrãozinho” para se motivarem na realização das atividades. Percebi também que devo ser muito dinâmica na forma como intervenho com eles e mostrar sempre disponível ajudar no caso de precisarem na realização das atividades.

Quando se juntaram em grupo fui falar com cada um e tentar perceber como podia cativá-los a participar. A questão principal levantada pelos vários grupos foi relativa ao horário. Foi-me sugerido falar com a coordenação do programa para saber qual seria o horário do segundo semestre com vista a facilitar a programação das minhas sessões. Disseram que tudo dependia disso, pois geralmente são pessoas muito ocupadas tendo dificuldades em participar em tudo, a maioria disse que não se inscreve em unidades curriculares gratuitas, apenas nas unidades curriculares pagas destinadas aos estudantes do Programa. Sugeriram-

me ainda que estivesse presente na semana das inscrições para o segundo semestre, de 14 a 19 de fevereiro para falar do projeto e saber se existiam interessados em participar. Obtive por parte de um dos alunos um horário que falou ter funcionado muito bem o ano passado, de uma aluna que também havia realizado um projeto. Que seria das 9h às 11h ou das 11h às 13h, tendo o segundo horário sido criado por o primeiro ser muito cedo e não ter tanta participação. Assim que aula terminou agradei à professora por me ter deixado participar e aos alunos por me terem dado sugestões que me podiam ajudar na concretização do meu projeto.

Depois desta primeira aula a que fui assistir, decidi então apenas estar com eles na semana das inscrições. No entanto, nessa semana não consegui comparecer na escola. Enviei um email para a Professora Sara Mónico, coordenadora do Programa IPL60+, para que quando estivessem disponíveis os horários do segundo semestre me avisar para assim enviar a sugestão do horário em que ocorreriam as minhas sessões.

A primeira aula de apresentação foi sugerida para as 11:00h na sala de convívio do IPL60+, para o dia 28 de fevereiro. Porém, neste dia, estive presente ao pé da sala de aula onde seria para decorrer a apresentação e não apareceu ninguém. Mais tarde recebi uma chamada da professora Sara a avisar que havia ocorrido uma reunião entre os alunos do Programa tendo-se prolongado mais do que era suposto, razão pela qual não havia aparecido ninguém. Assim ficou marcada a primeira aula para o dia 1 de março, próxima quinta-feira, à mesma hora, na mesma sala destinada.

Dia 1 de março de 2018

Realizou-se por volta das 11:00 horas na sala de convívio do IPL60+, a primeira reunião e apresentação do projeto intitulado “Roteiros Turísticos Digitais”. Estiveram presentes 7 alunos, 3 do sexo masculino e 4 do sexo feminino. Contou ainda com a presença de um membro da direção do Programa do IPL60+, a Professora Luísa Pimentel, com o intuito de conhecer melhor o conteúdo a ser trabalhado nas sessões.

Comecei por me apresentar ao grupo, realçando o facto de o estar a realizar no âmbito do Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas. E que o projeto que iria realizar surgiu na sequência da realização da tese final.

Apresentei uma breve explicação de como seriam divididas as sessões e o que trabalharíamos em cada uma. Uma das dúvidas que surgiu, na maior parte dos estudantes,

estava relacionada com o nome dado à atividade, de forma que tive que esclarecer que o trabalho que íamos fazer surgia ligado à fotografia e à criação de um roteiro com memórias de cada um, e que mais tarde, se pretendia experimentar esse roteiro. Acrescentando que a parte ligada à informática seria para a realização do produto final, o *EBOOK*, que não estaria diretamente ligado ao trabalho que se iria fazer em sala.

Nesta sessão sentia-me um pouco nervosa ao apresentar os conteúdos. No entanto, os estudantes mostraram-se bastante prestáveis e acolhedores, deixando-me à vontade. Recebi alguma assistência por parte da Professora Luísa Pimentel, que apresentou um exemplo interessante acerca do assunto: havia feito uma experiência para escrever um livro de uma vila antiga, referindo que, por iniciativa dos moradores, acabou por se tornar a repórter local (criando laços com os entrevistados) e que a partir daí lhe tinha surgido o interesse de conhecer a história do antes e do agora do espaço ou monumentos em questão (referiu uma fonte antiga que estava a precisar de ser restaurada e que na opinião dos moradores não podia ser destruída porque significava muito para a história da vila). Reforçou o facto de achar interessante a minha iniciativa de dar voz aos estudantes do Programa IPL60+ de nos falarem das suas recordações antigas ligadas à cidade de Leiria através dos locais escolhidos. Sugerindo ainda que após a criação destes roteiros o experimentássemos com os alunos de intercâmbio (espanhóis), que segundo ela, todos os anos vêm a Leiria e fazem um roteiro escolhido pelos estudantes para lhes mostrar e falar da cidade.

Consegui aperceber-me do interesse de alguns estudantes presentes. Após apresentar a ideia do projeto e esclarecer dúvidas que iam surgindo, um dos estudantes dirigiu-se a mim disponibilizando-se a trazer alguns roteiros de Leiria para que pudesse ver e facilitar o meu trabalho de estudo, voluntariando-se a fazer comigo uma visita pela cidade (por ter referido o facto dos estudantes universitários de Leiria muitas vezes não conhecerem bem a cidade, muito menos toda a história que esta acarreta. Tampouco conhecem a cidade pela visão de alguém que vive em Leiria).

Quando já não havia dúvidas, pedi que passassem palavra, com o intuito de poder existir potencial interesse por parte de outros estudantes.

Alguns dos participantes perguntaram-me se seria necessário trazer algum material para trabalhar ou se seria preciso tirar apontamentos. Expliquei que tendo em conta que as sessões seriam mais de partilha de conhecimento (entre mim e eles), não seria preciso

formalidades, e que se quisessem lhes poderia enviar todo o conteúdo (teórico) apresentado por mail.

Notei alguma preocupação relacionada com o facto de não possuírem máquina fotográfica. Reforcei o facto que não seria necessário nada de profissional e que uma simples câmara de telemóvel para o efeito seria o essencial, e em caso de não possuírem nenhuma que poderiam partilhar a máquina entre eles, já que a ideia seria experimentar e fotografar o circuito juntos.

Antes de dar por terminada este primeiro encontro foi-me sugerido pelos estudantes alterar o horário das sessões para as 10:30 horas, que seria logo após à aula de dança, para assim não terem que esperar meia hora para começar. Ficou assim acordado. Esta primeira reunião terminou às 12:30 horas e percebi pelo “até quinta” deles, que poderia contar com eles na primeira sessão deste projeto.

Dia 8 de março de 2018

Foi realizada nesta quinta feira a primeira sessão do projeto. Nesta sessão abordamos o tema “Lazer, Cultura e Património”. Pretendia falar da cidade de Leiria, dos seus espaços destinados ao lazer, dos seus monumentos com história e partilhar conhecimentos.

A sessão estava marcada para as 10:30h na sala de convívio do IPL60+. No entanto, a essa hora apenas estavam presentes dois estudantes. Esperamos um pouco que aparecesse alguém para começar a sessão, no entanto como não apareceu decidi começar apenas com as pessoas que tinha na sala.

Como prometido por parte de um deles recebi algumas copias com informações dos locais de Leiria e com algumas rotas já existentes na cidade de Leiria, com esta partilha de informação apercebi-me de que a sessão iria ser bastante dinâmica já que o que iria abordar é um assunto a que se encontram bastante familiarizados.

Dei início à sessão mostrando um vídeo promocional de Leiria como estava programado ser feito, com o intuito de introduzir o tema e apelar a participação dos participantes. Depois de reproduzir o vídeo, que já continha alguma da informação que iria partilhar com os estudantes, estivemos a conversar um pouco acerca do seu conteúdo, e a partilhar informações. Fiquei a saber por parte de um dos estudantes da existência de um vídeo realizado pela TumaAcanénica, que mostrava o percurso de um estudante pela cidade de

Leiria, representando em imagem os locais mais conhecidos e visitados pelo estudante. Procurei e partilhei o vídeo com os estudantes presentes também para que todos pudessem conhecer o seu conteúdo.

Após a discussão do assunto e de ter obtido participações muito pertinentes de aspetos que iria abordar de seguida, comecei com uma apresentação do tema em *PowerPoint* fazendo uma breve introdução aos conceitos de Lazer, Cultura e Património.

Um pouco antes de começar com o conteúdo ligado à cidade apareceram na sala mais três pessoas, que alegaram não terem sido informados que a aula começaria às 10:30h e que no horário estava que seria às 11:00h. Por essa razão quiseram chamar a coordenação do Programa IPL60+ à sala. Pouco tempo depois apareceram as Professoras Sara Mónico e Luísa Pimentel, que foram esclarecer o mal-entendido e tentar acalmar os ânimos. Esta altura que estive parada até que as coisas se resolvessem, enquanto a professora Luísa falava com os estudantes, a professora Sara esteve a falar comigo para perceber como as coisas estavam a correr e para me dar algumas sugestões que poderiam ajudar a dar os conteúdos programados, sugerindo que os deixe participar muito durante as sessões, até porque os conteúdos que seriam apresentados eles já conheciam bem e podiam prestar um bom contributo.

Quando a situação se deu por resolvida, comecei com a minha apresentação desculpando a falta de comunicação que houve, foram bastante compreensivos e desculparam-se também pelo tempo que me haviam tomado da sessão. Antes de retomar à apresentação, sugeri que então marcassem um horário que seria melhor para todos, chegando ao acordo de começar a próxima aula, às 10:45h.

Resolvido o assunto, introduzi novamente o tema de forma resumida e falei do que já havíamos feito antes de chegarem, apresentei-me a quem não tinha comparecido na apresentação, falei do projeto de forma resumida e expliquei que muito de conteúdo que iria ser mostrado já seria de seu conhecimento e que a intenção seria a partilha do conhecimento, pretendia conhecê-los melhor e à sua relação com a cidade. Apelei à participação deles de maneira a tornar as sessões mais dinâmicas, pelo que se mostraram bastante compreensivos, partilhando muitas informações de assuntos que eu não havia encontrado e factos que desconhecia. De forma a obter mais dessas informações fui questionando os participantes acerca dos espaços e da sua história.

A Gastronomia foi o tema que mais discussão causou, acabei por aprender mais com eles do que eles comigo, muitos dos pratos que havia escolhido como “gastronomia típica de Leiria” não conhecia nem sabia (pois não encontrei nada do assunto) o que seria, assim tive a participação deles e fiquei a conhecer o que eram e até como se faziam e onde se podia comer (locais de restaurantes).

Quando terminei a apresentação apercebi-me que já passava da hora, assim não consegui realizar a primeira atividade prática que tinha planeado. Ainda assim, achei que esta primeira aula correu muito bem, acabei por conseguir a participação de todos, o que me deixou mais à vontade na apresentação do conteúdo programado.

Terminei a sessão, referindo que iríamos trabalhar o tema da “Memória e Afetividade” na próxima quinta e que tinha programado algumas atividades práticas, contando com a presença deles. Agradei a participação desejando um bom fim de semana, recebendo agradecimentos também por parte deles.

Dia 15 de março de 2018

Nesta quinta feira realizou-se a segunda sessão do projeto, teve início às 10:45h na sala de convívio do IPL60+. Estiveram presentes quatro pessoas, duas do sexo masculino e duas do sexo feminino. Para a sessão “Memória e Afetividade” tinha preparadas algumas atividades que fizessem a relação entre a cidade e os participantes e vice-versa. Comecei por trabalhar a memória com um jogo de questões acerca da história da cidade de Leiria, (uma forma de relembrar o conteúdo trabalhado na sessão passada) dividi a turma em dois grupos (2 a 2) e à vez fui fazendo as questões, caso o grupo a que foi questionado falhasse dava possibilidade ao outro para responder, no final quem tivesse mais cartões ganhava. O que reparei foi que acabaram por funcionar melhor em conjunto ajudando-se uns aos outros, ate mesmo comentando um pouco da história que envolvia a questão em si, foi interessante desenvolver esta atividade pois a maior parte das questões que fiz eu usei fontes de bibliográficas que me haviam sido facultadas por um dos membros do grupo, e que havia falado na sessão anterior. Serviu para testar a atenção deles e trabalhar esse aspeto da afetividade e da memória, e, ainda obter muito do seu conhecimento relacionado com a cidade, que já tem vindo a notar-se de maior interesse, esta atividade acabou por se prolongar mais do que esperava.

Tinha ainda programado trabalhar outro tema relacionado com as tradições e lendas de Leiria, trouxe algumas lendas e pedi que escolhessem uma e que, da forma que se sentissem mais à vontade, a partilhassem com o grupo. No entanto, dois dos participantes tiveram que sair para assistir a outra aula que começava ao 12:00h. Como havia preparado uma surpresa para eles nesse dia, pedi que ficassem, e cantei-lhes uma lenda. Antes de saírem estivemos a conversar um pouco deste tema, mas em vez de se contarem as lendas, fez-se referência aos locais e à história de onde estas surgiam, por iniciativa deles. Falei por alto dessas lendas mostrando o conteúdo e rapidamente faziam associações, como por exemplo a lenda do corvo que relacionaram ao brasão da cidade e à história de apropriação do Castelo de Leiria por D. Afonso Henriques aos Mouros. Após esta pequena discussão de histórias e lendas os dois estudantes saíram e fiquei apenas com duas pessoas na sala.

Como havia recebido material de um dos estudantes com roteiros de Leiria, estivemos em conjunto a ver e comentar alguma rotas que podíamos experimentar para além daquelas que tínhamos programado fazer, achei uma ideia interessante até para eu mesma conhecer melhor a cidade. Quando assim chegou à hora da saída, pedi aos participantes que na próxima sessão trouxessem já uma memória transcrita de um local escolhido por eles dentro de Leiria, já que na próxima sessão iríamos construir a rota a partir desses locais. Surgiram algumas dúvidas em relação a essa “memória” e ao local, disseram ainda não serem Leirienses e que não sabiam que local escolher já que “não tinham muitas recordações” de locais na cidade. Sugeri que pensassem numa memória ou recordação que gostariam de contar e que, a partir daí, definissem o local.

Dia 22 de março de 2018

Nesta quinta-feira realizou-se na sala de convívio do IPL 60+ a terceira sessão do projeto de roteiros turísticos, com o tema de “espaço público e espaço privado”. A sessão teve início as 10:45h e estiveram presentes sete pessoas, quatro do sexo masculino e três do sexo feminino.

Comecei por realizar um exercício antes de começar com a parte teórica, pretendia saber os locais prediletos dos estudantes na realização de algumas atividades específicas. Pedi que os identificassem como espaço público e privado para que falassem e achassem a relação uns com os outros.

Após a atividade comecei uma apresentação onde fiz a distinção de espaço público e o espaço privado. Realizamos uma discussão onde foram apresentadas intervenções artísticas dentro da cidade de Leiria com a intenção de tornar o espaço público mais apelativo com arte moderna, como é o caso dos grafitis.

Havia pedido aos participantes que me trouxessem uma memória transcrita e identificassem um local para que nesta sessão pudéssemos delinear uma rota para realizar na próxima aula. Porém, como nem todos estiveram presentes na sessão anterior não foi possível obter essa informação. Como não tínhamos o material para construir a rota, perguntei se na próxima sessão em vez de experimentar os roteiros que tínhamos para fazer, se preferiam fazer uma visita pela cidade experimentando um outro roteiro já existente. Ficou então programado na próxima sessão experimentar o roteiro Judaico.

Sem nada para acrescentar, dei por terminada a sessão.

Dia 5 de abril de 2018

Nesta quinta feira reunimos o grupo na Praça Rodrigues Lobo, ponto de encontro, para experimentar um roteiro Judaico.

O roteiro marcava alguns locais pela história e importância dentro da cidade de Leiria. Este dia serviu para visitar e conhecer os locais marcados e os percursos, que pelo que pude perceber continuavam desconhecidos para alguns participantes. Estivemos no centro da cidade, passando por locais que segundo algumas observações por parte de alguns membros do grupo, “estavam muito diferentes”, apercebendo-me de que não arrecadam grande afetividade com o centro histórico da cidade, ou não fazem grande uso dos espaços públicos a seu dispor na cidade de Leiria.

Apesar de alguns serem de Leiria, deu para perceber através de comentários como: “Eu vivo em Leiria e nunca estive nesta rua”; “Isto não era uma farmácia?”; “Não me lembro disto ser assim”.

Para além dos locais escolhidos no roteiro estivemos ainda em lojas locais que já existem no centro já há uns largos anos, contaram-me que as que estavam ainda em funcionamento e que os proprietários, conhecidos deles, ainda mantinham o mesmo comércio. Visitamos e tivemos direito a uma demonstração de acordeão, por parte de um senhor lojista.

Quando terminamos a rota, reunimo-nos para almoçar. Avisei que a próxima sessão seria na próxima quinta feira e que contaríamos com a presença de uma das minhas orientadoras.

Dia 12 de abril de 2018

Nesta quinta feira reunimo-nos na sala de convívio do IPL 60+, as 10:45h, estiveram na sala sete pessoas, três das quais do sexo feminino e quatro do sexo masculino.

Tivemos a presença da minha orientadora, Jenny Sousa, que apareceu com o intuito de esclarecer a finalidade do projeto, sob o qual ainda existiam algumas dúvidas.

Foram entregues aos participantes questionários que abordavam questões mais afetivas da relação de cada um com a cidade de Leiria, de maneira a analisar e obter informações mais específicas, e que vão ao encontro dos objetivos estipulados, visto que apesar do esforço só estava a conseguir obter mais conteúdo histórico do que afetivo.

A intenção era que respondessem e que formássemos uma espécie de debate que levaria ao conjugar de memórias de cada um no grupo. Após o preenchimento das questões a discussão rondou em volta das respostas que alguns deram, questões puxadas pela professora para obter debate e de alguma forma esmiuçar informações importantes.

No entanto, a discussão levou à interrogação por parte deles em relação ao valor das suas memórias dentro de um roteiro. Dentro da lógica dos participantes, um roteiro deve ter conteúdos históricos e não as memórias particulares afetivas de cada um.

Face a esta situação tivemos que adaptar a ideia de forma a que facilitasse a participação em contexto das memórias, a estratégia foi apelar através de imagens mais antigas às suas memórias, para obter conteúdo mais verídico e pormenorizado deveria realizar algumas entrevistas a alguns comerciantes mais antigos da cidade de Leiria, assim havia de planear para a próxima sessão um conteúdo visual que estimulasse a essa participação mais afetiva com a cidade e os locais escolhidos/selecionados por mim através dessas entrevistas os comerciantes e com os resultados dos questionários realizados nesta sessão.

Dia 19 de abril de 2018

Nesta sessão ao que intitulei “Memórias de Outros tempos”, teve início às 10:45h na sala de convívio do IPL 60+, estiveram presentes três pessoas, duas do sexo masculino e uma do sexo feminino.

Nesta sessão preparei uma apresentação com imagens e textos que recolhi de livros e de algumas entrevistas que realizei a comerciantes lojistas mais antigos de Leiria. Pretendia trazer o passado para o presente através da imagem e tentar recordar e os tempos antigos afim de conseguir alguma informação que me permitisse realizar os objetivos do projeto.

O que pude constatar foi que ainda existia o interesse histórico em relação as imagens recolhidas, e que os locais que escolhi para a Fotomaratona em específico não lhes despertava nenhuma memória antiga (positiva ou negativa), apesar de alguns deles irem ao encontro de alguns locais referidos por eles nos questionários.

Ainda assim, foram participativos, mostraram muita admiração e interesse pelo conteúdo apresentado. Muitas das imagens que mostrei foram de há 100 anos atrás (também desconhecidas por eles) em que as diferenças na cidade eram notáveis e muitos deles nem tinham a noção das mudanças que surgiram.

Após a apresentação, falei-lhes da ideia de Fotomaratona que tinha planeado construir e pedi que no próximo encontro que tivéssemos me trouxessem imagens dos locais para selecionar, para depois associá-las às histórias/memórias contadas por eles. Apesar de te explicado que esta era uma parte final do projeto muito importante para a sua concretização não demonstrara muito entusiasmo e duvidaram do porquê da mesma, mais uma vez tive que explicar que mesmo sendo os mesmos locais perspectiva que teríamos das fotos seria diferente e que através das suas histórias/memórias o roteiro teria um toque mais pessoal e inovador.

Reforcei a ideia de trabalhar este conteúdo pois até então ainda não tinha nada de que pretendia na ideia do projeto.

Depois passei pela turma alguns livros com fotografias e histórias dos Leirienses, contando pouco do seu passado e recordando o que era Leiria na antiguidade, material que já tinha apresentado na apresentação.

Assim dei por terminada a sessão comprometendo-me com eles a entregar-lhes em papel o guião do roteiro para que lhes facilitasse o percurso, incluindo as imagens do antes e do agora com excertos das “histórias” dos locais escolhidos contado pela boca de um Leiriense.

Dia 11 de maio de 2018

Após ter reunido com as minhas orientadoras e de ter dado um *feedback* de como a sessão de apelar a memória pelas imagens tinha corrido, achamos por bem, eu participar na Fotomaratona e acompanhá-los na sessão de fotografias, de forma a tentar motivá-los e recolher informações que poderiam ser relevantes.

Marquei a Fotomaratona duas vezes por falta de comparência. E no dia 11 de maio, sexta-feira, saímos para a cidade de Leiria para seguir a rota que tínhamos planeada. Estavam presentes quatro estudantes todos do sexo masculino, alguns dos quais ainda nem haviam comparecido nas sessões realizadas (apenas um dos estudantes presente assistiu a todas as sessões do projeto).

Em vez de seguirmos o trajeto planeado, foi improvisada outra rota que, segundo os participantes, facilitava a visita aos locais marcados.

De modo a tentar recolher dados mais pessoais desses locais gravei a “visita”, o que pude perceber que ainda surgia a dúvida da concretização da Fotomaratona por parte do estudante que me acompanhava desde o início das sessões, mesmo depois de ter explicado na aula anterior que seria o produto para o projeto final.

Ainda assim percorremos todos os locais que estavam apontados na rota, tiraram-se fotografias até mesmo a locais que não estavam marcados.

Apesar de não ter conseguido a parte das memórias que pretendia com este trabalho e de ter notado algum desleixamento na participação das atividades, consegui chegar a pontos interessantes que poderão ser objeto de estudo dentro do projeto interventivo, e desenvolvi uma proximidade com os estudantes do Programa do IPL60+ que apesar de tudo sempre se mostraram muito prestáveis.

Nome: _____

Idade: _____

1. Com que frequência costuma usufruir da cidade de Leiria? Onde vai? Porquê?

Uma vez por mês pelo menos vou
a Igreja dos Franciscanos confessar-me
e as vezes vou à Missa.

2. Quando veio para Leiria? Porquê?

Nasci em Leiria vivi em França
a minha infância voltei aos 13 anos
estudei fui-me embora aos 19 para
França outra vez voltei a Leiria cerca
dos 25 anos. Vim para Leiria porque
gostava mais de viver em Portugal

3. Qual o primeiro local que tem memória de usufruir em Leiria?

A casa da minha avó

4. Que sentimento lhe vem à memória quando pensa nesse local?

Saudade

5. Quais os locais que lhe trazem memórias felizes?

Casas de pessoas de Família
Igreja dos Franciscanos, Sé de Leiria
Igreja do Espírito Santo.

6. Quais os locais que lhe trazem memórias menos felizes?

Licen de Leiria

7. Que locais e histórias gostaria de partilhar com os mais jovens?

Se de ~~de~~ Leiria: história da minha
primeira comunhão e da minha crisma.
A Igreja dos franciscanos: história da
primeira vez que entrei na Igreja.

Obrigada pela colaboração!

Vânia Oliveira 😊

Nome: _____

Idade: 73 anos

1. Com que frequência costuma usufruir da cidade de Leiria? Onde vai? Porquê?

Vim visitar o castelo e de pinheiro
alguns monumentos é claro q' aprecia tudo o
que via

2. Quando veio para Leiria? Porquê?

Vim para Leiria tinha 14 anos para começar a
trabalhar, tinha começado em Sousel tinha 11
anos no comércio, depois aos 13 comecei a trabalhar
numa fábrica de móveis (móveis oleio) com
profissão de marceneiro fabrico de móveis trabalhei
9 meses depois o meu pai faleceu e então fomos
a família, minha mãe e os meus irmãos para
Leiria. Depois então tinha 14 anos comecei a traba-
lhar de carpinteiro até aos 17 anos, depois fui para
Fátima então continuei em carpinteiro até depois
devido a dificuldades, de trabalhar por motivo de
um acidente problema vertebra lombar comecei-me
em electrónica por então tive vários finsseis trabalhei
em grandes empresas como a Tomson - Alcatel -
actuando em vários meios metropolitanos e outros desenvolvimentos

Nome: _____

Idade: _____

1. Com que frequência costuma usufruir da cidade de Leiria? Onde vai? Porquê?

- Visto em Leiria, sempre perto do Centro histórico e
todas as duas frequento o Centro da cidade, a pé, com
o fim nos supermercados, mas não sei mais longe,
se não, é fazer caminhadas. Visitar os museus,
ir à Biblioteca, andar ao longo do rio.

2. Quando veio para Leiria? Porquê?

Vim para Leiria por volta de 1963. O meu pai
era funcionário público e nesse altura foi
transferido para Leiria.

3. Qual o primeiro local que tem memória de usufruir em Leiria?

Cinema Luís de Silva

4. Que sentimento lhe vem à memória quando pensa nesse local?

Bons planos

5. Quais os locais que lhe trazem memórias felizes?

*Café Praga. Taberna da. Escola Landeira
Damp de Leiria. Jardim Luís de Camões.
Rio*

6. Quais os locais que lhe trazem memórias menos felizes?

Hospício de Leiria

7. Que locais e histórias gostaria de partilhar com os mais jovens?

Teatro, jardins

Obrigada pela colaboração!

Vânia Oliveira 😊

Nome: _____

Idade: 71

1. Com que frequência costuma usufruir da cidade de Leiria? Onde vai? Porquê?

Visito vários locais de Leiria.
O local onde frequento com mais frequência é a Praça Rodrigues Lobo, dado ser um local agradável e onde se pode conviver dado existirem pontos específicos para se fazer acções.
Além das visitas a vários locais de interesse histórico, em termos de frequência, posso referir as feiras municipais, praticando as vatacas. Também tenho frequentado o Ateneu onde tenho sido aulas de dança.

2. Quando veio para Leiria? Porquê?

Aqui não tenho resposta dado não viver em Leiria.
Vivo num lugar próximo (Racina)

3. Qual o primeiro local que tem memória de usufruir em Leiria?

A primeira vez que vim a Leiria foi quando tinha 10 anos, para fazer o exame da 4ª classe.

4. Que sentimento lhe vem à memória quando pensa nesse local?

O sentimento que ficou foi de uma novidade que não conhecia algo novo e estranho para mim. Contudo senti-me à vontade de fazer consciência que estava preparado para o exame. No final recebi os parabéns de minha professora, o que fiquei muito satisfeito.

5. Quais os locais que lhe trazem memórias felizes?

Não tenho frequentemente memórias de locais que não tenho vivências, sendo unicamente visitas pontuais. Contudo acho que a cidade é acolhedora.

6. Quais os locais que lhe trazem memórias menos felizes?

Não tenho memórias menos felizes

7. Que locais e histórias gostaria de partilhar com os mais jovens?

Por exemplo o local com mais valor histórico.

Exo. O castelo de Leiria, e o museu de uma forma geral.

Obrigada pela colaboração!

Vânia Oliveira 😊

Nome: _____

Idade: 70

1. Com que frequência costuma usufruir da cidade de Leiria? Onde vai? Porquê?

COMO VIVO NA CIDADE USUFRUO DA MESMA DIARIAMENTE.
COSTUMO DIARIAMENTE (QUANDO O TEMPO O PERMITE) FAZER
UMA CAMINHADA. O PERCURSO É NAS MARGENS DO
RIO DE S. ROQUE À CONFLUÊNCIA DOS RIOS LENA E LIS.
CONHEÇO LEIRIA MUITO BEM PORQUE COSTO MUITO DEIR
CIDADE. FREQUENTO TODOS OS LUGARES MUSEOLÓGICOS,
PRAÇA, CASTELO E FAZENDA ROTARIA, MUSEU, PARTICIPO
EM TODOS OS ROTÁRIOS QUE A CIDADE PÔE À DISPOSIÇÃO
DE TODOS. "ROTÁRIO DE S. R." "ROTÁRIO JUDAICO"
A HISTÓRIA DO CASTELO, ETC.

2. Quando veio para Leiria? Porquê?

VIEM PARA LEIRIA NO DIA 1 DE ABRIL DE 1974.
RAZÕES PROFissionais.
FUI GERENTE DE UMA EMPRESA COM +/- 170 PESSOAS
DO RATO AUTOMÓVEL, ONDE FUI GERENTE DESDE 1975
A 1997.

3. Qual o primeiro local que tem memória de usufruir em Leiria?

O Bairro onde o Lord "CAPUCHOS"

4. Que sentimento lhe vem à memória quando pensa nesse local?

Foi o lugar onde uma das minhas filhas nasceu,
A mais nova, a mais velha veio de Lisboa, pois
eu trabalhava em Lisboa, na empresa que me
deixou para Leiria
OS SENTIMENTOS: O CRESCIMENTO DAS MINHAS
FILHAS

5. Quais os locais que lhe trazem memórias felizes?

OS PIQUENIQUES NA ALTA QUINZANA COM
GRUPO DE AMIGOS

6. Quais os locais que lhe trazem memórias menos felizes?

AS DOENÇAS DE FAMILIARES.

7. Que locais e histórias gostaria de partilhar com os mais jovens?

Mostrar tudo o que Lúcia tem e tudo o
que Lúcia oferece

Obrigada pela colaboração!

Vânia Oliveira 😊

Nome: _____

Idade: 72

1. Com que frequência costuma usufruir da cidade de Leiria? Onde vai? Porquê?

Pouca vezes, vou mais aos ensaios de
carraquinhas ao campo de futebol ou a praça
e outros locais Castelo Museus igrejas etc.
Trabalhei no Hospital velho. E ando na IPL
mas não posto pelo centro da cidade.

2. Quando veio para Leiria? Porquê?

Vim a Leir Leiria a Santa Margarida a
um casamento e encontrei o meu marido
depois casli e vim viver para Leiria em
67 a onde foi aqui fiquei até agora e
daqui não devo sair a não ser sair para
a minha última ~~At. morada~~, porque é
aqui que está toda a minha vida.

3. Qual o primeiro local que tem memória de usufruir em Leiria?

Andar de barco no Rio Lis, Leis
e ver o Castelo.

4. Que sentimento lhe vem à memória quando pensa nesse local?

Boas recordações

5. Quais os locais que lhe trazem memórias felizes?

As prais ~~os~~ as merceiros nos pinhal
de Leiria em família.

6. Quais os locais que lhe trazem memórias menos felizes?

Prefero não recordar.

7. Que locais e histórias gostaria de partilhar com os mais jovens?

Viver a vida se divertindo sem drogas
ou álcool e sem violência.

Obrigada pela colaboração!

Vânia Oliveira 😊

Nome: _____

Idade: 61

1. Com que frequência costuma usufruir da cidade de Leiria? Onde vai? Porquê?

Embora viva a 2km da cidade,
todos os dias se vai excepção vouho
à cidade, tomar uma café, comer
amigos, fazer compras etc.
Os locais que mais frequento
é a praça Rodrigues Lobo e a
Av. Heróis de Angola.
Destinadamente vouho ao IPL,
aprender e socializar e por vezes
educar.

2. Quando veio para Leiria? Porquê?

Vim para Leiria aos 10 anos
de idade, para vir estudar. Na mi
nha aldeia que fica a 30km
desta cidade só era possível fazer
o ensino básico.

3. Qual o primeiro local que tem memória de usufruir em Leiria?

A casa onde morei e onde que estava hospedada, que era tão diferente daquele onde nasci.

4. Que sentimento lhe vem à memória quando pensa nesse local?

Apesar de tudo agradável, era na família que não era a minha, mas que não acolheram (a mim e + 2 irmãs) bem.

5. Quais os locais que lhe trazem memórias felizes?

O jardim Luis de Camões e um pastelaria junto ao zéto preto, onde aos domingos fomos comprar a nossa bola de basca (os tempos eram difíceis e o dinheiro muito pouco)

6. Quais os locais que lhe trazem memórias menos felizes?

O liceu Rodrigues Lobo, apesar de ser, fui vítima de bullying que colegas dos meus anos em vive!!

7. Que locais e histórias gostaria de partilhar com os mais jovens?

Leiria é uma cidade bonita,
o castelo, os museus, as igrejas
a baixa da cidade, o rio
lis, enfim... é uma ótima
cidade para visitar e viver.

Obrigada pela colaboração!

Vânia Oliveira 😊

ANEXO 4 – ENTREVISTAS A COMERCIANTES LEIRIENSES

Nome _____

Idade _____

1. Nasceu em Leiria?
2. Sempre foi da cidade de Leiria?
3. Qual o local em Leiria que lhe traz mais recordações? E porquê?
4. O que sente mais saudades quando pensa nessa local?
5. Qual o local na cidade que mais mudou na sua opinião?

ANEXO 5 –ENTREVISTAS AOS PARTICIPANTES

1. Que atividades costuma fazer no seu tempo de lazer? Que hobbies têm?
2. Com que tipo de atividades destinadas aos alunos do Programa IPL0+ se identifica mais?
3. Com que frequência usufrui dessas atividades? Se não usufruiu, porquê?
4. O que procura quando participa nessas atividades?
5. O que faz comprometer-se numa atividade no âmbito do Programa 60+? O que o entusiasma?
6. Em quantas sessões participou?
7. Que experiências têm mais significado para si?
8. Quando decidiu participar neste projeto o que o incentivou?
9. A experiência de partilha de conhecimento acrescentou algum sentido a essa participação?
10. Sente que as saídas por Leiria a experienciar roteiros e a captar fotografias o aproximou da cidade e uns dos outros?
11. Sente que há alguma coisa que gostava de ter também realizado na cidade de Leiria em grupo?
12. Os conteúdos que abordamos nas sessões foram do seu interesse?
13. O que gostaria de ter trabalhado mais e o que esteve em falta?
14. Quando quis incluir nas sessões as vossas “memórias” relativas à cidade de Leiria, com o intuito de trabalhar convosco a criação de um roteiro fotográfico, foram sentidos alguns constrangimentos em falar sobre elas ou de lembra-las, incluindo aos locais. Porquê que acha que isso aconteceu?
15. Acha que as coisas podiam ter sido feitas de forma diferente? Como?

Entrevista 1

Nome: JN

Idade: 58 anos

Habilitações académicas: licenciatura em gestão de empresas (pré Bolonha 5 anos)

Profissão que desempenhou: bancário (subdiretor de um banco)

Residência: Leiria

1. Que atividades costuma fazer no seu tempo de lazer? Que hobbies têm?

“Sou Responsável da liga portuguesa contra o cancro em Leiria, sou Vice-presidente da comunidade pastoral são Romão e Guimarães, o presidente é o Padre, mas nós é que trabalhamos. Faço parte do órgão sociais da casa do Benfica, e estas são as atividades que me ocupam algum tempo trabalho de borla, mas é para o meu lazer. Para além disso gosto muito de viajar, adoro ir à praia, gosto muito de jogar vólei aquático – temos uma equipa para aí há 16/17 anos e jogamos vólei aquático no ginásio; costumo ir ao ginásio, não parece mas costumo ir (risos)... e gosto acima de tudo conviver, gosto muito de me relacionar com as outras pessoas... o meu maior prazer neste momento talvez seja ser útil as outras pessoas”

2. Com que tipo de atividades destinadas aos alunos do Programa IPL0+ se identifica mais?

“As que me identifico mais são o inglês avançado, gostei muito de gastronomia e vinhos embora este ano tenho sido um bocadinho mais fraco do que aquilo a que estou habituado, mas gosto muito de gastronomia e vinhos; adorei aquela aula dada por uma senhora que já tem 71 anos, e eu não sei o nome daquilo, já te digo... Encontros de reflexão sobre temas da ciência, com a professora Alzira – adorei; não desgostei da tua aula (risos) tenho tempo de não ter ido mais tempo – é verdade falhei muito; e tanto falhei que também falhei às outras; no Inglês por exemplo marcaram-me as aulas para as 8:30h e eu não fui a aula nenhuma, e não vou – não me levanto cedo, não vou”

3. Com que frequência usufrui dessas atividades?

“Vou algumas vezes, não vou sempre; por exemplo, esta que acabei de te dizer da reflexão de ciência acho que fui a todas – porquê? – porque é as 10:30h e as 10:30h acho que já são horas decentes para me levantar, embora eu costuma sempre levantar-

me ao 12:30h, mas pronto já são horas decentes para me levantar. A tua fui algumas vezes, faltei muitas, mas também era um horário razoável; Inglês tem uma aula que é as 8:30h que eu nunca fui, e depois tem outra as 10:00h que eu já vou.”

4. O que procura quando participa nessas atividades?

“Hoje em dia poucas pessoas da minha idade ou mais velhas que eu, me ensinam alguma coisa – eu aprendo é com as pessoas mais novas – eu gosto de andar com as pessoas mais novas, pronto. - e o quê que eu quero aqui do IPL - eu quero ir conhecendo mais qualquer coisa e aprender mais qualquer coisa, tas a perceber!? Não parar, estar ocupado, acima de tudo estar ocupado. Lá está, então, é adquirir conhecimentos, interagir com as pessoas – criei aqui muitos amigos e gosto, sinto-me bem com eles, com alguns deles porque já dá para uma pessoa fazer algumas seleções porque algumas pessoas tem feitos que são difíceis – e eu não estou para os aturar, não estou para aturar gente que não me diz nada – de qualquer modo, gostei muito tanto que - não sei se vais perguntar mais à frente - mas fomos ao programa do “Mex” à Espanha que eu adorei, todos os dias andei com eles, sei falar espanhol e foi uma vantagem competitiva, e a tua intervenção foi notável digo-te já, por isso é mais ou menos isso não sei se respondi à tua pergunta ou se queres perguntar mais alguma coisa.”

5. Que experiencias têm mais significado para si?

“Já respondi de algum modo dizendo que é interagir, conhecer pessoas novas e é troca de experiências – digamos assim – conhecimento, uma partilha. Acaba por ser isso.”

6. Participou em quantas sessões do meu projeto?

“Sessões acho que participei uma só.”

7. Quando decidiu participar no meu projeto, o quê que o incentivou?

“No teu projeto, foi...hum... conhecer coisas novas, achei interessantíssimo o teu projeto, fui ao centro da cidade na visita – até te digo uma coisa - eu sou de Leiria e eu não conhecia a casa do pintor, eu passo lá todos os dias - eu não sabia - tinha uma taberna lá ao pé, eu passava ali todos os dias olhava para aquela varandinha em madeira e julgava que aquilo era uma casa particular – gostei de ter ido à sinagoga da... – acho que é sinagoga que se diz - a igreja, foi a primeira vez que lá fui desde que ela está restaurada já lá tinha tentado ir mas estava fechada, gostei muito disso – as expectativas que eu tinha em relação ao teu programa era aprofundar um pouco mais os

conhecimentos que eu tinha de Leiria - quer dizer, eu vivo cá todos os dias conheço aquilo todos os dias, mas.. ah... não estou sensibilizado para estar a preocupar-me ou conhecer tudo, muita coisa me escapa. E foi nesse propósito que eu me inscrevi na tua aula.”

8. A experiência de partilha do conhecimento acrescentou algum incentivo à sua participação?

“Acrescentou claro que acrescentou, porque é assim, houve trocas de ... conhecimentos, em que ... eu disse uma coisa, o outro disse outra, o outro disse outra e eu tenho a certeza que eu fiquei mais enriquecido com a troca de conhecimentos entre nós, tás a perceber!? – porque, havia algumas coisas que eu julguei que sabia e não sabia, e houve alguém que me disse – não isto era assim, e tal, por causa disto e por causa daquilo - oh pá, eu ficava encantado – tás a perceber!? – e depois também tinha algo a dizer sobre determinadas coisas – esta troca de conhecimentos acho que foi a parte mais enriquecedora do projeto, acho eu.”

9. Porquê que só participou numa sessão?

“Foi por falta de tempo, também ..., mas eu levanto-me muito tarde, levanto todos os dias ao 12:30h, todos os dias. Eu deito-me todos os dias muito tarde, as 4:30h, mas pronto só durmo 8 horas, mas as aulas de manhã fazem-me muita confusão – se a tua aula tivesse sido às 15:00h eu ia a todas, garanto-te aqui – Todas – o horário a afetou no meu caso concreto. A esta gente não, não lhes faz diferença nenhuma... Ah! Houve uma vez ou duas em que o Júlio me ligou e eu estava ocupado noutra coisa - Não te esqueças de uma coisa – se quiseres acrescentar isso acrescentas, eu tive que organizar uma caminhada da liga portuguesa contra o cancro, foram 284 pessoas- fui eu que as organizei sozinho – a caminhada foi num domingo eu tive que a preparar, para com um mês e tal de antecedência, na segunda feira tive que me reunir com a malta toda para me devolverem as camisolas e o resto do dinheiro, na terça feira comecei a angariar fundos para a festa que se iria realizar no sábado e no domingo logo a seguir, a única que angaria publicidade sou eu, sou só eu que faço isso – ou seja, houve ali uma altura que tive que mudar de casa, houve aqui uma altura em que eu me senti quase a arrebentar – então, algumas das aulas em que eu não fui eu tive que escolher, assim como eu também não fui a todas as aulas da outra senhora também mas adorava ter ido porque era um tema que me agrada, e não fui - só fui para ai a duas aulas dela. Este semestre eu paguei, paguei, paguei ...e não usufrui de nada.”

10. Como se sente hoje em relação à cidade de Leiria? Mudou alguma perspetiva?

“Mudou muita coisa... eu estou reformado à 6 anos, talvez quando trabalhasse não tivesse tanto tempo para olhar para Leiria, mas se calhar Leiria até à 6 anos atrás não tinha a dimensão cultural que está a ter neste momento – Leiria saiu do mapa em termos de cultura, em termos de animação, em termos de eventos culturais – tive oportunidades de vivenciar experiências que à 10 anos não existia em Leiria, não existia mesmo - Leiria era fechada. E depois Leiria tem um Castelo lindíssimo para mim é o mais bonito de Portugal, e a interação entre a cidade e o Castelo está muito bem feita. Temos podres, como o Estádio, aquilo é um podre... de resto estão a trabalhar bem na cidade”

11. Sente que há alguma coisa que gostaria de ter feito na cidade de leiria que ainda não fez?

“Animação noturna, tem alguns locais onde se pode estar à noite... ah... eu sinceramente não sei o que deva dizer sobre Leiria, porque é assim – Leiria, durante muito tempo não teve mesmo nada, era uma pasmaceira, e neste momento tem o museu do papel, tem o mimo, tem o museu de Leiria, .. tem uma serie de sítios onde tu te possas deslocar que dantes não tinha. Antes só tinha... sabes o quê que antes nós dizíamos aos turistas? O Castelo e a Sé – não tinha mais nada, não tínhamos mais nada. Agora Leiria está a mudar muito, estou muito curioso com a criação do bairro da alminha, - mas não te sei dizer mais...”

12. Gostou de ter participado neste projeto?

“Adorei. Gostava de ter tido mais presença e ter tido mais atitude. – Tu tiveste azar no teu projeto, as pessoas estão aqui para ter aulas, - e se calhar não conseguiste passar bem a ideia do que querias – mas penso eu que se conseguisses mais chegar às pessoas elas ajudavam-te com certeza, e participavam mais. Lembro-me que o senhor José Júlio me chegou a ligar duas vezes que não estava ninguém, mas pronto, tiveste azar, foi muito mau. Eu falhei por várias razões – aquelas que já te disse. Mas agora as outras pessoas não entendo, não entendo mesmo – a menos que as pessoas não tenham entendido o projeto – até o nome sugeriu outra coisa. Eu acho que as pessoas estão mais interessadas em vir aqui e receber uma aula, em participar na aula – do que estarem com a obrigação de estarem a colaborar com uma aluna que precisa de fazer

um determinado trabalho e que nós sejamos cobaias – eu estou a tentar perceber o quê que falhou, é uma possibilidade, não foi isso que se passou comigo.”

Entrevista 2

Nome: JJ

Idade: 70 anos

Profissão que exerceu: Gerente Comercial

Reside: Leiria (Bairro dos Capuchos)

Habilitações académicas: 5.º ano

1. Que atividades costuma fazer no seu tempo de lazer? Que hobbies têm?

“Passear. Netos. Caminhar e conviver”

2. Com que tipo de atividades destinadas aos alunos do Programa IPL0+ se identifica mais?

“Gosto muito das curriculares de licenciatura. Como as aulas de engenharia auto, é onde eu tenho andado mais.

3. Com que frequência usufrui dessas atividades?

“Se eu me inscrever no semestre ando lá o semestre todo.”

4. O que procura quando participa nessas atividades?

“Ser útil aos outros.”

5. O que faz comprometer-se numa atividade no âmbito do Programa 60+? O que o entusiasma?

“Conhecimento e passatempo”

6. Em relação ao meu projeto, em quantas sessões participou?

“Todas as que fizeste!”

7. Que experiências têm mais significado para si?

“No teu projeto - Para já é termos conhecimento do espaço em que habitamos, saber defini-lo, saber o quê que há nas nossas cidades, nas nossas aldeias, identificarmo-nos com elas e estudá-las também”

8. Quando decidiram participar neste projeto, o que vos incentivou?

“O nome (risos) com a palavra digitais pensei que fosse algo relacionado com a informática – informática, fotografia, trabalho de fotografia.”

9. Como se sente hoje em relação à cidade de Leiria? Mudou alguma perspetiva?

“Está a melhorar, no aspeto de animação, no aspeto de cultura, tem muitos eventos, tem os novos estudantes, afim ao cabo os institutos que trouxeram para ca muita gente, tem muito comercio... ah... eu chamo a isto uma cidade provinciana, uma cidade onde as pessoas se conhecem todas uma às outras”

10. Sente que as saídas por Leiria a experienciar roteiros e a captar fotografias o aproximou de cidade e uns dos outros?

“Isso é já uma coisa que eu gosto de fazer e procuro fazer sempre. Procura todos os anos – quase que faço as mesmas coisas, mas a perspetiva é sempre diferente, a gente vê sempre a cidade de maneira diferente”

11. Sente que há alguma coisa que gostava de ter também realizado na cidade de Leiria, em grupo?

“Falta sempre alguma coisa, a cidade de Leiria devia de ser mais mostrada a quem não é de cá – o que eu noto é que as pessoas não vêm a Leiria porque pensam que Leiria é Fátima, ou que é Nazaré, ou que é outra coisa... não têm conhecimento do quê que a cidade de Leiria tem para oferecer, não é... aqui tem muito para oferecer – atualmente já há muitas coisas, como a Feira de Maio, estes festivais todos.”

12. Os conteúdos que abordamos nas sessões foram do vosso interesse?

“Foram. Aliás eu entrei precisamente para partilhar aquilo que eu sei – se tu não és da cidade, precisavas de alguém que te ensinasse a cidade, te mostrasse a cidade... hum... por isso – e também aprendi, porque afim ao cabo andei, por exemplo – eu nunca tinha entrado na casa do pintor, entrei pela primeira vez. Na igreja da misericórdia - ela existia eu só la ia antigamente e aquilo era uma casa mortuária – foi a primeira vês que

a vi aberta como museu – sempre li que havia lá um sacrário em frente de tudo e efetivamente aquilo é uma peça – uma relíquia, não é.”

13. Quando quis incluir nas sessões as vossas “memórias” relativas à cidade de Leiria, com o intuito de trabalhar convosco a criação de um roteiro fotográfico, foram sentidos alguns constrangimentos em falar sobre elas ou de lembrá-las, incluindo aos locais. Porquê que acha que isso aconteceu?

“Eu por mim, há sempre memórias que me marcaram. Eu vim para aqui em 1974, não conhecia Leiria e a partir de 1975, após a revolução, eu comecei a fazer coisas que Leiria não tinha. Por isso eu tenho memórias de coisas que fiz em Leiria e gostava de evidenciar coisas que não existiam antes e passaram a existir depois do 25 de abril.”

14. Acha que as coisas podiam ter sido feitas de forma diferente?

“Ah... Se houvesse mais participação – podia, a culpa não é tua. A culpa é das pessoas que se inscreveram e que não se comprometeram. Efetivamente, quando nós saímos para a rua – viu-se que as pessoas mostraram interesse e alias andaram a aprender. Eles não conheciam Leiria, por aí pode-se ver que aquilo era para ti e para todos os outros também.”

15. Gostou de ter participado neste projeto?

“Gostei muito. Além disso, arranjei uma fadista e uma amiga. Conta comigo para o que precisares.”

Entrevista 3

Nome: AF

Idade: 71 anos

Profissão que exerceu: Projetista de Moldes

Residência: Maceira de Leiria

1. Que atividades costuma fazer no seu tempo de lazer? Que hobbies têm?

“Costumo fazer natação, agora não é muito regular, agora parei um bocado porque a piscina fechou, mas regularmente eu fazia natação – gosto de nadar até no mar, portanto gosto de praia, gosto de dança, gosto de ginástica também – atividades físicas que sejam

adaptáveis para a minha idade – também gosto da pintura, tenho alguns quadros pintados, mas depois parei um bocado com isso porque por um lado era muita coisa e por outro lado também já estava lá a ter uma serie de quadros que estão lá num monte, e tenho que cuidar desse material para não fique em armazém para que seja visível para as pessoas.”

2. Com que tipo de atividades destinadas aos alunos do Programa IPL0+ se identifica mais?

“Eu gosto de muitas coisas, só que não se pode fazer tudo. Mas agora estou a apostar mais na parte informática e, por tanto, eu estou aqui mas também estou lá em cima na ESTG e estou lá a tirar um curso de modelação que realmente não correspondeu bem às minhas expectativas porque aquilo não correu como eu esperava, mas de qualquer maneira sempre deu para eu aprender alguma coisa, porque é assim eu fui desenhador estirador, e depois em 1986 mais ou menos já se começaram a introduzir os computadores, a nível de desenho de projeto - estava tudo diferente, mas eu como tinha a sociedade e era responsável por essa área, não tinha possibilidade de executar, só de orientar as pessoas, então elas trabalhavam na parte informática e eu tinha a parte técnica que lhes dizia – olha faça dessa maneira, faça daquela...- eu digamos que dava as instruções e eles claro tinham a formação no software e também no projeto, mas claro não tinham o que eu tinha porque eu já tinha uns aninhos daquilo e já estava identificado para a situação – portanto eu tive a curiosidade já há muitos anos que eu gostava de aprender esta modelação tridimensional mas nunca tive a oportunidade para isso, este ano pensei em participar no IPL, e realmente consegui até certo ponto aprender – não aquilo que eu esperava realmente ou aquilo que tinha em mente – ficou um bocadinho a baixo do que eu esperava, mas de qualquer maneira foi positivo no fundo acabou por ser positivo.”

3. O que procura quando participa nessas atividades?

“Eu participei na modelação para trabalhar com o software de modelação, que era aprender a modelar no computador, porque no estirador já sabia fazer – e, eu queria fazer modelação no computador.”

4. O que faz comprometer-se numa atividade no âmbito do Programa 60+? O que o entusiasma?

“Eu faço as minhas escolhas, digamos que eu podia frequentar outro tipo de matérias, como filosofia e outras matérias teóricas, mas como não posso ir a todas, não é, tenho que fazer as minhas opções e tenho que dizer – olha, espera aí aquilo que realmente me interessa mais é isto, pronto , o resto também me interessa mas não posso chegar a todo lado, então por agora ... - faço as minhas escolhas, pronto. Depois há a parte da participação pelo convívio.”

5. Em quantas sessões participou?

“Foram poucas... Fomos a uma visita que fomos à igreja da misericórdia, fomos à casa dos pintores, fizemos aquele roteiro que foi engraçado ... fomos lá ao senhor do acordeão – também foi giro. E depois fizemos mais duas ou três, salvo o erro, a nível de sala de aula.”

6. Quando decidiu participar neste projeto, o que o incentivou?

“Eu acho que é assim... nos também – ahhh - o título chamasse Roteiros Digitais – e eu no fundo fui um bocado por aí. E depois também eu gostava até de ser guia turístico – de ter sido ou de ser, eventualmente - e eu gosto também da parte histórica e de passear, dar a minhas voltas, e saber – eu por exemplo não sabia que Leiria tem mais coisas do que aquilo que eu imaginava e isso interessa-me saber – um bocado da historia e o quê que temos na cidade.”

7. A experiência de partilha de conhecimento acrescentou algum sentido a essa participação?

“Sim, realmente as coisas foram um bocadinho curtas, não é, quer dizer isto pressupunha também um bocadinho de mais tempo e as coisas mais digeridas, não é, foi tudo um bocadinho –talvez- muito apertado, mas a ideia esta bem, o conceito e a ideia está bem, só que devia ter sido mais puxada.”

8. Como se sentem hoje em relação à cidade de Leiria? Mudaram alguma perspetiva?

“Mudou, porque eu conheci por exemplo – só para falar na igreja da misericórdia, eu conhecia antes da remodelação, quer dizer conhecendo-a antes e conhecendo-a agora, realmente um indivíduo fica surpreendido – gostei - achei que estava muito bem elaborado, bem recuperado, estava acolhedor – pronto, estava bom. A casa dos pintores também gostei porque desconhecia tudo isso me enriqueceu e se calhar se não fosse este projeto, se calhar acabava por não ligar, pronto passa ao lado. Isso também não é muito

divulgado e as pessoas não têm muito acesso, uma pessoa pode pesquisar e procurar, mas aqui é diferente porque a pessoa é logo alertada naquele sentido a olhar.”

9. Sente que há alguma coisa que gostava de ter também realizado na cidade de Leiria, em grupo?

“O que se podia ter feito... nos fizemos o programa turístico, a ideia também era investigar novos – coisas diferentes que também não estavam nos roteiros oficiais e podiam ter algum interesse, e isso também estava curioso em ver em quê que realmente podíamos selecionar e criar – uns roteiros que podiam ao fim ao cabo, podiam ter tido algum sentido, fazer isso, não é, e pode parecer que são pontos que não tem interesse nenhum mas que também tem um significado histórico muito grande – isso acaba por ser uma componente não é só o palpável digamos o que esta por detrás daquele espaço e local para cada um.”

10. Os conteúdos que abordamos nas sessões foram do seu interesse?

“Sim claro, obviamente! E gostaria de ter trabalho mais”

11. Quando quis incluir nas sessões as vossas “memórias” relativas à cidade de Leiria, com o intuito de trabalhar convosco a criação de um roteiro fotográfico, foram sentidos alguns constrangimentos em falar sobre elas ou de lembrá-las, incluindo aos locais. Porquê que acha que isso aconteceu?

“Não eu diria que... propriamente de memórias de Leiria – ahhh - não tenho memórias de vivencia porque eu não sou de Leiria, passo mais tempo na Praça Rodrigues Lobo, que acho que é um espaço mais convidativo, não é, e que quando vinha a Leiria e queria tomar um café ia... uma pessoa anda por ali, não é, mas o primeiro sitio que eu conheci, foi quando fiz a quarta classe, que vim fazer o exame no Liceu, essa imagem ficou – eu não conhecia Leiria, não é, eu nunca vinha para aqui, não foi uma vivencia propriamente, lá está foi uma coisa esporádica –teve que ser – não há um local que me liga em termos sentimentais.”

12. Acha que as coisas podiam ter sido feitas de forma diferente? Como?

“Eu acho que estava bem ... podíamos ter posto outra direção aí, mas eu acho que até correu bem.”

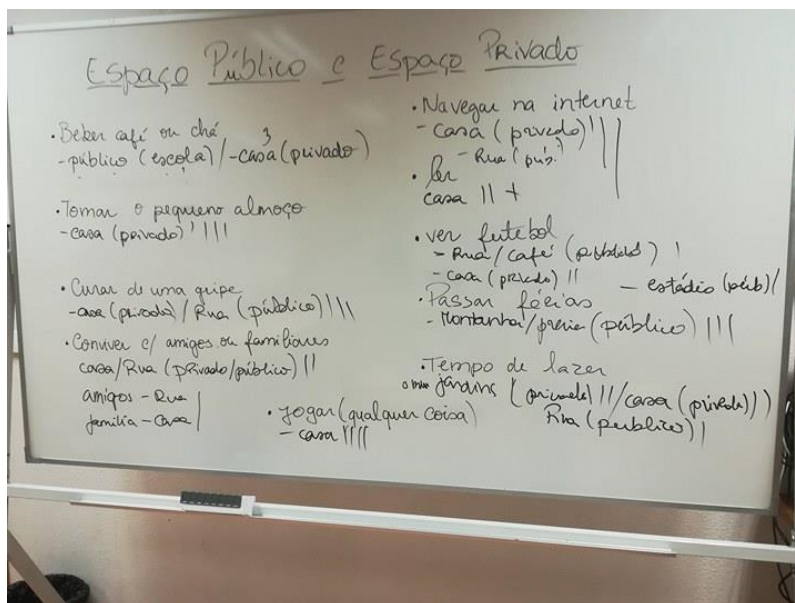
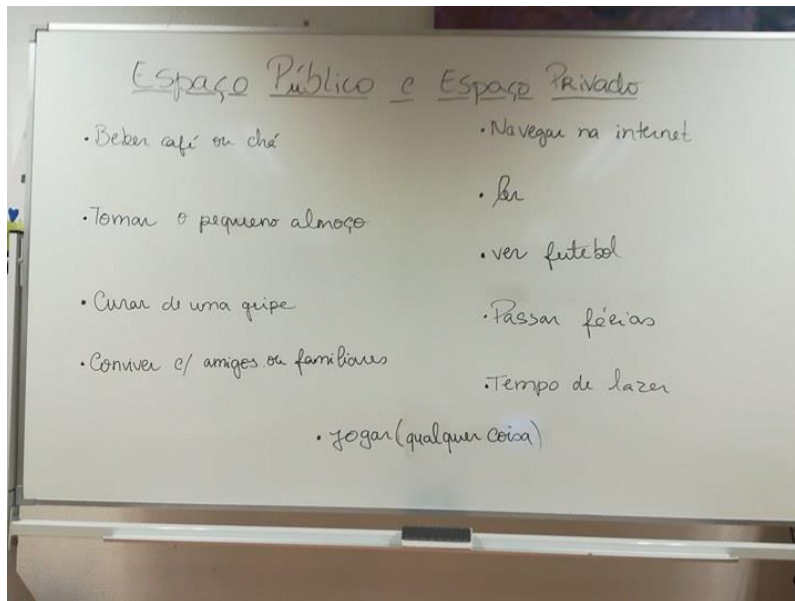
13. Gostou de ter participado?

“Sim claramente...eu cheguei a ter na Marinha uma disciplina que também era um pouco essa ideia dos roteiros, mas também não se conseguiu realmente ... - é um trabalho que às vezes começa mas parece que como hei de dizer – um trabalho que começamos, acabamos e está ali – com principio meio e fim, muitas vezes parece que não chegamos a conclusões. É um trabalho de aprendizagem, eu acho que nunca terminamos nada, há sempre coisas a acrescentar a isto, aquilo e aquele outro, mas no fundo acaba por ter de ser um bocado assim. O trabalho do roteiro turístico parece que foi uma coisa pequena, mas teve um significado, fiquei satisfeito por ter feito aquele roteiro.”

ANEXO 6– PLANIFICAÇÃO DA INTERVENÇÃO

Sessões	Temas	Objetivos
Entrevistas iniciais		Avaliação inicial; Promover o interesse
I	Apresentação do programa e suas diretrizes	Revelar o conteúdo a trabalhar; Conhecer melhor o grupo; Esclarecer dúvidas
II	Lazer, cultura e património na cidade de Leiria	Partilhar conhecimentos históricos e culturais; Conhecer aspetos pessoais na relação com a cidade.
III	Memória e Afetividade	Aprofundar o conhecimento da História de Leiria, através das memórias; Relembrar os tempos antigos, lendas e tradições.
IV	Espaço Público e Espaço Privado	Conhecer e distinguir o espaço público do privado; Conhecer de que forma usufruem da cidade nas suas atividades do dia a dia.
Experimentação de um roteiro turístico da cidade de Leiria		Perceber de que forma se relacionam com a cidade
V	Questionários da relação afetiva com a cidade de Leiria	Obter memórias dos participantes com a cidade; Conhecer a aproximação que têm em relação com essas memórias
Entrevistas realizadas a comerciantes Leirienses		Conhecer Leiria pelas histórias dos Leirienses; Escolher os locais para a Fotomaratona.
VI	Memórias de Outros Tempos	Despertar a memória pela imagem; Partilhar e conhecer outras histórias.
Fotomaratona		Experimentar o roteiro; Tirar fotografias e recolher informações pertinentes acerca dos locais.
Entrevistas finais		Obter um feedback do trabalho realizado durante todo o processo de intervenção

ANEXO 7 – ESPAÇO PÚBLICO E PRIVADO, EXERCÍCIO



ANEXO 8 – ANÁLISE DE CONTEÚDO

<i>Diário de Bordo</i>		
Categorias	Subcategorias	Evidências
Relação com a cidade	Relação Afetiva	«disseram ainda não serem Leirienses e que não sabiam que local escolher já que “não tinham muitas recordações” de locais na cidade»; «Eu vivo em Leiria e nunca estive nesta rua”, Isto não era uma farmácia?”; “Não me lembro disto ser assim”».
	Relação Histórica	«um dos estudantes dirigiu-se a mim disponibilizando-se a trazer alguns roteiros de Leiria para que pudesse ver e facilitar o meu trabalho de estudo, voluntariando-se a fazer comigo uma visita pela cidade»; «os locais que escolhi para a Fotomaratona em específico não lhes despertava nenhuma memória antiga (positiva ou negativa), apesar de alguns deles irem ao encontro de alguns locais referidos por eles nos questionários».
Projeto (Dificuldades na Concretização)	Dificuldades de Entendimento	«Alguns dos participantes perguntaram-me se seria necessário trazer algum material para trabalhar ou se seria preciso tirar apontamentos»; «(...) estavam presentes dois estudantes»; «Um pouco antes de começar com o conteúdo ligado à cidade apareceram na sala mais três pessoas, que alegaram não terem sido informados que a aula começaria às 10:30h e que no horário estava que seria às 11:00h»; «a discussão levou à interrogação por parte deles em relação ao valor das suas memórias dentro de um roteiro. Dentro da lógica dos participantes, um roteiro deve ter conteúdos históricos e não as memórias particulares e afetivas de cada um»; «Uma das dúvidas que surgiu, na maior parte dos estudantes, estava relacionada com o nome dado à atividade, de forma que tive que esclarecer que o trabalho que íamos fazer surgia ligado à fotografia e à criação de um roteiro com memórias de cada um, e que mais tarde, se pretendia experimentar esse roteiro»; «falei-lhes da ideia de Fotomaratona (...) não demonstraram muito entusiasmo e duvidaram do porquê da mesma»
	Dificuldades em Trabalhar e Apresentar todo o conteúdo programado	«apercebi-me que já passava da hora, assim não consegui realizar a primeira atividade prática que tinha planeado»;
Participação	Partilha de Conhecimento	«pelo que se mostraram bastante compreensivos partilhando muitas informações de assuntos que eu não havia encontrado e factos que desconhecia»;
	Motivação	«Marquei a Fotomaratona duas vezes por falta de

		<i>comparência (...) apenas um dos estudantes presente assistiu a todas as sessões do projeto».</i>
Relação com o outro	Grupo (participantes)	<i>«acabaram por funcionar melhor em conjunto ajudando-se uns aos outros, até mesmo comentando um pouco da história que envolvia a questão em si»; «Enquanto assistia à aula apercebi-me de que todos são muito participativos e que trabalham melhor em grupo do que individualmente, apesar de não ser ao mesmo ritmo».</i>
	Projeto (eu e os participantes)	<i>«Após apresentar a ideia do projeto e esclarecer dúvidas que iam surgindo, um dos estudantes dirigiu-se a mim disponibilizando-se a trazer alguns roteiros de Leiria para que pudesse ver e facilitar o meu trabalho de estudo»; «bastante prestáveis e acolhedores, deixando-me à vontade. (...) Consegui aperceber-me do interesse de alguns estudantes presentes (...) percebi pelo “até quinta” deles, que poderia contar com eles na primeira sessão deste projeto”».</i>
Questionários		
Categorias	Subcategorias	Evidências
Relação com a cidade	Relação Afetiva	<i>«Vivo em Leiria muito perto do centro histórico e todos os dias percorro o centro da cidade a pé» (AM); «Como vivo na cidade usufruo diariamente, costumo diariamente – quando o tempo me permite – fazer uma caminhada.» (JJ); «Embora viva a 2km da cidade, todos os dias sem exceção venho à cidade tomar um café com amigos, fazer compras, etc.» (IS); «Poucas vezes vou à cidade, vou mais aos ensaios de cavaquinhos, ao campo de futebol ou à praça (...) eu ando no IPL, mas não passo no centro da cidade» (RS); «Foi o local onde uma das minhas filhas nasceu. A mais nova, a mais velha veio de Lisboa, pois eu trabalhava em Lisboa na empresa que me deslocou para Leiria. O sentimento: nascimento das minhas filhas» (JJ); «O Jardim Luís de Camões e uma pastelaria junto ao gato preto, onde aos domingos íamos comprar a nossa bola de Berlim (os tempos eram difíceis e o dinheiro muito pouco)» (IS); «O liceu Rodrigues Lobo (...) agora sei que fui vítima de bulling. Que colegas mazinhas que tive!» (IS); «A primeira vez que vim para Leiria foi quando tinha 10 anos para fazer o exame de 4.ª classe» (AF); «Vim para Leiria com 14 anos para começar a trabalhar» (FS); «Vim para Leiria a um casamento e encontrei o meu marido, depois casei e vim viver para Leiria» (RS); «Vim por razões profissionais» (JJ); «O meu pai era funcionário público na nossa aldeia e foi transferido para Leiria» (AM); «Vim para Leiria aos 10 anos de idade para estudar» (IS); «Senti-me à</i>

		<i>vontade dado ter consciência que estava preparado para o exame. No final recebi os parabéns pela minha prestação, pelo que fiquei muito satisfeito» (AF).</i>
	Relação Histórica	<i>«locais com mais valor histórico» (AF); «teatros e museus» (AM); «Mostrar tudo que Leiria tem e tudo que Leiria oferece» (JJ); «Leiria é uma cidade bonita, o castelo, os museus, as igrejas, a baixa da cidade, o nosso rio Lis, enfim é uma ótima cidade para visitar e viver» (IS)</i>
Projeto (Dificuldades na Concretização)	Dificuldades de Entendimento	<i>“Bons filmes” (AM); “Boas recordações” (RS) – respostas curtas.</i>
Entrevistas		
Categorias	Subcategorias	Evidências
Relação com a cidade	Relação Afetiva	<i>«Isso é já uma coisa que gosto de fazer sempre. Procuro todos os anos – quase que faço as mesmas coisas, mas a perspetiva é sempre diferente, a gente vê sempre a cidade de maneira diferente» (JJ); «Não tenho memórias de vivências de Leiria porque não sou de Leiria» (AF); «o exame no liceu, essa imagem ficou, eu não conhecia Leiria (...) nunca vinha para aqui (...) lá está foi uma coisa esporádica – teve que ser – não há um local que me diga em termos sentimentais» (AF).</i>
	Relação Histórica	<i>«Leiria tem um castelo lindíssimo para mim o mais bonito de Portugal, e a interação entre a cidade e o castelo está muito bem feita» (JN); «Até te digo uma coisa - eu sou de Leiria e eu não conhecia a casa do pintor, eu passo lá todos os dias e não sabia (...) a igreja foi a primeira vez que lá fui desde que ela está restaurada já lá tinha tentado ir mas estava fechada, gostei muito (...) não estou sensibilizado para estar a preocupar-me ou conhecer tudo, muita coisa me escapa» (JN); «(...) afim ao cabo andei, por exemplo eu nunca tinha entrado na asa do pintor, entrei pela primeira vez» (JJ); «Para já é termos conhecimento do espaço em que habitamos, saber defini-lo, saber o quê que há nas nossas aldeias, identificarmo-nos com elas e estudá-las também» (JJ); «Eles não conheciam Leiria, por aí pode-se ver que aquilo era para ti e para todos os outros também» (JJ).</i>
		<i>«O nome (risos) com a palavra digitais, pensei que fosse algo relacionado com a informática – informática, fotografia, trabalho de fotografia» (JJ); «O título chamava-se ‘Roteiros Digitais’, e eu fui um bocado por aí» (AF); «Tu tiveste azar no teu projeto, as pessoas estão aqui para ter aulas e se calhar não conseguiste, mas penso eu que se conseguisses mais chegar às pessoas elas ajudavam-te com certeza e</i>

Projeto (Dificuldades na Concretização)	Dificuldades de Entendimento	<i>participavam mais (...) as pessoas não tenham entendido o projeto – até nome sugeriu outra coisa (...) acho que as pessoas estão mais interessadas em vir aqui e receber uma aula, em participar na aula, do que estarem com a obrigação de colaborar com uma aluna que precisa de fazer determinado trabalho e que nós sejamos cobaias – eu estou a tentar perceber o quê que falhou» (JN); «A ideia era investigar novos programas turísticos – coisas que também não estavam nos roteiros oficiais e podiam ter algum interesse. Isso também estava curioso ver em quê que realmente podíamos selecionar e criar (...) acaba por ser uma componente não é palpável, digamos. O que está por detrás daquele espaço e local para cada uma» (AF).</i>
	Dificuldades em Trabalhar e Apresentar todo o conteúdo programado	<i>«se houvesse mais participação (...) a culpa não é tua. A culpa é das pessoas que se inscreveram e não se comprometeram. Efetivamente, quando nós saímos à rua viu-se que as pessoas mostraram interesse e aliás andaram a aprender» (JJ); «as coisas foram um bocadinho curtas (...) que dizer isto pressupunha também um bocadinho de mais tempo e as coisas mais dirigidas» (AF); «a ideia está bem. O conceito e a ideia está bem, só que devia ter sido mais puxado» (AF).</i>
Participação	Partilha de Conhecimento	<i>«Hoje em dia poucas pessoas da minha idade, ou mais velhas que eu, me ensinam alguma coisa – eu aprendo é com as pessoas novas – eu gosto de andar com as pessoas mais novas» (JN); «esta troca de conhecimentos acho que foi a parte mais enriquecedora do projeto, acho eu» (JN); «Foram. Aliás eu entrei precisamente para partilhar aquilo que sei (...) e também aprendi» (JJ); «é assim eu fui desenhador estirador, depois em 1986, mais ou menos, já começaram a introduzir computadores a nível de desenho do projeto (...) portanto, eu tive curiosidade, já há muitos anos que eu gostava de aprender modelagem tridimensional mas nunca tive a oportunidade para isso (...) e realmente consegui até certo ponto aprender» (AF); «é um trabalho de aprendizagem, e acho que nunca terminámos nada, há sempre coisas a acrescentar (...) o trabalho do roteiro turístico parece que foi uma coisa pequena mas teve um significado» (AF).</i>
	Motivação	<i>«Se eu me inscrever no semestre, ando lá o semestre todo» (JJ); «estas são atividades que ocupam algum tempo, trabalho à borla, mas é para o meu lazer» (JN); «foi por falta de tempo (...) estava ocupado com outras coisas» (JN); «eu gosto de muitas coisas, só que não se pode fazer tudo (...) eu faço a minhas</i>

		<i>escolhas, digamos que eu podia frequentar outro tipo de matérias (..) mas como não posso ir a todas tenho que fazer as minhas opções”(AF); “é verdade falhei muito, e tanto falhei que também falhei com as outras» (JN);</i>
	Participação Social e Aprendizagem ao longo da vida	<i>«Gosto muito de viajar, adoro ir à praia, gosto muito de jogar vôlei aquático (...) gosto acima de tudo de conviver, gosto muito de me relacionar com outras pessoas. O meu maior prazer neste momento talvez seja ser útil às outras pessoas” (JN – entrevista); “Costumo fazer natação (...) gosto de praia, gosto de dança, gosto de ginástica também atividades físicas que sejam adaptáveis para a minha idade – ah também gosto de pintura» (AF); «Interagir, conhecer pessoas novas e é a troca de conhecimento, a partilha» (JN); «Depois há a parte de participação pelo convívio» (AF); «eu quero ir conhecendo mais qualquer coisa e aprender mais qualquer coisa (...) não parar, estar ocupado, acima de tudo estar ocupado» (JN); «Adquirir conhecimentos, interagir com as pessoas. Criei aqui muitos amigos e gosto, sinto-me bem com eles» (JN).</i>
Relação com o outro	Grupo (participantes)	<i>«Criei aqui muitos amigos e gosto, sinto-me bem com eles» (JN).</i>
	Projeto (eu e os participantes)	<i>«Conta comigo para o que precisares» (JJ).</i>